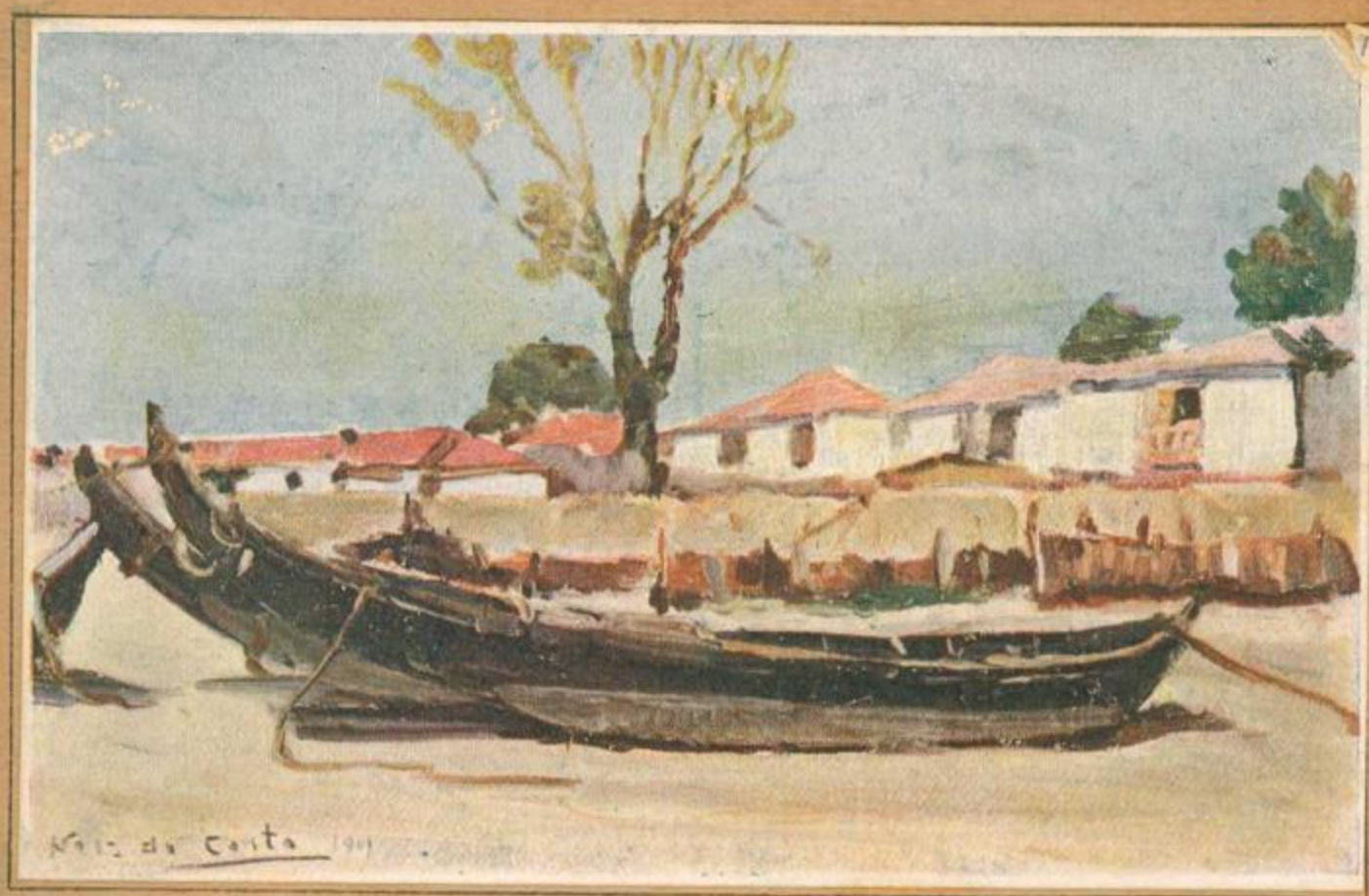


# ATLANTIDA

MENSARIO ARTISTICO,  
LITERARIO E SOCIAL  
PARA  
PORTUGAL E BRAZIL



NAVARRO DA COSTA — Burgo Vareiro

ANNO III

N.º 29-30

# ATLANTIDA

DIRECTORES :

NO BRASIL — João do Rio

EM PORTUGAL — João de Barros

SECRETÁRIO DA REDACÇÃO E EDITOR: Pedro Bordalo Pinheiro

N.ºs 29-30

Março e Abril de 1918

## SUMÁRIO

<i>Oleiros e pintores de louça e azulejo, de Lisboa</i> . . . . .	Vergílio Correia
<i>Um Soneto</i> . . . . .	Augusto Casimiro
<i>Des nuits trop lourdes</i> . . . . .	
<i>Terre de France</i> . . . . .	
<i>O que o mundo não vê (Conclusão)</i> . . . . .	Veiga Miranda
<i>Da beira-mar</i> . . . . .	Nuno Simões
<i>Paisagens de Portugal</i> . . . . .	Camara Reys
<i>Inácio Zoloaga</i> . . . . .	Luís de Ortigão Burnay
<i>A nódoa da amora (com uma carta do Snr. Dr. Coelho de Carvalho)</i> . . . . .	Maria Isabel de Sousa Martins
<i>«A Via Sinuosa,» de Aquilino Ribeiro</i> . . . . .	João de Castro
<i>As rãs clamam por um rei</i> . . . . .	Pedro Barto
<i>A propósito da obra poética da Senhora D. Maria Amália</i> . . . . .	Affonso Lopes Vieira
<i>O Brasil e os Professores Portugueses</i> . . . . .	João de Barros
<i>Olhos ao longe</i> . . . . .	Manoel Silva
<i>Ao deitar das águas</i> . . . . .	Seves de Oliveira

### REVISTA DO MÊS

<i>Música</i> . . . . .	A. J.
<i>Concerto Viana da Mota</i> . . . . .	Nuno Simões
<i>Notícia literária</i> . . . . .	
<i>Revista das revistas</i> . . . . .	

### NOTÍCIAS & COMENTARIOS.

*Desenhos de:* Raul Lino, Manuel Gustavo, Alberto Sousa, L. Ortigão Burnay, Santos Silva e Moraes.

## CONDIÇÕES DE ASSINATURA

### PORTUGAL, ILHAS E COLÓNIAS

Um ano (12 números) . . . . .	5\$00
Seis meses . . . . .	3\$00

### PAÍSES DA UNIÃO POSTAL

Um ano (12 números) . . . . .	Frs. 25
-------------------------------	---------

**Número avulso em Portugal \$50**

REDACÇÃO: Rua António Maria Cardoso, 26 } LISBOA  
ADMINISTRAÇÃO: Largo do Conde Barão, 49 }

# ATLANTIDA

MENSARIO ARTISTICO.  
LITERARIO E SOCIAL  
PARA  
PORTUGAL E BRASIL



R. III

# COMPANHIA DE SEGUROS IRIS

SEDE  
Rua Arco do Bandeira, 231, 1.º  
(AO ROSSIO)  
Telefona { Direcção 235 Central  
          { Expediente 386 Central  
          Telegramas IRIS  
Códigos RIBEIRO e A. B. C.  
LISBOA



AGENCIA  
Rua Trindade Coelho, 1-C, 2.º  
Telefone N.º 1516  
Telegramas: SEGURIRIS  
Código RIBEIRO  
PORTO

Capital: 1:000.000\$00 Escudos (Mil contos de réis)

*Seguros contra riscos de Fogo, Marítimo e Guerra*

CORRESPONDENTES EM TODAS AS TERRAS DO PAÍS

## UROL

CURA: Artrismo, Reumatismo,  
Cálculos, Gota, Obesidade, Nevral-  
gias, Dispepsias, Sciática, Eczema,  
Artério-esclerose, Areias. \* \* \* \*

FARMACIA FORMOSINHO

Praça dos Restauradores, 18-LISBOA

REPRESENTANTE GERAL NO RIO DE JANEIRO

JACINTO RIBEIRO DOS SANTOS—R. de S. José, 82 e 84

## ATLANTIDA

DIRECTORES:

João do Rio e João de Barros

EDITOR: Pedro Bordalo Pinheiro

REDACÇÃO: Rua António Maria Cardoso, 27

IMPRESA LIBANIO DA SILVA, Travessa do Fala-Só, 24—LISBOA



## Oleiros e pintores de louça e azulejo, de Lisboa

OLARIAS (ANJOS)

Fora da cinta formidável de muralhas que D. Fernando mandara erguer em volta de Lisboa, e para além das ruelas intrincadas e pitorescas da Mouraria, entestando com as hortas viçosas de Santa Barbara e S. Jordão (Charca), escabralhado pelos pendorres e pelas corcovas das abas do Monte de S. Gens, entremeado de almoinhas, paredes meias com os almocávares de mouros e judeus, estendia-se, já em tempos de D. João I, o agrupamento fabril da Olarias.

Mouros e cristãos trabalhavam aí, em oficinas caseiras, numa continuidade de tradições e de modelos, romanos, orientais e indígenas, o barro fresco que se arrancava nas encostas dos montes sobranceiros. Desde quando, ignora-se. Mas em alguns documentos coligidos por um investigador ilustre<sup>1</sup> encontramos informações interessantes acêrca da topografia e área ocupada pelas olarias nos séculos XIV e XV.

Num documento de 1377 cita-se uma casa térrea «que era no dito arrabalde hu vendem as ollas junto com as casas de Aly Pequeno». Em 1498, nas confrontações de um predio nota-se que êle «parte de hũa parte com tenda de R.<sup>o</sup> Annes oulleiro e de outra

<sup>1</sup> Pedro de Azevedo, «Do Areeiro à Mouraria», no *Archeologo Português*, vol. v, pp. 212 e 257.

com tenda de Garçia lopes outrosi oulleiro. E com hũ seu quitall e entesta de hũa parte com caminho publico que vem da porta de Santo Amdree E uaai para o chafariz da Roios (Livro 1 da *Estremadura*, fl. 30).

Um outro documento indica-nos, mais tarde, como, expulsos os Mouros depois de 1496, ficaram só os oleiros cristãos em campo, senhores da indústria. É de 1510 êsse documento, e refere-se a uma «tenda que está nas olarias que partem de hũa parte com temda que foy dalle almançor que hora he de mestre Jorge. E da outra com temda que foy de Mafomede Roballo e por de tras cõ azinhaga que uay ante elle e ho lagar de Pero Lopez do Carualhal e per diante cõ ho almocouar que foy dos mouros (Livro 13 da *Estremadura*, fl. 37 v).

Por essa altura o antigo agrupamento de casas era já um bairro. No Livro 6 da *Estremadura*, fl. 105 aponta-se o «arraualde novo da Mouraria da dita cidade homde estão os'olleiros» (Doc. de 1501).

E êsse bairro aumenta sempre. Em 1551, Cristóvão Rodrigues de Oliveira<sup>1</sup> menciona na área da freguesia de Santa Justa as Ruas das Olarias de cima, Olarias de baixo, Largo das Olarias, Calçada de N. S.<sup>a</sup> do Monte, Rua dos Cativos e Beco da Amoreira, e refere, na lista das profissões ao tempo exercidas em Lisboa: 206 oleiros, 16 telheiros, 22 homens que fazem tejo e 32 ladrilhadores.

É evidente que, dêstes 206 oleiros, muitos pertenceriam a olarias estabelecidas noutros pontos da cidade, mas esse número é por si só um indicador precioso da importância da indústria, no século XVI.

Tendo tido agora a felicidade de descobrir e consultar um elemento de informação de inestimável valor para o conhecimento das Olarias na primeira metade do século XVII — os *Róis de Confessados* dos anos de 1634 e 1637 a 1640, da freguesia dos Anjos — apresso-me a trazê-lo a público.

Estes *Róis* são talvez os mais antigos de Lisboa e os únicos, de toda a colecção que a igreja conserva, onde se discriminam as profissões dos paroquianos. Correndo-os, salta à vista com perfeita nitidez a vida completa do bairro nessa época. Casa por casa, rua a rua, aparecem os moradores com suas famílias e

<sup>1</sup> C. R. de Oliveira, *Sumário das Notícias de Lisboa*, (Ed. de 1740) p. 111.

uma minuciosa indicação dos seus officios. Por êles pode saber-se o número certo dos oleiros, o das suas oficinas e a composição destas.

Já então o bairro crescera muito, alastrara avante das freguesias do Socorro e Santo André. Fôra necessário até formar uma nova paróquia à custa da primitiva de Santa Justa. Composto de moradias humildes, mas já salpicado de palácios maciços onde viviam famílias de nomes históricos, — Maldonado, que deu o nome a uma travessa do Largo do Intendente, Coutinho, Melo, Pimenta, Sousa, Correia de Sá, etc. —, habitavam nela, principalmente, oleiros, almocreves e hortelões.

Mas os oleiros é que predominavam, ocupando ruas completas. A sua organização industrial era, ainda então, bastante simples: a da oficina caseira. Cada proprietário de olaria habitava na sua casa, ao mesmo tempo oficina e tenda, a qual possuía anexo, no quintal, um forno para cozer a louça. Com o dono residiam os officiais, aprendizes, forneiros e criados solteiros, que o auxiliavam na sua indústria. E toda a olaria de maior vulto possuía, além disso, um ou dois almocreves para o serviço de carro de materiais e entrega de encomendas. Nas casas em volta acolhiam-se os officiais e os pintores de louça e azulejo, casados ou acompanhados de família.

Esta organização faz-me lembrar a que conservam alguns agrupamentos de oleiros da provincia, em especial os de Viana do Alentejo.

Nessa linda terra, que emerge de entre extensos olivais e azinhal farto, existe um bairro denominado «do Castelo», que é, quasi todo, habitado por oleiros. São três ou quatro ruas cortando-se em ângulo recto, com as habitações de um só andar muito caçadas, as chaminés multiformes e risonhas numa fiada pitoresca sobre os telhados vermelhos. Por detrás de cada moradia um quintal, e nesse quintal um forno. O proprietário trabalha na sua casa, independentemente, ajudado às vezes por um official ou um aprendiz, quasi sempre da família. Êle próprio prepara o barro que vai buscar aos barreiros, o tritura, e amassa, e plasma, seca, pinta e coze. Depois, no seu carro alentejano de grades azuis ou vermelhas, ou nos ceirões e golpelhas dos machos, é êle também quem leva aos mercados os seus barros: essas lindas *quartas* de colo esguio, as *infusas*, as *panelinhas* de duas asas e as *tarefas*. E o que succede em Viana, acontece em Brotas, em

Beringel e no Redondo. Estremoz já não nos dá essa impressão, porque, embora conserve uma ou outra oficina caseira, adoptou de há muito o sistema da fábrica.

As olarias da freguesia dos Anjos da Lisboa seiscentista apresentariam um carácter semelhante. Ergue-se, nítidamente, no meu espírito o bairro dos oleiros tal como devia ser então, com as suas ruas irregulares coleando pelas corcovas e valeiros das abas da Senhora do Monte, o casario entremeado de quintalões onde fumegavam os fornos da cozedura, e de hortas viçosas salpicadas de oliveiras, restos das antigas plantações que desciam das encostas.

Tranquilidade, sossêgo inalterável no ambiente e nas vidas. São pouco barulhentas as oficinas de oleiro. O próprio rumor das rodas em movimento é macio e cauteloso . . .

\*  
\* \*

Delineado o quadro, vejamos a gente que o animava.

Eis a conta dos oleiros, pintores (de louça e azulejo), oficiais (obreiros), etc., que habitavam na área das Olarias em 1637, segundo o *Rol de confessados* desse ano da freguesia dos Anjos :

<i>Calçada abaixo</i>	Agostinho Antunes, oleiro, família, 3 criados, 2 almocreves e 2 obreiros.
Francisco Jorge, oleiro, solteiro.	Simão Dias, obreiro do anterior
<i>Terreirinho</i>	Pedro Roiz, idem.
Manuel Fernandes, oleiro.!	Manuel Salema, pintor.
<i>Rua da Oliveira</i>	<i>Rua dos Almocreves</i>
Pascoal Luís, oleiro, família e um almocreve.	Domingos Francisco, ol.
Domingos Francisco, oleiro.	Salvador Correia, pintor.
Manuel Gomes, oleiro.	António de Lemos, pintor.
<i>Beco dos Calivos</i>	António Nunes, ol., viúvo
Pedro Jorge, ol. e f.	António Fernandes, ol.
Jerónimo de Andrade, ol. e f.	Pedro Ferreira, pintor.
Luís Fernandes, ol. e f.	<i>Rua Larga dos Oleiros</i>
<i>Rua da Graça dos Oleiros</i>	Salvador da Cunha, pintor.
Francisco Simões, ol., viúvo.	Manuel da Costa, ol.
Pantaleão Pinto, pintor.	Alvaro Lial, ol.
Domingos Rodrigues, ol.	Manuel Coresma, ol.
João Dias, ol. e f.	Jorge Francisco, ol.
	Gonçalo de Oliveira, oleiro, família e 3 criados.



Romão Duarte, ol.  
 António Lourenço, oleiro, família, 2  
 criados e 1 almocreve.

*Beco da Amoreira*

António Alves, ol. — obiit.  
 Manuel de Oliveira, oleiro, família e  
 4 criados.  
 Agostinho da Costa, oleiro, família,  
 4 criados, 1 moço e 1 obreiro.  
 António Denis, obreiro do anterior.  
 João Miranda, ol.  
 Manuel Francisco, oleiro, família, 3  
 criados, 1 almocreve e 1 obreiro.  
 João Bôto, obreiro do anterior  
 Jorge Pires, oleiro, família, 2 cria-  
 dos e 1 almocreve.

*Tornando à Rua Larga*

Domingos Antunes, ol.  
 Miguel Nunes, ol.  
 Diogo João, ol.  
 António João, ol.  
 João Dias, oleiro, família, 6 criados  
 e 2 almocreves.  
 Bernardo Jorge, ol.  
 José Gomes, oleiro, família, 2 cria-  
 dos e 2 obreiros.  
 João Lourenço, obreiro do anterior.  
 António da Silva, idem.  
 João Fernandes, ol.  
 António Leitão, oleiro, família e 2  
 criados.  
 António Francisco, oleiro, família e  
 4 criados.

*Beco do Jordão*

Jorge Esteves, ol.  
 João Nogueira, ol.  
 Francisco da Costa, pintor.  
 António Rodrigues, ol.

*Rua Larga*

Simão Nunes, oleiro, 1 criado e 1  
 obreiro — obiit.  
 Manuel Pereira, obreiro do anterior.  
 Martim Gonçalves, ol.

Francisco Duarte, oleiro e 1 obreiro.  
 João Martins, obreiro do anterior.  
 Francisco Gomes, ol.  
 Miguel Francisco, ol.  
 Manuel Marques, ol.  
 João Luís, ol.  
 Manuel Rabelo, ol.  
 Antonio Nunes, oleiro, família, 1 cria-  
 do e 1 almocreve.  
 Francisco Gonçalves, ol.  
 António Francisco, ol.

*Calçada do Monte*

Antão Borges, ol.  
 António da Costa, pintor.  
 António Fernandes, ol.  
 Simão Jorge, ol.  
 André Luís, oleiro, família, 2 criados  
 e 1 obreiro.  
 Simão Gonçalves, obreiro do ante-  
 rior.  
 Manuel Marques, ol.

*Tornando à Rua Larga*

Manuel Francisco, oleiro, solteiro —  
 (desobrigou-se em Santos).  
 Tomé Pires, oleiro, solteiro.  
 Jacinto de Oliveira, oleiro, família e  
 6 criados.  
 Manuel Marques, ol.  
 Vicente Fernandes, oleiro e 1 criado  
 — obiit.  
 Francisco Pessoa, ol. — obiit.  
 Jerónimo Jorge, ol.  
 António Coelho, ol.  
 Domingos Francisco, ol.  
 Domingos Gonçalves, ol. — obiit.  
 Manuel Marques, ol., pobre.

*Bombarda*

Luís Moreira, ol.

*Calçada de Agostinho Carvalho*

Francisco Roiz, oleiro, família e 5  
 criados., obiit.  
 Domingos Francisco, obreiro do an-  
 terior.  
 João Dias, idem (?)

Agostinho Carvalho, oleiro, família e 5 criados.

Fernão de Alves, ol.

Miguel Duarte, obreiro do anterior.

Brás Luís, idem.

Tomás Pessoa, ol.

António Jorge, ol.

Diogo Gonçalves, ol.

*Boi Fermoso*

João Rodrigues, ol.

*Rua Direita — Boi Fermoso*

Pedro João, ol.

André Francisco, ol.

António Nunes, oleiro, família e 1 criado.

João Denis, ol.

Francisco de Barros, ol.

*Travessa da Cruz*

Bartolomeu Simões, oleiro, família e 3 criados.

Mateus Francisco, oleiro, 3 criados e 1 obreiro.

José Dias, ol.

António Martins, ol.

Simão Nunes, oleiro, família e 3 criados.

Bastião Fernandes, ol.

João Pereira, obreiro do anterior.

João Rodrigues, ol.

João Gonçalves, ol.

Domingos Francisco, ol.

André da Silva, oleiro, família, 2 criados e 2 almocreves.

*Telhal debaixo*

Bastião Gonçalves, telheiro, família e 2 criados.

*Telhal de Cima*

Bastião Francisco, tilheiro, família e 2 criados.

*Tornando à Rua direita*

Domingos Gonçalves, ol.

*Travessa do Maia*

João Antunes, ol.

Jorge Esteves, ol.

*Tornando à Rua Direita*

Pedro da Silva, oleiro, família e 1 criado.

Francisco Leitão, ol.

André do Vale, oleiro, família, 3 criados e 1 obreiro.

Simão de Sá, obreiro do anterior.

Manuel Gomes, ol.

Francisco Jorge, oleiro, e mulher — pobres.

António Francisco, oleiro, família e 3 criados.

*Carreira dos Cavalos*

Francisco Rodrigues, ladrilhador.

Partindo do princípio de que todos os nomes de oleiros que aparecem acompanhados de criados, obreiros, moços ou almocreves, representam proprietários de oficina, podemos contar, na área de freguesia, 24 olarias. Nessas 24 olarias, pertencentes a Pascoal Luís, Agostinho Antunes, Gonçalo de Oliveira, António Lourenço, Manuel de Oliveira, Agostinho da Costa, Manuel Francisco, Jorge Pires, João Dias, José Gomes, António Leitão, António Francisco, Francisco Roiz, Agostinho Carvalho, Fernão de Alves, António Nunes, Bartolomeu Simões, Mateus Francisco, André da Silva, Pedro da Silva, André do Vale e António Francisco, etc., trabalhavam 113 oleiros e obreiros, 8 pintores (de

louça e azulejo), 84 criados e 10 almocreves. Contando, é claro, com os empregados nas duas «telharias» de Bastião Gonçalves e Bastião Fernandes, situadas, respectivamente, no Telhal de Cima e no Telhal de Baixo. Em 1638, em vez de um, contam-se na freguesia, 3 ladrilhadores, mestres empreiteiros ou oficiais do fabrico e colocação de azulejos e ladrilho de pedra: o citado Francisco Rodrigues, Fernão Ferreira, morador na Rua dos Almocreves, e Matias Antunes, morador na Rua Direita.

Os *Róis* seguintes poucas modificações apresentam. Em 1638 e 1639 vive, na Rua dos Almocreves, José de Avelar, pintor, casado com D. Joana de Andrade. Quero crer, já pelo próprio apelido, já pelo título de *dona*, dado a sua mulher — designação que nos *Róis* só acompanha os nomes dos nobres —, que se trata de José de Avelar Rebêlo, célebre pintor dos meados do século XVII. Neste caso, a mulher, D. Joana de Andrade, poderia ser filha de Luís Álvares de Andrade, também pintor, que se finou em Lisboa no ano de 1631. Em 1639 foi José de Avelar Rebêlo encarregado de pintar 72 painéis para a Igreja dos Mártires, e é natural que por isto deixasse, nesse mesmo ano, a freguesia, o que o rol respectivo confirma. O aparecimento do seu nome nas olarias dá-nos porêem a certeza de que êle pintou em azulejo, e de que alguns dêsses curiosos painéis policrómicos, que nos restam do segundo quartel do século XVII, lhe pertencem.

São freqüentes, em documentos do século XVII, as referências aos *púcaros* e às *louças da Maia*. Uma relação de despesas dum convento de freiras, do mês de Julho de 1648, que consultei, forneceu-me mesmo a seguinte informação: «Gastousse este mez em panellas vidradas, 360; em louça pintada p.<sup>a</sup> serviço da Roda, 580; em louça br.<sup>ca</sup> para a cozinha, 990; em louça da maja e tijellas de Real, 980».

Esta louça de *maja* era, portanto, louça vermelha e grossa. Qual a razão do seu nome? Talvez os preciosos *Róis* dos Anjos, de 1637 a 1640, respondam a esta pergunta.

Rua Direita ou do Boi formoso, fora, encontravam-se, sucessivamente, a Horta dos Frades, a Travessa da Cruz (ainda existente, e que desemboca no Intendente), a Travessa do Sousa, (depois do Maldonado?), Telhais, debaixo e de cima, Travessa dos Curas (hoje Travessa do Forno), e Travessa do *Maja*. Esta Travessa da Maia, hoje provavelmente a da Bica, foi que, em meu entender, deu o nome à louça lá fabricada.

É curioso também notar que a actual Calçada de Agostinho Carvalho deveu o seu nome a um oleiro que lá viveu no meado do século XVII.

Como prova das relações existentes entre as olarias dos Anjos e as de Santos (imprópriamente chamadas pelo Sr. José Queiroz «olarias do Monte Sinay»), basta apontar a nota de — «desobrigou-se em Santos» — lançada adiante do nome de Manuel Francisco, oleiro, morador à Rua Larga.

\* \* \*

Os *Róis* que se seguem, de 1640 até a actualidade, são omissos no que respeita a profissões. Mas, pela composição do pessoal das casas, pelo número de oficiais, aprendizes e almocreves, consegue-se descortinar o número das olarias que continuaram a ocupar parte do bairro. O estremá-las, daqui em diante, ficará para outro trabalho. É conveniente, porém, deixar já dito alguma coisa acêrca de dois célebres pintores de azulejo que viveram nas Olarias, e cujos nomes e obra começamos a conhecer.

Trata-se de Bartolomeu Antunes e Nicolau de Freitas, os dois artistas que deixaram firmados os seus nomes sôbre os painéis de azulejo da capela das Almas, do convento dos Lóios, de Vilar de Frades (Minho).

Nicolau de Freitas era filho de António de Freitas e de Maria da Conceição. Nasceu em 1703 e foi baptizado a 10 de Setembro do mesmo ano, na Igreja dos Anjos. Foi discípulo do célebre pintor António de Oliveira, em casa de quem se conservou como aprendiz desde 1720 a 1724. Isto confirmam os *Róis de Confessados* das freguesias de Santa Catarina e dos Anjos, os primeiros dando-o como presente em casa do mestre Oliveira, morador às Casas Caídas, e os segundos omitindo o seu nome na casa paterna da Travessa do Forno (antiga Travessa dos Curas), aos Anjos.

Data de 1736 o painel de azulejo assinado — *Nicolau de Freitas a Pintou*, do Convento de Vilar de Frades. Morava então o pintor na Travessa do Forno (ainda hoje existente) na casa em que havia nascido, e em que depois da morte do pai, em 1734 ou 1735, vivia só com uma Antónia dos Prazeres e um aprendiz de nome Félix. Na mesma rua florescia a célebre oficina de António Gonçalves, e, na vizinha Travessa da Bica, a não menos importante olaria de André Gonçalves. É natural que o artista tivesse pintado azulejos para qualquer destas olarias, e ainda para as ou-

tras, vizinhas, de Romão Duarte (o célebre Romão dos púcaros?), à Bombarda, do Roque da Costa, do António Rodrigues, etc. Para quem êle, porém, trabalhou com certeza foi para o mestre Bartolomeu Antunes, morador ao comêço da Calçada do Monte, o qual assina painéis também datados de 1736, na citada capela das Almas.

As suas relações com êste mestre vão até o ponto de, em 29 de Setembro de 1745, já com 42 anos feitos, lhe ter casado com a filha mais velha, Joana Catarina Rosa, a qual trouxe de dote seiscentos mil réis e um caixão de roupa. É natural, portanto, que daí em diante trabalhasse de preferência para o sogro.

A 28 de Outubro de 1765, com 62 anos de idade, na sua casa de Monte Agudo, para onde tinha passado havia anos, extinguiu-se, serenamente, o que fôra um dos nossos grandes pintores de azulejo. Foi a sepultar ao convento da Penha de França.

Bartolomeu Antunes, o outro artista cujo nome conhecemos pelas inscrições de Vilar de Frades, era filho de Domingos Antunes e de Josefa Roiz. Nasceu na freguesia dos Anjos em 1688, sendo baptizado a 4 de Setembro do mesmo ano. Em 2 de Maio de 1716 consorciou-se com Maria Catarina, natural de Odivelas e filha de Amaro João e de Luísa de Barros, estabelecendo-se poucos anos depois, em oficina própria.

Em 1725 encontramos-lo instalado na Calçada do Monte, vivendo com a família e um irmão, João Antunes, que, no ano seguinte, figura como seu aprendiz. Em 1727 há na casa um novo aprendiz, António de Matos, e um almocreve, variando daí em diante a família e o pessoal da oficina, êste sempre reduzido a um ou dois aprendizes, aquela sempre crescente no número de filhos.

Em 1736 assina nos painéis da capela das Almas: *Bartolomeu Antunes a fes em Lx<sup>a</sup> no anno de 1736*. Em 1742, na capela da Conceição, do mesmo convento, acrescenta: *Bartolomeu a fes em Lx<sup>a</sup> nas Olarias no anno de 1742* (cit. de Joaquim de Vasconcelos). Em 1745 casa-lhe a filha mais velha com Nicolau de Freitas. Morre em Lisboa a 15 de Março de 1753, tendo de idade 65 anos, três dias depois de ter feito um testamento cuja cópia ainda se pode consultar na Tôrre do Tombo (Livro 225, p. 52).

Nesse testamento, pelo qual ficamos sabendo da sua profissão, de *mestre do officio de ladrilhador*, depois de encomendar a sua alma a Deus, declarar que deixa oito filhos — «Joana Catharina, cazada com Niculao de Freytas; o Padre José Antonio,

Presbitero do habitto de S. Pedro ; Anna Jozepha ; Antonio Antunes ; Brazia Margarida ; Gertrudes de Jesus ; Franc.<sup>co</sup> X.<sup>er</sup> de Passos e Fern.<sup>do</sup> Ant.<sup>to</sup> — e instituir vários legados pios, acrescenta :

«Declaro que eu estou fazendo, ou por m.<sup>a</sup> ordẽ a obra de Azulejo e Ladrilhos da Santa Basilica Patriarchal, por conta da q. tenho recebydo a q.<sup>ta</sup> de dous mil cruzados os quaes se levarão em conta no ajuste final da mesma obra de que meo f.<sup>o</sup> An.<sup>to</sup> Antunes dará conta».

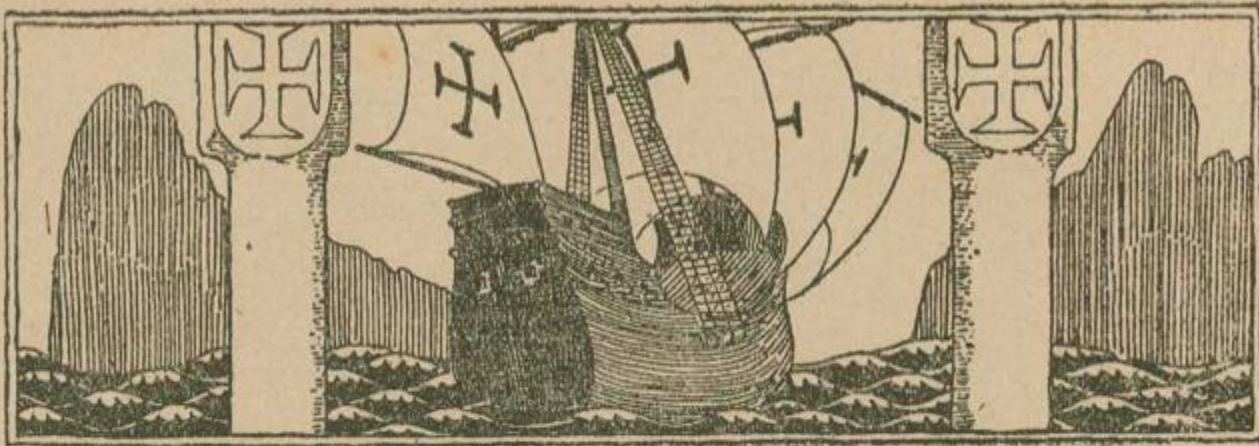
«Declaro outrosim que a obra do Dezembargador João Marques Bacalhão no ajuste final della se levará em conta todos os recibos que o mesmo Dez.<sup>or</sup> tiver meos em seu poder e esta he p.<sup>lo</sup> q̃ pertence á obra de Arroios, e pello que resp.<sup>ta</sup> á obra de Santa Catharina de Ribamar pertencente ao mesmo Dez.<sup>or</sup> em meo poder tenho o rol de conta ajustada pella qual se ajustarão as contas finaes».

São importantíssimas estas informações do testamento, pois nos confirmam que os mestres que assinaram os quadros de Vilar de Frades trabalharam, e muito, para Lisboa. A *Santa Basilica Patriarcal* é a Sé<sup>1</sup>, e os belos azulejos que lhe adornam as paredes ficam agora autenticados como de Bartolomeu Antunes e Nicolau de Freitas. Êsses azulejos, que de há muito me acostumara a admirar, e que supunha obra do primeiro tẽrço do século XVIII, são dos mais interessantes que conheço em Lisboa — a Cidade dos Azulejos —, e documentam esplendidamente o valor dos mestres que os executaram. Das duas quintas do Bacalhau, se uma cai em ruínas para lá do Alto do Pina, a outra, propriedade da família Palha-Vanzeler, ao Dafundo, conserva o seu maravilhoso revestimento de azulejos. Espero bem que, atrás destas, outras obras dos mesmos artistas nos aparecerão em Lisboa, fazendo inclinar para o lado das Olarias dos Anjos um dos pratos da balança, que Gabriel del Barco, António de Oliveira, Manuel Borges e Policarpo de Oliveira Bernardes<sup>2</sup>, haviam feito pender para o lado das Olarias de Santos.

VERGÍLIO CORREIA.

<sup>1</sup> O meu amigo e ilustre olisipógrafo, Matos Sequeira, foi também de parecer que esta referência á Santa Basilica Patriarcal não podia deixar de aplicar-se à Sé.

<sup>2</sup> A propósito de António e Policarpo de Oliveira Bernardes, cfr. o artigo publicado na *Aguia*, n.<sup>os</sup> 71 e 72, de pp. 198 a 208, intitulado: «A Família de Oliveira Bernardes».



## Um Soneto


---

*Ronda. Vou pela noite silenciosa.  
De linha a linha sem um tiro. Calam  
As trincheiras a voz tumultuosa  
E a vida e a noite e o céu e as almas falam.*

*Sôbre a confusa terra dolorosa  
A noite e a morte, no silêncio exalam  
Uma indecisa luz, branda e piedosa . . .  
Vozes se erguem em nós, cantam, embalam . . .*

*Entre trincheiras no terreno vago  
Floresce o luar. Ondeia, num afago . . .  
— «No man's land», — ó trágico jardim . . .*

*Mas, súbito, um clarão assombra a noite,  
Troa um canhão e, uivante, num açoite,  
Uma granada cai perto de mim! . . .*



## Des nuits trop lourdes...

---

*Les guetteurs veillent, le vent passe  
Infatigable dans sa ronde...  
Et le bruit vient, s'en va, s'efface  
Comme des frissons d'eau dans l'onde...*

*Dans les ténèbres qui menacent  
La mort guette aussi, vagabonde.  
La vie s'épuise, énervée, basse,  
Mais l'âme attend ; calme et profonde.*

*Des fusées risquent l'épaisseur.  
La nuit est charmée de lumière...  
Des fusées sont comme des fleurs...*

*Halte ! Qui-est là?... Personne...  
La nuit retombe sur la terre  
Et, loin, c'est un canon qui tonne.*



## Terre de France

---

a Henri Lavedan.

*Me voici sur ton cœur, enfin! — terre de France,  
Pour vaincre ou pour mourir sous l'œil du Tout Puissant!  
Je t'apporte ma foi et l'immense espérance  
Qui, dans les cœurs des miens fait bouillonner le sang.*

*Je suis contre ton sein, terre libératrice,  
O France, vrai pays élu de la beauté!  
Afin que, rachetant le monde, ton supplice  
Fasse éclore partout les fleurs de la bonté!*

*De Dieu contre Satan c'est la lutte effroyable!  
En chantant sous le feu tu m'y verras boudir.  
Notre amour doit venger le forfait incroyable,  
Un plus bel idéal, par toi, va resplendir.*

*Je te les offre aussi, mes frères : leurs visages  
Rudes et imprégnés d'un songe familier,  
On n'y peut lire encor' la vertu des vieux âges  
Et la foi conservée au rustique foyer.*

*Les voici, sur ton cœur, ces compagnons fidèles.  
Poètes comme moi, soldats, pâtres, marines,  
Âmes du Portugal, voyant luire sur elles  
Des nobles sentiments l'aube aux rayons divins.*

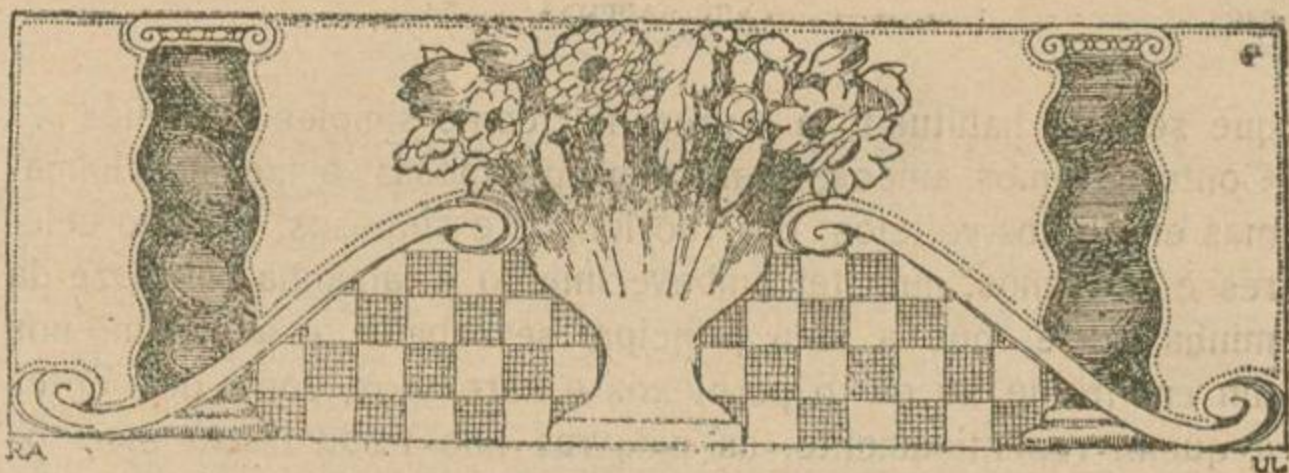
*Oh! qui dira jamais ce que les âmes cèlent?  
Les paroles, Seigneur, n'expriment que néant...  
France! France! Vois-les, leurs regards étincellent  
Et parlent d'infini, de ciel et d'océan!*

*O Poètes de France! O mères anxieuses!  
Cœurs de femmes exaltées par la gloire et les deuils,  
Vous, vous les entendez les voix mystérieuses  
Qui nous ont appelés et jetés sur vos seuils.*

*O force de l'Amour! Force jamais domptée!  
Nous irons en chantant nous offrir au canon,  
France, pour te donner la victoire escomptée,  
Et, s'il le faut, mourir en bénissant ton nom!*

Version de M. Paul Poulet.

AUGUSTO CASIMIRO.



## O que o mundo não vê...

(Conclusão)

Diante disso, meu caro poeta, deliberei suspender as considerações e assestar as minhas melhores baterias contra a «Vila Ecilã». Era demais, não? O meu amor contido, despeitado, colhia agora o pretexto dum desagravo, duma represália justa em favor da dama querida. Durante meses fui duma assiduidade tocante junto a Alice. Uma côrte sincera, à moda antiga, cheia de enternecimentos, de suavidades idílicas, porque eu não representava, não pretendia *bovaryzar* aquela mulher: eu amava-a. Mandava-lhe os bons dias todas as manhãs, numa cesta de flores, como a uma noiva; jantava lá, levava-lhe livros, trocávamos impressões de leitura, comentávamos a crónica mundana, salpicando eu tudo, propositalmente, de um humorismo estouvado, paradoxal, desdenhoso, entoando a apologia dos vícios, dos escândalos, dos adultérios. Ela ria-se, num riso encantador, de menina faceira, sem tomar ao sério as minhas rebeldias. Gostava muito de parasitas, de begónias e de avencas e, como o marido nada entendesse de botânica, era eu quem lhe classificava as orquídeas, e enxertava os cactos, acompanhando-a sempre às estufas e ao grande parque, donde jamais voltava sem um lindo cravo ou um botão de rosa que ela mesma colhia e punha-me à lapela com as suas mãos fidalgas, numa singela naturalidade de velha camaradagem.

Ah! meu amigo, eu já conquistara muitas mulheres, solteiras e casadas, por extravagância e capricho. A primeira vez que me via diante de uma por amor, verificava quanto é difícil a sério ó

que se está habituado a representar como simples comédia! . . . Contornávamos ambos, como duas mariposas, a mesma chama, mas em tantos volteios, ora tão longos e sinuosos, ora tão céleres e próximos, num tal embevecimento e tamanha subtileza da minha parte, que a idea principal se esbatia, e achávamo-nos um em frente ao outro perplexos e surpresos, como dois entes a quem, repentinamente, as palavras não traduzissem mais os pensamentos, e então as mãos, os olhos, os beijos, tudo se punha a querer falar, desesperadamente.

Para espiritualizar, porêem, decisivamente, o nosso convívio, sobreveio uma circunstância importante. Percebi, a certa altura, que Alice estava grávida. Já de há dois ou três meses ela deixara de ir a bailes e teatros, pretextando indisposição e cansaço. Um dia, ao subir do jardim, tive de ampará-la na escada, com uma tontura. Apoiou-se ao meu braço e durante inefáveis minutos senti a compressão do seu busto macio, ondeante, sôbre o meu.

Desistiu daí em diante de ocultar-mo: adoptou vestidos frouxos, êsses amplos *tailleurs* propícios a tais fases, essas *matinéés* compridas, rescendentes a singulares intimidades, êsses mantos leves, traspassados, que parecem quimonos japoneses. Mudou a forma do cabelo, apanhando-o em dois bandós para os lados, sôbre as orelhas, e prendendo-o todo, na grande massa de ouro, sôbre a nuca, com um largo pente de tartaruga. Isso lhe emprestara ainda mais à fisionomia uma vaga expressão amorosa, de lassidão, de enlêvo, mesclada de martirizada doçura.

Eu me sentia atraído, entre sugestões indefinidas, penalizado ante aquele fenómeno como de um agravo injusto. E a minha indignação contra Epaminondas recrudescceu: como aquele volúvel marido de *L'inutile Beauté*, de Maupassant, êle fugia do lar, acintosamente, durante o interregno sagrado, locupletando-se de pilhagens galantes, indiscretas, em aventuras banais de *pieds-à-terre* . . .

Nunca pude julgar se Alice o desconheceria. Eu é que, propositalmente, me ia tornando mais assíduo, como um protesto ao progressivo abandono. Jantava sempre lá, e quando Epaminondas saía, muito casquilho, de coletes flamantes, exalando perfumes, eu ia para a sala de música de Alice. Ali ficávamos até tarde, num tamanho enlêvo que nem percebíamos as horas. Líamos, eu cantava trechos de operetas, ela tocava Mendelssohn e Chopin e depois se punha a bordar, muito embevecida, o interminável

enxovalzinho para a criança. Por momentos assaltava-me a ilusão de que não existia Luís Epaminondas, de que o marido era eu, que aquela formosa criatura, aureolada pela maternidade, esperava um filho meu. Sentia um choque no coração e quasi atirava-me a ela, a envolvê-la nos meus braços, beijando-a vorazmente, numa explosão de todo aquele sonho. Creio que me fulgurava o olhar, em tais momentos, de algum lampejo mau, pois ao encontrar o dela os seus olhos se desviavam e ela falava logo de alguma cousa branda, distante, muito inocente, num tom pacificador de quem quere aquietar uma criança ou dominar, suavemente, um animal que se impacienta.

Numa dessas noites foi que lhe deixei para ler um livro de George Rodenbach, *Le Carillonneur*. O misticismo dos grandes sinos de Bruges, das ruas mortas, dos habitantes sonhadores, a imagem das alvas «béguines», a espectralidade dos casarões a reflectirem-se na água dormente dos canais, tudo a devia impressionar piedosamente, pensava eu. Mas acima de toda a emoção geral, do ambiente religioso, o que a deveria comover era o drama íntimo de Joris Borluhut, a desvairada sugestão do sino da luxúria conduzindo-o aos esponsais com Barbe, numa exaltação dos sentidos, que esmoreceria em breve para deixar bem senhoril, bem verdadeiro, o amor por Godeliève.

Ela enxergaria naquilo uma alusão ao nosso caso, pensava eu,

No dia seguinte dirigi-me para lá ansioso, como quem receia uma decepção amorosa. Eram nove horas da noite, Epaminondas já teria saído. A casa, ao centro do parque, flanqueada de arvoredo, estava como de costume silenciosa e escura. Apertei o botão da campainha e notei que, antes que viessem abrir-me, as duas janelas do gabinete de Alice se iluminavam.

— Ela adivinha que sou eu, pensei num frémito de alegria; e manda logo preparar o nosso lugar de palestra...

Alice já ali me esperava, de pé, trazendo nesse dia um longo roupão côr de laranja, enfeitado de laços e rendas escarlates. Parecia uma sacerdotisa pagã, envolta na túnica sanguinolenta, própria para os sacrificios. Aureolava-a uma expressão diversa, menos casta, menos inacessível, e como eu lhe beijasse a mão e a conservasse entre as minhas muito tempo, premendo-a numa carícia ardente, senti que lhe arfavam os seios ondeados, crescidos, e que toda ela como que se deixava apoderar de uma vertigem insólita, embriagadora. Estive para enlaçá-la e cingir ao meu

aquele corpo querido, buscar-lhe pela primeira vez os lábios num beijo sequioso, quando vi que dos seus olhos corriam lágrimas e a sua face assumia uma expressão dolorosa, martirizada, desconhecida para mim.

Contive-me, disfarcei o meu ímpeto sacrílego, cheio de confusão. Não tive ânimo de perguntar-lhe, naquela noite, se lera *Le Carillonneur*. Estávamos ambos embaraçados, e eu sentia-me ridículo, brutal, de ter pretendido aflorar, mesmo com o mais ligeiro beijo, aquela carne petalizada, de quási mãe.

Continuei a ir lá sempre. Os meus sentidos, pacificados, giravam em tórno à criatura sagrada como a uma noiva, intangível até que a hora dos esponsais chegasse, cedo ou tarde. Tudo me havia convencido de que era amado, mas a prova definitiva, irrefutável, tive-a ao ser-me devolvido o livro de Rodenbach. De tantas páginas de amor, de mil frases incandescentes ou suaves, apenas uma estava anotada com um traço ligeiro, rápido, fugitivo. Essa, porêm, dizia tudo:

— «Si Dieu avait voulu!»

Pronunciara-a, denunciando a recalcada ternura, a bôca virginal de Godoliève, numa repentina confidência a Joris Borluhut.

Era a lamentação de todo um passado, saüdade de tudo que pudera ter acontecido e não acontecera, recriminação do próprio destino para ao coração que se extraviara ficar manifesto desde logo o perdão do que sofrera... Joris Borluhut entre Barbe e Godeliève... Alice Rantz entre mim e Luís Epaminondas.

Reciprocidade perfeita! Poema da vida real, doloroso, perplexificante, como o do livro flamengo!

...Dias depois chegava do Sul, inesperadamente, a notícia da morte súbita do velho Rantz. Falaram em suicídio... Audaz, ambicioso, metera-se o banqueiro em mil especulações e um *crac* formidável no Uruguai aniquilara-o. Sabes quanto tudo isso se veio reflectir sôbre a fortuna do nosso Epaminondas. Sempre perdulário, affectara êle, após o casamento, umas atitudes de grande industrial, com fábrica de tecidos, fábricas de papel, fábricas de chapéus. Dera-lhe o delírio das fábricas... Dia a dia deitava pelos jornais grandes manifestos, encorporando sociedades anónimas, emitindo *debentures*, convocando assembleas gerais. Tudo aquilo não poderia ir bem, sob as vistas dum homem frívolo, mundano, preocupado mais com a exterioridade das cousas do que com o resultado real.

Mas, voltemos ao principal... O parto de Alice, devido a emoções tão sérias, foi perigosíssimo. Ela esteve às portas da morte. Coitadinha, era sina que deveria morrer moça!...

— «Viveu ainda seis anos».

— «É verdade. Berta tem hoje seis anos. À convalescença muito demorada seguiu-se uma viagem à Europa, com a estadia de meses em Davon-Platz e na Madeira: que, segundo os médicos, lhe periclitavam os pulmões. Escrevíamo-nos sempre, cartas repassadas de melancolia, e saúde. As dela, tudo o que havia de mais carinhosamente fraternal; as minhas, deixando transparecer, aqui e ali, entre banalidades, o mesmo desassossêgo, a mesma emoção insatisfeita, duradoura. Quando recebi o seu retrato, já de novo viçosa e aparentemente robusta, exultei, jurando ao meu coração que, pelo seu regresso, a fase dos amores entre Joris e Godeliève se abriria para nós, com a inebriante doçura duma aspiração muito retardada, subtilizada em ambos nós pelo escrúpulo da imaterialidade, pela nostalgia das ternuras mais inexprimíveis.

À medida que os meses passavam e outras fotografias vinham corroborar aquelas melhoras, a minha segurança crescia. Cheguei a mobilar de novo, com intencional elegância, todo o meu *cottage*, suprimi quadros chocantes e escolhi telas idílicas, de tonalidades meigas, para substituí-los. Sugestões inexplicáveis preludivam em tôrno a mim o maravilhoso poema, sem que uma única linha das suas cartas o autorizasse.

A maior, a única demonstração de amor por parte da Alice se resumia na frase anotada do livro de Rodenbach — *Si Dieu avait voulu...*

¿Lembras-te de quando Epaminondas regressou? A nossa espera em Santos, o almôço no Guarujá, uns versos alusivos que fizeste? Como ela vinha linda, não? Parecia-me mais grave, mais meditativa, modelada em contornos mais firmes. Perdera a silhueta frágil da *demoiselle* pelo resplendor magnífico da mulher. Os seus olhos pousavam-se nos meus com brandura, francamente affectuosos, sem esquivança, sem que das suas pupilas irradiasse o menor fulgor de pecado...

Voltei a ser o que era no seu palacete do casal Andrade. Um comensal assíduo, acolhido com o mesmo sorriso, buscado sempre que se retraía. Eu percebia bem que, perante a sociedade, o meu papel já era muito mais importante do que êsse...

Voltando aos bailes, radiosa, formosíssima como nunca, os

triunfos de Alice se renovaram. Ninguém se atrevia, entretanto, a requestá-la. Os leões da valsa fremiam a contemplar seu colônu, os seus hombros esculturais, e vinham depô-la, resignados, junto a mim, como uma cousa minha.

Eu me achava ridículo, cercado pela sociedade duma consideração imerecida, representando para aquela mulher um papel de anteparo, de isolador, se não fôsse pior, talvez, se ela não cometesse a injustiça de supor que eu me blasonasse de maiores favores, numa fatuidade imbecil. E resolvera por isso precipitar tudo, definir precisamente a nossa situação, quando um facto veio tornar para sempre irreparável a minha renúncia».

— «A tua renúncia?»

— «Sim... Ao recrudescer a minha côrte, ela não se espantara, não me opusera senão a mesma delicadeza, a mesma expressão de tortura e de mágoa. Compreendi que aquela mulher sofria de um pudor extraordinário, mormente para comigo. Habitualmente decotada, nos salões de baile e no teatro lírico exhibia, como todas as outras, a perturbadora nudez com indiferença; era eu aproximar-me, porêm, logo disfarçadamente abria o leque sôbre o seio».

— «Mas... a tua renúncia?...»

— «Nasceu de uma questão inesperada, alheia inteiramente a sentimentos, sobrevinda para nós como um motivo de embaraço, de vexame, salpicos de prosa em toda a poesia do nosso enlêvo...»

— «Diabo... Que poderia ser?»

— «Luís Epaminondas, como vieste a saber mais tarde, atravessava uma fase crítica. Os negócios corriam mal, as indústrias em desordem, as fábricas dando *deficit*. Nervoso, agitado, andava o pobre homem abaixo e acima, desatento à família, de escritório para escritório, de banqueiro para banqueiro. Um dia escreveu-me, aflitíssimo, que o socorresse com um empréstimo. Enviei-lhe um cheque, imediatamente, e êle, sem que eu pedisse, mandou-me um título a noventa dias. Explicou-me depois o caso, uma história de pagamento em retardo, facturas de encomendas da Europa, novos teares a instalarem-se, dificuldades passageiras em suma, no mais tudo ia muito bem, os lucros se lhe afiguravam seguros, avultados, naquele ano.

Eu sabia, aliás, que a sua situação era péssima.

O atropêlo dos negócios o afastava cada vez mais de casa. Acontecia telefonar-me, intimando-me a ir lá jantar, e, de repente,



quando eu o esperava, brincando com a pequenina Berta, ouvindo Mendelssohn que Alice tocava ao piano, chegava um telegrama: — não poderia vir, negócio urgente, jantássemos sós, mil desculpas... Alice sorria, e íamos para a mesa os dois, com uma naturalidade conjugal, dominados talvez pela mesma ilusão feliz que a presença da criança ali, balbuciando entre os braços da aia estrangeira, dourava de infinita castidade.

Uma dessas noites, à mesa, eu levei a buscar-lhe com insistência as mãos, a apertar-lhe a todo o instante os dedos esquivos, e, notando-lhe a agitação, o olhar febril, a boca trémula em que o sorriso contrafeito se desfazia às vezes num rictus estranho, julgava-a entregue às últimas vacilações, amadurecida enfim para o meu desejo.

Na saleta de música, tendo feito sair a aia com a criança, quando eu lhe tomava as mãos para pedir um nocturno de Chopin, ela retrafu-se de súbito, crispada, como que sacudida em calafrios, e enrodilhando-se a um canto do sofá prorrompeu num pranto convulso, intenso, que ela parecia querer dominar em vão. Curvei-me, interdito, tomei-lhe as mãos, creio que lhe beijei os cabelos. Quando viu que eu a acariciava, que iria enlaçar-lhe a cintura, procurar-lhe talvez os lábios, ela ergueu-se, fugiu-me... E, pouco depois, mandava-me pela criada um bilhete: sentira-se indisposta, nervosa; tinha muita cousa a falar-me... Iria no dia seguinte à minha casa».

— «Oh! bravos!...»

— «Cala-te, és um animal!»

— «Porque?...»

— «Perdoa... O que estás supondo, também eu o imaginei, por aquela noite inteira. Saí com o coração aos saltos, entoando um hino triunfal de amor. A manhã seguinte pareceu-me cheia de deslumbramentos, como se a natureza premeditasse bodas divinas. Enchi a casa de flores, preparei requintes de luxo, de suavidades, de discrição. Imaginava a cada momento vê-la chegar, oculta sob um longo véu, palpitante, receosa, desfalecendo de terror. Viria de certo a pé, confiante nas minhas precauções, portão do jardim aberto, casa deserta, criados indiscretos afastados preventivamente. Como não marcara a hora, eu a esperei assim desde cedo, estremecendo a cada barulho da rua, ao bater do portão, ao menor ruído de passos no jardim... Dia de torturas, dia de ansiedade, meu amigo! Afinal, cêrca de três horas da tarde,

parou um automóvel ao portão, fonfonando sem o menor mistério, e ali se deixou ficar à espera.

Eu a recebi no meu salão em penumbra, enluvada, fria, e com tal expressão de sacrifício e desdém que não ousei esboçar uma carícia. E ela foi falando logo, de pé, nervosamente, com palavras entrecortadas... — Só na véspera soubera que o marido me devia dinheiro... Que eu o havia socorrido, em transe que ela até então desconheceria. Fôra êle próprio quem lho contara, não para que ela mo viesse agradecer, não! Para... (e a voz daquela criatura tomava uma dureza metálica) para que me viesse pedir mais! Sim, o seu marido a encarregara disso, insensível à sua vergonha, ao seu desespero.

Fiquei aturdido, desapontado. Explicava-se de tal maneira a atitude de Alice na véspera, a sua inquietação, o seu pranto...

Fiz-la sentar-se, acariciei-a, desenluvei-lhe uma das mãos, beijei-a...

E estranhava a sua passividade, a sua aquiescência aos meus transportes, deixando que eu me colasse muito ao seu corpo, na maciez do sofá, entre a penumbra da sala perfumada de rosas.

Às minhas palavras de animação, de convidativa ternura, ela permaneceu muito tempo calada, até que afinal proferiu baixinho, com um dolorido soluço:

— «Sim, meu amigo... ¿Que direito tem de negar-se uma mulher como eu, que o próprio marido envolve em transacções de dinheiro, não é exacto?...»

Senti um tremendo choque a essas palavras. Ergui-me, abri de par em par as largas janelas, entrando logo um sol maravilhoso e o canto dos pássaros do jardim.

Parti no dia seguinte para Santos, onde, na praia, durante uma semana, levei a ler os *Vingt-un jours d'un neurasthénique*, de Mirbeau.

Durou ainda quatro anos êsse romance, durou até hoje, até ontem... Entre mim e aquela mulher, estragando o nosso amor, levantava-se a miserável questão de alguns cheques do banco, assinados por mim, recebidos por «êle». Nunca mais tive ânimo de a requestrar, certo de que, na sua possível aquiescência, eu enxergaria sempre o motivo deplorável, confessado entre soluços, no dia da grande esperança, na minha sala perfumada de rosas».

— «E afinal?...»

— «Nada mais. Diria dessa querida morta o que o cardeal

Dom Rufo disse da comediante fugaz, loura como ela, e por ser inatingível tanto mais desejada.

Conservei a aparência do que sabes, servindo prontamente ao marido em seus contínuos apertos por um grave motivo: para impedir que êle fôsse levado a tentar junto a outros, com fins idênticos, como tentara junto a mim, o sacrifício daquela criatura lirial, ingénitamente, fundamentalmente casta.

E aí está como aquele cavalheiro, nosso velho conhecido, teve a fortuna, hoje quási inconcebível, de ter sido, contra todas as regras sociais e contra as suas mais decisivas tendências, um marido incólume. . . »

Chegámos ao cemitério. Dos primeiros automóveis e carros saltavam pessoas pressurosas, de sobrecasaca e chapéu alto, e tomava as alças do pequenino esquite. Outros carregavam as coroas. Eu também tomei uma, a maior, de grandes saúdades roxas, com uma larga fita negra. E li a inscrição: «Do teu inconsolável Luís». . .

Luís ficara em casa, conforme o estilo, em lágrimas.

Entre os grupos que caminhavam, seguindo a morta ao túmulo, trocavam-se impressões e confidências. Próximo a mim, dois senhores dialogavam:

— Quantos filhos deixou?

— Uma, só uma filhinha. Vai o Luís Epaminondas criá-la, educá-la, na mais doce ilusão. . .

— Ilusão de que?

— Da paternidade. Pois não sabes? Dizem que a pequerrucha é de uma parecença irrefutável. . .

— Com quem?

— Ora, com quem. . . Todo o mundo sabe, menos você. Com um engenheiro architecto, velho amigo, amigo íntimo, ultra-íntimo, do casal. . .

Juliano Rosas vinha felizmente a alguma distância e não pudera ouvir a ultrajante inverdade.

S. Paulo, Outubro de 1916.

VEIGA MIRANDA.



## Da beira-mar

---

*A Navarro da Costa, marinlista.*

Nem o meu destêrro do mar nos anos últimos fez mais do que atear a velha adoração das ondas que alterna em mim a saúde do mar largo com o desejo infindável duma vida tranqüila entre pescadores à beira de água. E aqui me surpreendo de novo em frente das ondas baixas, perdidos os olhos na gama das suas cores inatingíveis, escutando de ouvidos presos esta indizível música das águas, tão próxima e tão longínqua ao mesmo tempo, preñhe de todas as vozes, regougante e soluçante, terna como uma oração ou uma confidência e revôlta como uma injúria.

Horas e horas, longe da gentaina que transplanta a cidade e os seus vícios para os toldes, aqui ficarei isolado, alheado de tudo, seduzido pelo mar, absorvido por êle, com a alma e os sentidos dominados por esta visão nupcial da espuma, que parece estar constantemente arrolando à praia ramos floridos de amendoeira que se esfolham, e por esta sinfonia velada das vagas em redor dos barcos suspirando . . .

Estendo os olhos:

— Azul cobalto no céu, azul molhado cambiando em verde na água batida, deslumbrada de sol agulhando a vista numa inquieta chama de reflexos prateados que mal deixa distinguir longe o casco dum navio voltado como um grande cadáver de monstro marinho, morto há muito e de que desiludidas nem já se abeiram asas de rapina, e a mancha movente como um grande lenço flutuando ou uma esbelta língua de chama duma vela vermelha.

Agora vão entrando as lanchas devagar. . .

Lá para o extremo, perto do friso do casaredo branco e raso como um bando de grandes aves de água ensaiando vôo, ajuntam-se banhistas, um povilêu heterogéneo de gente rica que busca o peixe por manjar e de rudes que se contentam com o que fica após a escolha.

É uma mancha negra e triste alastrando no areal e só jubilando às vezes pelo sangrento tom dum lenço minhoto ou pelos saíotes da arraia-miúda, que são tudo quanto resta das bizarrices de côr do nosso povo.

E na tarde quente, os barcos — Senhora da Guia os traz — a pouco e pouco, lento e lento, sereníssimos avançam na água plácida oleosa, quási polida, em que rápido se desfez a floresta do velame disperso.

Para cá e por todo o areal cálido e brilhante, os barcos parados descansam na orquestração de côres dos seus costados em que, a preto, avultam legendas de baptismo, ingénuas e religiosas quási todas.

E aqui mesmo, debaixo dos meus olhos, dêste alto de rochedo donde a vista abarca toda a curva marinha, lacerada de scintilas, faúlhante, andam seios de vaga, pouco maiores que as grandes lágrimas redondas a fabricar o rendado capricho florescente das espumas que na areia se desfazem, humílimas num rôgo.

E a infinita delicadeza dêsse véu de água com que as ondas ao morrer vestem a areia! a ternura de côr com que o sonho da onda já desfeito desce de novo à massa cérula! o milagre de sombra luminosa que os barcos realizam ao entrar dilacerando o tule sem igual das ondas mortas!

É isto tudo que aqui me tem, desterrado dos outros do bulício abominável do mundanismo, das bailarinas gafadas que nem um dos infinitos meneios da onda aprenderam, das mulherinhas elegantes que nem uma das graciosas ternuras da espuma assimilaram.

Quanto mais não vale embevecer os olhos neste contínuo sortilégio das ondas e das espumas, dos pescadores e das lanchas, ouvindo os cantos de água e os seus ecos mal distintos que são as melopeias arrastadas das mulheres altas, de olhos da côr das algas, que estão compondo as rêdes!

E ver chapinando, cabriolando, rolando com as vagas os filhos dos pescadores, nus, como pequenos bronzes esculpidos pelo sol

que, a demorarem-se na água, vão realizar o regresso do homem às ancestralidades sub-aquáticas, pelo alongamento dos membros em barbatanas e por um jeito grácil que, torcendo-os nos rins, os levará pelas ondas dentro, em demanda das filhas das sereias!

E supor depois maravilhado o que podiam ser esta água e este sol na cultura física duma raça que teimasse em esticar e enrijecer os músculos da sua mocidade, trocando-lhe em todo o tempo de férias pela jaqueta branca do marujo o casaco de figurino decadente, e pela fôrça dos remos a finura fruste das *badines*.

E visionar ainda extasiado a nossa vida marítima de outrora, a aventura das primeiras caravelas, e a audácia das conquistas de além-mar!...

Mas eis que este imaginoso relance me fez perder de vista tudo o que há em redor para só ficar nos meus ouvidos a música de sussurros, murmúrios, cantilenas, imprecações, gritos, que sei eu?! a complexa e intangível música do mar, tão constante de carácter e variada de motivos, humilde como o morrer do *Angelus* no crepúsculo, indomável pelo convívio das ribas alterosas; triste de todas as saúdes dos que partem e cujo adeus se instila no coração das ondas, e contente de todas as alegrias dos que chegam e cuja grita afoga a tristeza mais funda; grave como a voz da vastidão, e infantil e gárrula como um capricho sonoro das espumas.

Ah! não ter eu ouvido atento, subtil, iniludível que soubesse distinguir na harmonia lenta dessa maravilhosa orquestra marinha, cada voz e cada instrumento, o soluço em que morreu a onda mais soberba e o destino que guiou a mais pequena e humilde!

Felizes dos que no mar afazem os olhos e os ouvidos e para quem não há segrêdo de rumor que não penetrem nem mistério de paleta que não varem!

Agora, por exemplo, como a tarde vá caindo, — já o sol entrou no ténue fumo lilás que se evola da linha do horizonte e os reflexos na tona de água são de fogo — a harmonia das águas vai subindo, crescendo, cada vez mais fortes e nítidas as vozes e mais vagarosos os ritmos, como se os funerais do sol requeressem uma sinfonia em tudo irmã da estupenda grifa da côr que vai nos longes.

As flautas do vento primeiro tímido sopradas como por peito de cristão, depois mais forte e mais e mais, juntam à onda musical

a voz das ondas que se alteiam cada vez mais curvas e mais cheias, com suas cristas inflamadas, já lá de longe ameaçando.

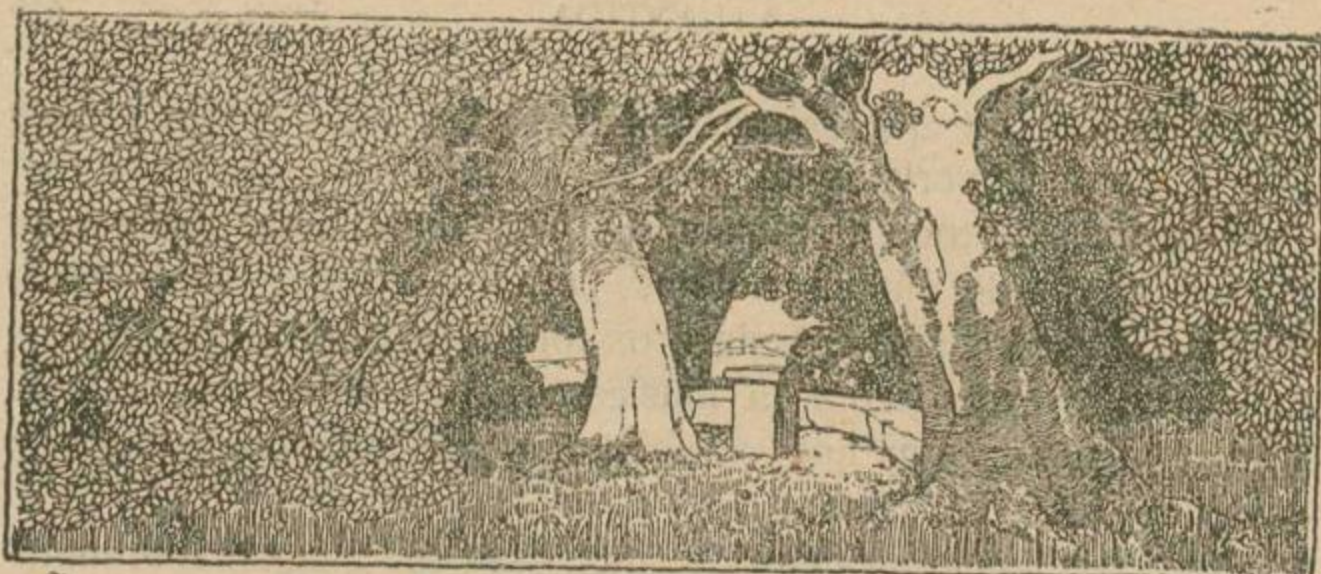
E quando de todo se afunda a grande labareda do poente num enorme coval de nuvens violetas, parado em redor todo o ruído humano, abandonados a praia e os toldes, sòzinho o mar na sua imensidade verde-escura, a música crepuscular é uma onda de som dominadora em que se amalgamaram todas as vozes e se vazaram todos os ruídos.

Ante o silêncio da beira de água, essa voz maga e sobrenatural, reboante como se o som de todos os órgãos cavados pelo mar na rocha escura nela vibrasse, parece vinda de mais longe, é mais desconhecida, transporta no seu marulho desgrenhado maus preságios.

¿ Quem sabe se a esta hora lá pela vida, ao abrirem no céu as primeiras estrêlas, não haverá quem, ouvindo dentro da alma esta voz soturna do mar, a busque e nela se engolfe para sempre sem remédio ? !

Agosto de 1917.

NUNO SIMÕES.



# Paisagens de Portugal

I

## VIAJAR

Chega um dia em que o acaso, uma leitura, o convite dum amigo, nos fazem desejar repentinamente o imprevisto e as aventuras das viagens. Sabemos bem, por experiência, que de um mês de peregrinações restam só quatro ou cinco lembranças muito belas ; mas essas bastam para que, na nossa existência, se alonguem grandes e delicadas emoções de arte e de saúde. Partimos sempre com esperanças nunca realizadas. ¿Que importa, se trouxermos reminiscências deliciosas duma paisagem, duma igreja antiga, duma mulher que passou e nunca mais veremos, duma escultura ou dum quadro cujas personagens se ficam movendo, dentro do nosso espírito, numa vida alucinada e bizarra ?

Viajar ! é uma palavra que ainda nos impressiona e consegue desenferrujar o arsenal romântico. O próprio confôrto da vida moderna favorece os devaneios e a formação dos episódios imaginários. Já não há a mala-posta, os solavancos nas sub-rodas, as estalagens misteriosas, as florestas e os seus bandidos, o luar que embranquece o serpentear sonolento das estradas, as alvoradas com o canto altíssimo das cotovias ou o anoitecer chegando às aldeias à hora da ceia e do serão... Já não singram os barcos à vela, adormecidos nas calmarias ou galgando as ondas ao assobio das nortadas — os barcos costeiros, de que se grita



para terra e que, ao entrarem nos portos, vão colhendo alegremente o pano. Mas nos grandes transatlânticos e nos expressos sente-se melhor a vertigem da velocidade e o esplendor dos vastos horizontes. A fadiga e a morosidade das antigas viagens desapareceram. A facilidade, o conforto, preparam melhor para o indeciso errar da imaginação. Os românticos, que viajavam em 1830, tinham belas visões, mas raras vezes confessavam, ao leitor benévolo, as suas dores de rins.

O que procuramos, sobretudo, nas viagens, sejam as longas peregrinações de meses ou as viagens na nossa terra, à maneira pachorrenta e familiar de Garrett, é sentir uma deslocação de hábitos, uma impressão de vida fácil, a novidade dos aspectos e das almas, o alijar das responsabilidades de todos os dias, o esquecimento das amarguras e fastios que levaram Laforgue a gritar: *Oh! que la vie est quotidienne!* Ar, céus, verduras, caseiras, rios e mares, palavras e risos diversos dos que vemos e ouvimos na banalidade da existência. Queremos, para o paladar e o olfato, sabores e aromas diferentes; esquecer, por exemplo, o cheiro do nosso bairro, esquecer o nosso porteiro, o moço de esquina, os cumprimentos da vizinhança. Esquecer os jornais, a ferocidade da política, o cabotinismo dos confrades, a urdidura das intrigas, as ambições de toda a gente e até — oh! perversidade dos nervos egoístas! — a emoção já gasta dos rostos amigos. Sacudir a esgotante, a desoladora canga das preocupações e dos afazeres, das voltas a dar, da tarefa regimental, a vida pautada e rígida que faz, quási sempre, da existência, uma esmoída e nauseante disciplina de caserna. Esquecer tudo, até as nossas esperanças e os nossos sonhos, e gozar a hora que passa, o minuto fugitivo, com a embriaguez de Guyau, sequioso, no alto da montanha, bebendo o copo de leite fresco, repassado de perfumes.

Como é delicioso, ao nascer do dia, o aflorar, aos olhos ainda estremunhados, de paisagens estranhas, povoações encardidas e pobres, descampados ou vergéis, cúpulas de igrejas ou pântanos adormecidos... Nos transatlânticos, animados como grandes aldeias, preguiçar nos salões de leitura, de fumo e de música, sorrir diante do teatrinho de fantoches dos pequenitos, comprar um molho de rosas no balcão da florista e entretermo-nos, pelas varandas e pelas pontes, amplos belvederes sôbre a esplêndida monotonia do mar, vivendo numa deliciosa ociosidade, propícia às digestões rápidas e optimistas.

À noite, quando tudo adormece, ouve-se o rumor das máquinas, as vozes sussurrantes dos camarotes vizinhos e o marulho da água roçando o costado do paquete. Deitados no beliche, sentimos o balouçar sereno e largo, poderoso e lento, do barco. E repentinamente, na sonolência que nos entontece, arrepiamos a lembrança de que há dezenas e dezenas de metros de fundura, sob o nosso corpo, e que o beliche onde vamos dormir pode ser também um túmulo inviolável. Um choque, um incêndio . . .

Imaginamos o alarme, a angústia, as correrias doidas do naufrágio . . . Durante segundos, estas sensações tomam um relêvo trágico . . . Mas o mar está calmo, o navio quasi adormeceu, passam no corredor uns passos leves. Entre céus e mar, na amplitude infinita das águas e sob a luz remota das estrêlas, vamos seguindo tranqüilamente a rota ainda há cem anos incerta para os navegantes. O homem do leme vela. Confiadamente, como uma criança a quem entoam uma cantiga dolente e vaga, adormecemos embalados pelo estribilho eterno do mar . . . . .

Às almas fastientas, em que há sempre um vago aborrecimento, desdenhoso, irónico e enternecido pela beleza e pela dor, as viagens servem para buscar, embora inútilmente, o que Baudelaire pedia à morte: alguma cousa nova, alguma sensação nova.

*Au fond de l'inconnu, pour trouver du nouveau..*

\* \* \*

Mas as pequenas viagens na nossa terra também têm um grande encanto. O nosso país é pequeno e belo como um jardim de canteiros estreitos; e as excursões pelas velhas e nobres províncias de Portugal são quasi tão caseiras como a viagem célebre de Xavier de Maistre. Em toda a parte encontramos um conhecido ou um amigo. Nos vagões há sempre um sujeito sorridente que calça os chinelos, põe o barrete de dormir e nos oferece da sua merenda. E como aprendemos a amar Portugal, entre as suas paisagens de vergéis floridos e os seus monumentos da Idade Média! Os pedregosos leitos dos rios de Trás-os-Montes; os vinhedos das encostas do Douro; os pomares do Minho; os pinhais severos da Beira, alongando-se até o cêrro formosíssimo do Buçaco; os campos saúdosos de Coimbra; a cantaria clara da Batalha, perpetuando as preces e os combates de

Nun'Álvares; a acre melancolia da Arrábida, dominando os dois rios e as duas cidades; Évora, que é talvez na península, a par de Toledo, a cidade mais evocadora para emoções e devaneios de arte; as charnecas alentejanas, sob as chapadas adustas do sol; e êsse florido Algarve mourisco, de terraços brancos e chaminés rendilhadas — quantos, e quantos mais assuntos, para grandes quadros amplamente traçados ou para esboços leves de pena de curto fôlego! E, realçando o encanto das populações ribeirinhas, das verdes montanhas, dos rios plácidos, a sonora e fresca orla de espuma do Atlântico, sôbre que se debruça a amável, a velha pátria dos agricultores pacientes e dos marujos aventureiros.

## II

### NO ALGARVE

Ao sair do Pinhal Novo, nas alturas do Poceirão, desaparecem os renques de oliveiras que ladeavam o caminho de ferro e a charneca alentejana, selvática e triste, sem aves e sem sombra, alonga as suas planuras rasas, onde brotam apenas ramos de giesta e a erva de pastos raros. Aqui e além, como uma baliza remota, ergue-se o tronco de alguma árvore solitária. Nem rebanhos, nem casais. Só o vento perpassa, numa impetuosa correria, sôbre os arbustos secos.

Parecem tão longas como a extensão árida, nua, das terras desoladas, as horas seguidas, de combóio, emquanto à portinhola passam, de quando em quando, casais ou povoações pobres, e a máquina avança, apressadamente, no silêncio e no abandono das planuras mortas.

Beja, vista de longe, com as suas duas tôrres encardidas, lembra uma dessas cidades moribundas, perdidas nos sertões, afastadas de mares e rios, que em tempos tiveram uma magnífica grandeza e agora se definhãem e apagam, como a luz morticã duma candeia agonizante.

Em Ourique começam os montados. O terreno, de raso que era, vai ondeando a pouco e pouco, escavando-se em ravinas, erguendo-se em colinas cobertas de estevas. Nos vales, correm veios de água, descendo da serra de Monchique. A paisagem, sobretudo pelo contraste repentino, toma um aspecto quási de

grandeza, severo, agreste. E, só ao entrar no Algarve, recomeçam as planuras, mas já com uma aparência alegre, fértil e variada.

A seguir a S. Bartolomeu de Messines — onde João de Deus fez os seus primeiros versos — as amendoeiras, as figueiras e as alfarrobeiras enfeitam, de verde-claro e verde-escuro, os campos do Algarve, semeando-o, até o litoral, de flores e frutos. Terra onde não há miséria, nele nasceu e foi passando, de geração em geração, pela bôca do povo, um dos mais lindos romanceiros regionais, com histórias de fadas, de mouras encantadas e rei mouros, que fizeram lampejar, durante séculos, pelos vergéis floridos, as suas tranças de ouro ou de ébano, e os seus alfanges de prata.

Faro é uma cidade branca, cheia de sol. As casas, com os terraços árabes e as chaminés esculpidas como bilros rendilhados, fazem realçar, pela alvura da cal sem manchas, o azul profundo, distante, muito límpido, do céu, onde raras vezes boiam nuvens ligeiras.

Chego numa tarde de procissão. Vêm os andores entre magotes de povo. Um anjo, afofado em algodão em rama, estende a Jesus um cálice de cartão dourado; Nossa Senhora, pisando montões de flores, ergue para o céu os olhos mortificados; Cristo, de mãos atadas, envôlto numa túnica roxa, prepara-se para o martírio; e, no andor final, já crucificado, agoniza. O borbórinho da multidão some-se no clangor da filarmónica, alinhada atrás do pálio, pondo uma barreira respeitosa entre os padres e o povo que se atropela no couce da procissão.

Nos arredores da cidade, à distância, os milharais lembram grandes relvões macios, dum verde-claro. No alto de Santo António, cuja torre ainda está esburacada das balas miguelistas, o panorama é muito amplo. Para além dos terrenos alagadiços, luz a faixa do mar. À esquerda amontoa-se a casaria de Olhão, à beira de água. E, para os lados das colinas, os campos são muito pitorescos porque não há um recanto, uma azinhaga, uma ondulação de terreno, sem um casal fulgente de brancura, entre árvores, com um quintalório semeado de milho, de trigo, ou de legumes frescos, e regado pela água das noras.

Das ruínas de Ossónoba, a dois ou três quilómetros de Faro, restam apenas as paredes desmanteladas dumas termas romanas,

com o chão de mosaico quási todo coberto de ervas. Há vestígios de fornos, de piscinas, de salas. As termas ocupam um espaço amplo, podendo-se avaliar por elas a grandeza da antiga cidade.

A um canto do edificio ergue-se, a meia altura, uma torre construída em tejo; e no chão, recoberto de plantas selvagens, ainda se entrevêem covas de tinhas e divisórias de quadras. É duma intensa melancolia evocar, na serenidade da paisagem silenciosa, as figuras sumidas de romanos ou de bárbaros romanizados que, pisando êste mosaico, há dois mil anos, tiveram paixões semelhantes às nossas e cujas sombras passaram sobre a terra tão imperceptivelmente como as nossas passam hoje, desvanecidas já amanhã na infinidade dos séculos.

Ossónoba foi uma cidade illustre, com bispos nos primeiros séculos do cristianismo e ainda florescente no tempo dos godos. Os árabes, levando de vencida os cristãos aterrados, chegaram aqui no entusiasmo do primeiro arremêso e destruíram-na.

Ao voltar a Faro, à noite, a cidade alvejava fantásticamente, ao luar, coroada de terraços brancos, silenciosa e álgida como uma necrópole de monumentais sepulcros, em que se esperava ver surgir repentinamente, subtilmente, rondas ligeiras de mortos ou de fadas.

A caminho de Vila Rial de Santo António a paisagem é duma monotonia alegre e viçosa. Terrenos em que nem a mais pequena leira fica sem cultivo; pradarias dum verde-claro; milharais que os lavradores aproveitam para plantar amendoeiras, alfarrobeiras e figueiras, tão boa e produtiva é a terra — alongam-se até perto do mar, de que nos separa a planura lamacenta dos *salgados*. Em Janeiro e Fevereiro, esta paisagem tem o encanto das amendoeiras floridas. Milhões e milhões de flores cobrem então as planícies do Algarve; e toda a província parece um maravilhoso jardim, perfumado e alvo. As copas largas e arredondadas das amendoeiras lembram grandes cabazes transbordantes de flores.

Vila Rial, terrinha pobre, sem animação, foi traçada segundo o modelo das construções pombalinas, depois de arrasada pelo terremoto de 1755. Mas a foz do Guadiana dá-lhe algum encanto.

Uma hora depois parti para Tavira.

É uma cidade triste, sem vida, sem alegria, sem ruído. Lem-

bra essas criaturas anémicas e dolorosas que um dia morrem, quasi sem o sentirem, num desmaio brando. Tavira é uma terra que definha, cuja vida esmorece, dir-se-ia, hora a hora. Não se sabe bem para que há, numa cidadezinha destas, edifícios públicos, autoridades, tropa, recebedores e padres. Tem-se a impressão de que, voltando a visitar Tavira, dias ou semanas depois, só se encontrarão casas abandonadas, por ter morrido ou fugido, para mais alegres sítios, esta dúzia e meia de criaturas que encontro nas ruas e nas praças, mirradas e silenciosas como sombras do Estígio.

O Séqua, com a sua ponte de pedra e o remansoso curso de águas quasi mortas, borda um jardim público muito cuidado, muito silencioso, sem viv'alma, lembrando o jardim da *Bela e a Fera*, à espera da princesa lendária que acordará, nas pétalas das flores, os olhos e o sorriso do infante adormecido.

Tavira é triste, mas já teve o seu dia de alegria. Foi quando António Cabreira veio de Lisboa à cidade natal — êle é tavirense da gema — vestido com a farda de sócio da Academia Rial das Sciências, distribuir folhetos seus pelas populações atónitas.

A garotada agarrou-se-lhe às abas da farda e às fôlhas dos opúsculos e ia dando com o sábio em pantana.

A certa altura fez um discurso duma varanda da câmara municipal e foi muitíssimo aplaudido.

Mas as lides da sciência esperavam-no na capital. António Cabreira limpou as lágrimas da saudade, meteu-se num combóio para Lisboa, e Tavira voltou à sua placidez glacial de sepulcro.

Como da presença dum grande homem podem depender a alegria e animação duma cidade!

Pobre Tavira! Pobre Cabreira!

Na subida da serra de Monchique, o terreno começa a acidentarse. Vão desaparecendo as amendoeiras e as figueiras; e o solo, mais árido, cobre-se de estevas e medronheiros. A serra, no começo da primavera, está despida de verdura. Só a meio caminho, num vale que o Arade rega, dois renques de formosíssimos amieiros alongam um dossel de folhagem sôbre o leito pedregoso do rio.

No Rosmalho há um taberneiro gordo, de suíças, muito bêbedo, por alcunha o *Frei do Rosmalho*.

Quando a diligência lá parou, estava êle com a língua gaga

de vinho, a cambalear à beira do balcão, fazendo discursos divagativos e escorropichando decilitros. Uma rapariguita, com um pequerrucho ao colo, e um pequeno de cinco ou seis anos olhavam-no muito espantados, enquanto dois campónios riam alvarmente da borracheira do velho. Um dêles levou um copo à bôca do pequeno e insistiu para êle beber. A irmã sorriu-se. E, durante um momento de silêncio, sentiu-se fora o ressonar dum homem, que se tinha estirado a dormir no banco da entrada, depois de vomitar o chão, para onde lhe rolara o chapéu.

Na estrada, meia dúzia de *cães* vadios lambiam esfomeadamente o cebo nos eixos dos carros.

Entrei para a diligência um pouco enjoado. E o cocheiro disse-me que as maiores bebedeiras, por aqueles sitios, não eram de vinho, mas de aguardente de medronho, que, sendo bem feita, dizia êle, é uma maravilha. Aconselhou-me que provasse e tocou os cavalos, para chegar, ainda com luz, às Caldas de Monchique.

No dia seguinte, de manhã, a caminho do pico de Fóia, vou subindo a serra despida de arvoredos, animada de raras choupanas e raros rebanhos, aberta em carcavões e vales áridos, de leito áspero, por onde se insinuam delgados fios de água.

Atravessamos um riacho, bebemos numa fonte pela escudela de cortiça dos caminheiros e chegamos ao pico da Fóia ao meio-dia.

O ar está tranqüilo, há névoa no horizonte cinzento, ao rés do mar distante, que jaz numa calma sonolenta.

É enorme o panorama.

Abrange parte da costa ocidental, alarga-se para além de S. Vicente, no alto már, e corre ao longo das praias do sul, até a casaria longínqua de Faro. Vê-se a curva ampla da baía de Lagos, a branca Alvor e a franja irregular da costa onde aproavam, há três mil anos, os fenícios aventureiros.

Êste trecho do Oceano, cuja vista se some para sudoeste, é o mesmo, segundo as tradições, em que o Infante D. Henrique embebia os olhos sonhadores. Foi do deserto alcantilado dessa pobre Sagres que êle se ergueu, dominador e grande como Bartolomeu Dias ou o Gama, fitando, para as bandas do mar tenebroso, o olhar de audácia e esperança com que os homens sondam os horizontes inexplorados.

Nove horas da noite, uma noite de luar, limpida, silenciosa, duma suavidade dormente. A maré está baixa e o areal da praia

da Rocha, branco, macio e plano, alonga-se até os montões de penedias negras onde o luar avulta arcadas altíssimas e se esbate à entrada de grutas cheias de treva.

A primeira impressão é de sonho, dum sonho suave, banhado nesta luz ténue e azulada que, a par do silêncio quebrado só pelo rumor dormente das vagas, envolve tudo num amortecido clarão, num apagado halo de mistério e de poética beleza.

A baixamar não cobriu de algas a areia lisa e branca, onde se destacam apenas os altos rochedos e as lapas escuras, semelhando colunas partidas, tetos desmantelados, capuzes de monges imóveis, ou fantásticos vultos, duma fauna antediluviana, parados ora numa gravidade solene de esfinge, ora num esboço indeciso de gesto grotesco.

E todas essas formas, todos êsses vultos se imaterializam sob o clarão álgido do luar, esbatido no nevoeiro leve que envolve o fundo distante dos paredões caindo sôbre as ondas.

Na amplidão do areal imenso, os nossos passos, que mal soam, fazem deslocar quási insensivelmente o fundo vago do céu, arrepiado de neblinas.

O mar está sereno e chão como um lago cercado de montanhas. E o luar, esbatido na planura das vagas, parece fazer recuar, para uma distância incomensurável, o horizonte embaciado de névoas, duma côr uniforme, desbotada e alvacenta.

O clarão das estrêlas quási se apaga no alvor da lua. A esteira da Via-Láctea mal se enxerga, tão tenuemente avulta no céu a sua poeira de prata. Dos lados de terra não há rumor, apagaram-se as luzes e as casas destacam-se, à claridade branca do luar, no fundo do céu, em que as trevas se esbatem suavemente.

No dia seguinte, de volta de Lagos, à noite, no hotel da Praia da Rocha, a filha do Sr. Viola aconselha-nos ir ver a *procissão do baú*. Deve sair às nove ou dez horas. . . .

— É assim cousa bonita, que valha a pena ir ver?

— É até bem feia!

— Então não vale a pena? . . .

— Vale, que há cousas que, à fôrça de serem feias, chegam a ser bonitas.

Mal sabe a filha do Sr. Viola que, nesta frase, exprimiu com uma admirável simplicidade o que Vitor Hugo expôs, duma ma-



neira grandiloqua e confusa, nas cinqüentas páginas do prefácio de *Cromwell*.

A *procissão do baú*, à noite, em Portimão, fez-me evocar cortejos bárbaros e fanáticos, reminiscências do culto de Moloch, trágicas fantasmagorias de ritos já mortos, desenrolados num tropel grotesco e fúnebre, pelas ruas estreitas duma vila remota. Movia-se a procissão ao som duma matraca brutal, que ora a punha em marcha, ora a retardava nas vielas atulhadas de povo. Desfilavam, aos grupos, as irmandades, vestindo sucessivamente de branco, de negro, de roxo, de encarnado, de verde, com as lanternas rendilhadas e pintadas da mesma côr das opas. Sob os andores, encobertos nas franjas pendentes, homens e mulheres em penitência ou cumprimento de promessas seguiam curvados, humilhados à sombra das imagens. As vestes sacerdotais tinham um brilho fôsko à luz amortecida das lanternas e só lampejavam ao clarão irrequieto e violento dos archotes de resina.

Havia um borborinho grosso, contínuo, de povolêu festivo. E um cheiro empestado, um cheiro estonteante, de náuseas, desprendia-se pesadamente da multidão amontoada.

O cortejo movia-se lentamente, descendo as ladeiras de Portimão, até a estrada. Aos clarões maiores dos archotes, a expressão violenta dos rostos suados, a côr berrante das lanternas e das opas, o balancear cadenciado das imagens, que pareciam enormes nos becos estreitos, lembravam autos de fé nocturnos ou caminhadas solenes e religiosas, de vítimas, para o altar cruel de algum deus de sacrifícios humanos.

A partida de Portimão para Silves, subindo o Arade, lembrou-me as tardes do Mondego, marginando os campos de Coimbra, que se sumiam ao longe esfumadamente, no azul do céu e do rio.

É a mesma paisagem branda, silenciosa e triste, por entre margens baixas, onde gaiivotas e maçaricos riais levantam o vôo lento, indo chapinhar mais longe, no remanso das águas quasi mortas.

No horizonte de colinas baixas, a vegetação pobre veste escassamente um terreno ponteadado de rochas. Quando o rio se alarga em pequenas enseadas, abrem-se, junto aos pastos secos, delgados rebordos de areais macios.

Às vezes os remos param de ranger nos toletes, a brisa enfuna a vela, a barca inclina-se e ouve-se o fresco murmúrio da

quilha, arrepiando a água tranqüila. No silêncio do rio e dos campos, deitados de costas, olhando o céu, sente-se um passageiro esvaimento dos sentidos, uma serenidade dormente, um vago perpassar de imagens claras, no fundo azul do espaço. E, ao fechar os olhos, não temos a impressão de vogar nas águas dum rio, mas a sensação inexprimível de pairar muito alto, como suspensos entre o céu e a terra, molemente balançados ao sabor do vento...

CAMARA REYS.



## Inácio Zuloaga

(EXCERPTO DE ALGUMAS IMPRESSÕES CRÍTICAS)

Percorrendo há pouco o Salon da Société Nationale des Beaux-Arts, impus-me como tarefa procurar entre os trabalhos expostos alguma cousa altamente afirmativa de personalidade e discriminar entre a multidão de expositores os temperamentos verdadeiramente artísticos da pintura contemporânea.

Importa observar que a maior parte das exposições são hoje duma tal monotonia de processos que quási destroem por completo o nosso poder visual. Érrro fundamental a exposição moderna, em que os quadros abundam aos milheiros pelas *cimaises*, numa orgia de quantidade conspicuamente antiestética! É preciso, na verdade, ter muito boa vontade para no meio duma tal profusão poder discriminar as obras de verdadeiro valor e que se não imponham simplesmente por uma como que loquacidade ôca.

Desafio quem quer que seja a que, depois de percorrer trinta salas, vá julgar com consciência a trigésima primeira. Impossível. Não há cabeça que resista. A verdade é que se acaba por não ver senão os quadros que nos saltam aos olhos pelo colorido ou pelo tamanho. O cérebro à força de ver tanta pintura acaba por se insensibilizar a ponto de se não ver nem forma, nem côr. Isto de percorrer salas umas atrás das outras todas cobertas de telas das mais variegadas côres e numa profusão sem limites só é próprio a dar-nos dores de cabeça. Será muito cómodo, o que não impede que seja absolutamente impróprio e caracterizadamente antiartístico.

A Societé Nationale compreendeu tão bem o que há de verídico nesta maneira de ver, que já agora começa a introduzir nas suas salas móveis e vitrinas de exposição para lhes realçar o aspecto e dar um ar menos de *étalage* comercial aos seus certames. Bem haja! Pena é que não lhe seja possível fazê-lo mais completamente, no que muito ganhariam os quadros expostos.

Há na exposição de 1914, como em todas, muitos trabalhos de indiscutível valor, mas pouca originalidade *consciente* e *consequente*: ser-se pessoal e original pela brutalidade duma afirmação unicamente declamadora e superficial é fácil. Não há dúvida que a escola é o grande e natural inimigo da personalidade, ainda que estou convencido de que, quem a tem, cedo ou tarde a afirmar-se.

É o caso que percorrendo esta exposição poucas personalidades verdadeiramente interessantes se nos deparam, ou mesmo nenhuma, até que chegamos à sala em que expõem Inácio Zuloaga, o pintor da alma espanhola, e Lucien Simon, o grande evocador da Bretanha, dois mestres da actualidade e que, estranha coincidência, se nos patenteiam, face a face, no mesmo local.

Qualquer dos dois altamente pessoais e fortes, Zuloaga é contudo, a meu ver, muito mais interessante e característico do que Simon. É um dos primeiros, senão o primeiro, dos artistas contemporâneos. Além de ser um grande pintor, extraordinário de virtuosidade, é, além disso, o que é mais, um artista na verdadeira acepção da palavra. Há, na verdade, hoje, bastantes mais pintores do que artistas, pois nem todo pintor é artista, como nem todo artista é pintor. Zuloaga é ambas as cousas no mais elevado grau.

Ninguém mais do que êle tem sido discutido. Na Exposição

Universal de Paris de 1900, se me não engano, teve a distinção de ver um quadro seu recusado pelo júri da própria secção espanhola. Era na verdade nessa época a sua pintura uma verdadeira revolução, como aquelas que só sabem fazer os criadores, e, como em geral sucede com estes, não foi logo compreendido. A transição era violenta de mais para agradar aos cérebros mais ou menos cristalizados, que naturalmente compõem a massa de todas as academias.

Não é êsse facto para estranhar, pois que é vulgar na biografia de todos os artistas criadores.

As ousadias, os ímpetos e as arrancadas de génio começam quasi sempre por serem alvos da mofa e desprezo dos *satisfeitos* da arte.

Vão passados apenas mais de dez anos e, oh! mudança! Inácio Zuloaga começa a ser reconhecido e consagrado como um grande mestre, um grande pintor, um grande estilista. Em Paris, em Munich, em Londres, e na própria Espanha, é Zuloaga tido e considerado como o homem do dia, o messias da arte moderna, a afirmação duma escola.

É discutido por inimigos e admiradores, com a paixão que só o génio desencadeia.

Em que consiste a arte de Zuloaga?

Zuloaga é um pintor diabólico. Tem a magia intensa e veemente da *alegria de pintar*. Pinta com a facilidade com que os simples mortais escrevem.

É um pintor moderno, mas impregnado do divino espírito da tradição, e que se vangloria de seguir nas pisadas dos grandes mestres da escola espanhola: Goya, Zurbaran, Greco, Ribera e Velasquez. É um mixto de Ribera, de Greco e de Goya.

Tem de Ribera a plasticidade da tinta e a veemência do pincel; de Goya o colorido ardente e sonoro; do Greco o misticismo intenso; de Velasquez tem a nobreza espanhola e o seu resplendor. E esta como que simbiose de temperamentos diferentes produz uma sublime e inolvidável personalidade.

Eu bem sei que na própria Espanha não falta ainda quem o critique e desvirtue, mas a verdade é que Zuloaga é a mesma Espanha com todos os seus defeitos e qualidades. É sem contestação alguma o exemplar vivo e representativo da alma espanhola: é toda a Espanha. É a Espanha de *Belmonte el Fenómeno*, a Espanha de Santa Teresa, a Espanha do Quixote.

A arte de Zuloaga é realista, dramática e decorativa. Para êle o arabesco da linha é tudo: não tem preocupações de atmosfera, nem de perspectiva aérea. Não procura reproduzir a realidade senão na proporção necessária para o efeito do seu quadro: entende, e muito bem, que em boa e genuína *arte* o efeito do quadro deve procurar-se, todo, na linha, no pitoresco dos assuntos e na intensidade da expressão. Não o seduz o realismo vulgar dum *cliché* fotográfico: tem o culto da eloquência grandiosa e da frase castiça e consubstancial apanágio de toda a grande arte.

Tem uma predilecção especial pela violência dos contrastes, no que continua o espírito de Goya. De Zurbaran e do Greco tem a rudeza forte e o misticismo arrebatado.

A alma da Espanha é por essência, como perfeita e substancialmente a define Guerra Junqueiro, um drama contínuo, abrasador; e Zuloaga é um dos seus maiores dramaturgos: é o espanhol sintético. A sua pintura é um grito de alma lancinante e fero da velha alma das Espanhas. É a afirmação altiva e apaixonada duma voluntária confinação artística que nos evoca tão sómente a quintessência do povo espanhol: o seu clero, os seus toureiros e as suas *majas*, num ambiente scintilante de côr e de carácter, entre ameias e catedrais.

Zuloaga não procura aperfeiçoar-se, progredir na sciência pictórica; toda a sua tendência é sempre para uma maior grandeza e intensidade de efeito, uma maior violência no sentimento das cousas e das pessoas.

Os quadros de Zuloaga têm o poder inebriante das essências capitosas, um enxofrado diabólico característico dalgumas telas de Goya; a sua sentimentalidade exaltada sangra apaixonada como uma Santa Teresa de Jesus; os paroxismos e os êxtases são os mesmos.

A intensidade de sentimento só é comparável nas suas telas à violência do colorido; dir-se-iam gigantescas iluminuras destinadas a ilustrar o missal enorme da grande catedral que é a Espanha.

Os trabalhos expostos êste ano são outras tantas obras primas: o retrato de Barrès, o retrato dum cardeal, são formidáveis, especialmente êste último.

O fundo do quadro de Barrès, representando Toledo, é simplesmente admirável. É o espectáculo que o escritor terá contemplado por mais duma vez, ao cair do sol, de volta dum passeio

contemplativo pelos *cigarrales* de Toledo numa tarde de estio, sufocante de electricidade. No alto da colina a cathedral enorme; em redor, toda a casaria, conventos e solares antigos, como que erguendo a Deus êsse calix consagrado pela grandeza dum passado glorioso. No fundo do vale provocante de beleza austera, a ponte sôbre o Tejo com as suas ameias e as suas tôrres. Aqui e além passam pequenas figuras goyescas; um céu plúmbeo e atormentado oprime o velho burgo de Carlos V, como que querendo esmagar-lhe a altivez sobranceira; mas um raio de sol poente bate em cheio na colina da cidade fazendo-a reviver por instantes, e por sublime magia, na purpura imperial.

O retrato de cardeal dir-se-ia um descendente glabro do Quiroga pintado pelo Greco. Ostenta as suas vestimentas carmesins; sentado de três quartos numa cadeira espanhola do século XVII; a face é ascética e arroxeadada; a bôca, de través, dura e inquisitorial; no alto da testa uma melena desgrenhada pelos suores místicos. O olhar é indiscreto de violência e de significação. Diante da figura está, de lado, uma ampla mesa coberta com um pano de ramagens garridas, e colocados em cima, flores, um livro de missa e um copo. Por detrás da figura do cardeal está a figura mística dum fâmulo, jovem acólito macilento, vestido de negro e com um facies profundamente agrecado; a mesma pose inclinada da cabeça imprime-lhe aquela sentimentalidade peculiar dos quadros do Greco. A alma dêste vagueia triunfante em toda a composição e estabelece êsse parentesco de família, que é a característica duma escola definida.

Tudo na afirmação de Zuloaga é sintético; sacrifica detalhes e divagações à intenção geral da obra; neste cardeal acham-se magistralmente evocadas a pompa e a ênfase do catolicismo espanhol, impregnado de paixão quási sensual. Zuloaga é mais sensual do que o Greco, de colorido pobre e ascético: é um Greco de culto externo, mais ligado pelo sangue a Goya. Parecendo-se com todos os pintores da grande escola espanhola é contudo diferente de cada um dêles em separado; as almas dos grandes pintores da Espanha dir-se-ia que se reúniram todas no arcaboço dêste vasconço, e por êsse meio, à porfia, continuam pelo seu estranho pincel afirmando a resnascença da arte ibérica.

A arte de Inácio Zuloaga é plástica, é pitoresca e é literária. É isto sempre. Diz-se que os seus fundos são teatrais, perfeita pintura de cenário. Pois que dúvida. Nem o artista procura ou-

tra cousa. Evidentemente que, se quisesse fazer realismo, não era assim que o faria. Não são os seus olhos que vêem, mas sim a sua alma: e êle quere-nos dizer o que ela sente.

As suas montanhas e as suas aldeias de Castela-a-Velha são psicologicamente reais, porque exprimem o carácter primordial das mesmas.

Não pinta como os seus olhos vêem, mas antes como a sua alma sente; tem o condão especial de transpor na tela por meio da composição, do colorido e da linha, os sentimentos de que a sua alma está impregnada.

A sua pintura é música, música de órgão, órgão de cathedral. Sinfonista colossal, as harmonias que emprega são sempre originaes, com uma predilecção especial, um tanto wagneriana, pela fanfarra de clarins. A sábia disposição dos naipes produz êsse perfeito equilíbrio, que se observa em toda a obra que sai do seu pincel.

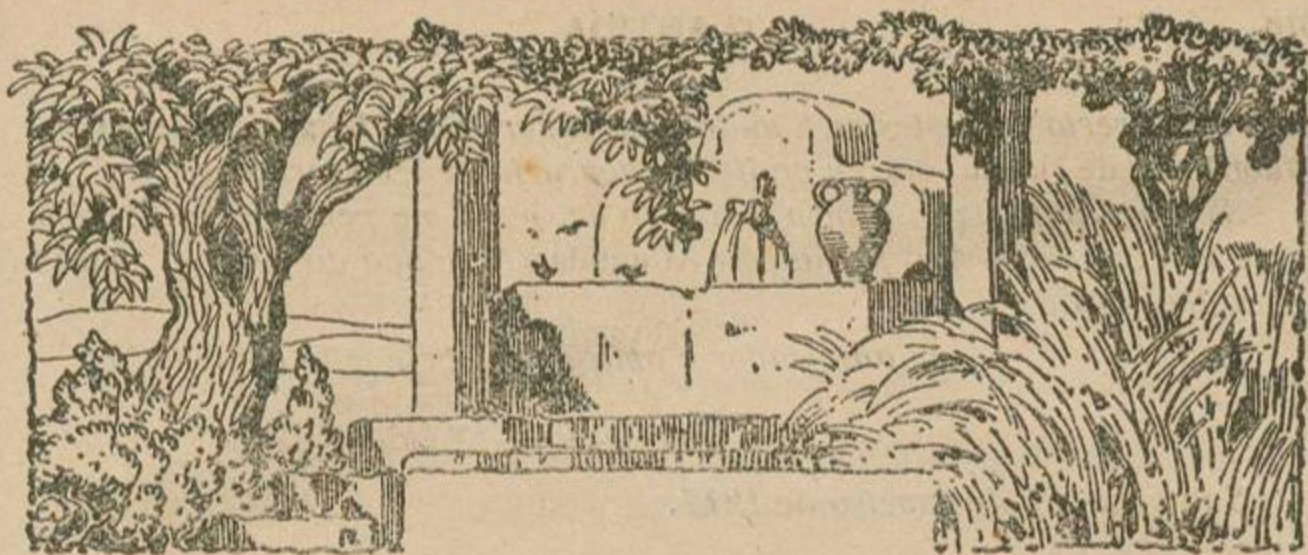
Os seus quadros têm, em suma, o encanto do D. Quixote: o mesmo pitoresco, o mesmo estilo grandiloquente, a mesma plasticidade.

A sua violência nobre e o seu misticismo apaixonado são do fidalgo da Mancha. Zuloaga pinta como Cervantes escreve.

Paris, 1914.

LUÍS DE ORTIGÃO BURNAY.





## A Nódoa da Amora

João de Barros, querido amigo:

É raro deparar-se-nos neste ofício das letras um espírito de mulher que devolvendo nos seus escritos impressões próprias, mostre ter tido a consciência de outras que não hajam sido unicamente as das cousas materiais que as cercam. Pelo seu mundo interior, o das imagens incoercíveis do sonho, o dos movimentos esotéricos da alma, por êsse, geralmente, não dão as mulheres; sem dúvida por muito preocupadas andarem, sempre a observar se o mundo exterior — o qual aliás elas pensam e crêem ter sido feito e existir só para as admirar — cumpre a sua obrigação admiratória.

É por isto que as mulheres, se lhes dá para fazer Arte, só nos revelam a imagem definida, precisa, linear do que as impressiona. Reflectem como espelhos, cantam como gramofones. Que grandes filósofos positivistas, e grandíssimos poetas parnasianos podem ser as mulheres! Uma vulgarizou Conte, nenhuma compreende Kant. É por isso que eu tenho em geral a sua observação da Vida, e a sua arte como cousas inferiores.

Dizia isto a alguém, que me contraditava, e para confirmar a verdade da sua contradita e mostrar o meu êrro, disse-me lesse o manuscrito, que ora lhe envio, meu caro João de Barros. É uma peçazinha para teatro, em um acto. Li-a, e com grande surpresa minha reconheci que a autora sai da vulgaridade da arte feminina, e nos dá a sua visão de modalidade da alma da mulher, em expressão verdadeira e vívida de movimentos psíquicos. E, com sinceridade lhe digo, tenho essa peçazinha que se intitula «A Nódoa da Amora» — que, como sabe, com outra verde se tira, diz o povo — por digna de ver a luz da publicidade na nossa primeira revista literária, a Atlantida, e para ela peço algumas páginas, quando escritos originais e de maior interêsse imediato para os seus leitores não abundem,

*pois estou certo que estes se hão-de comprazer com a leitura dêsse encantador lever de rideau, que eu muito me honraria de ter escrito.*

*Se Você satisfizer o meu empenho de, para me penitenciar do meu erro, ver impressa nas fôlhas da Atlantida «A Nódoa da Amora», muito grato lhe será o*

*seu admirador e amigo por obrigação e simpatia*

COELHO DE CARVALHO.

*Sua casa, 17 de Janeiro de 1917.*

## A Nódoa da Amora

PEÇA EM UM ACTO

POR

MARIA ISABEL DE SOUSA MARTINS

Personagens	{	HELENA, 20 anos
		PEDRO, 25 anos
		JOANA, ama de HELENA, 50 anos

A acção passa-se no campo. Quarto de *toilette*, elegante, mas simples. Janelas ao fundo. Cortinas grandes de cassa branca, bordada, presas aos lados com laços de sêda côr de rosa. À direita uma porta que deita para um quarto de dormir; à esquerda, outra que deita para um corredor. Guarnecem o quarto os seguintes móveis, todos pintados de branco: guarda-vestidos, toucador, uma estantezinha com livros, uma secretária, uma *chaise-longue*, forrada de cretone côr de rosa, sôbre a qual devem estar almofadas de vários tamanhos e feitios. Duas cadeiras da Ilha com grandes almofadas presas às costas com laços. Um biombo, uma mesa junto à *chaise-longue*, sôbre a qual se vêem ilustrações, livros, jarrinhas, retratos, etc. À beira da mesa um retrato de rapaz, um pouco maior que os mais retratos, tendo flores ao lado. Sôbre os móveis vêem-se vários *bibelots*, flores e *chache-pots* com plantas. Um *carpet* inglês côr de rosa.

### SCENA I

Instantes depois de ter subido o pano, Joana sai da porta, que fica à direita, a do quarto de Helena. Traz cara apoquentada; dirigindo-se às janelas abre as portas de dentro. Sai pela porta da esquerda. Linda manhã de primavera. Ouve-se fora o alegre chilrear dos pássaros. Quási em seguida Helena assoma à mesma porta. Veste um elegante roupão lilás. A sua attitude é estranha, como que assustada; depois, parece cair em si, e dirigindo-se rápidamente para junto da mesa senta-se na *chaise-longue*, pegando no retrato maior que está sôbre a mesa. Vai a beijá-lo com amor, mas pára. Como sentindo falso o impulso, beija-o com o respeito com que se beija um morto; pousando-o de novo sôbre a mesa fica-se a olhá-lo tristemente. Depois, suspirando, levanta-se com impeto; dirige-se à janela da esquerda, abre a vidraça, respira sôfregamente. O sol ilumina-lhe o rosto.

JOANA, entrando com o chocolate

Fez a menina muito bem em se pôr a pé. Para que lhe servia estar na cama a scismar?... E então, com uma manhã destas, até era pecado. Levantar cedo é que dá saúde. Era o que a

menina devia fazer todos os dias; levantar-se e ir dar um passeio por essa quinta abaixo, pela fresquinha. É um regalo ouvir os passarinhos... Veria como se achava melhor... Olhe para mim; velha, mas rija que é uma beleza, graças a Deus.

HELENA, que tem estado como alheia a tudo, reparando em JOANA

Ah! sua teimosa! foi buscar-me o chocolate. Você bem sabe que não posso tomar nada logo de manhã.

JOANA

Bem sei, menina; mas como à noite não quis tomar o leite; deve estar numa grande fraqueza, e isto assim não vai bem. O pesadelo desta noite, cá para mim, não foi senão fraqueza.

HELENA

Não me façás lembrar...

JOANA

Ora vamos lá a ver... Coma ao menos um palitinho...

HELENA

Pois sim, para lhe fazer a vontade. Sempre teve a mania de dar de comer... (Tira um palito e come) Olhe, ama: como passou a mãe a noite? Estava há pouco tão aflita, que nem me lembrou perguntar.

JOANA

Como costuma... A senhora condessa sempre mal e agora, como se tem mexido mais com a vinda para a quinta, por causa da saúde da menina, pior. Esta noite teve ela uma falta de ar!...

HELENA

Ó amazinha!... Não diga nada do que eu lhe contei, não? Pobre mãe, como ela se enganou, pensando que a vinda para aqui me faria bem! Sinto-me aqui muito pior. Sabe, ama: o Pedro conseguia com a sua conversa e os seus conselhos animar-me. O meu mal não é do corpo: é do espírito... Êle tem tanta pachorra e é tão bom; era tão amigo do Jorge. (Recordando-se) Mas que sonho, ama, que horror de sonho... (Pega outra vez no retrato) Jorge, meu querido Jorge, diz-me que não estás zangado, que não me julgas ingrata; tu bem sabes que o não sou. Que olhar tão triste! pareces-me hoje mais triste do que o costume. Pobre Jorge!... (Chora nervosamente)

JOANA

Então, menina, voltamos à mesma?... O menino Pedro... Ai! agora menino! o senhor doutor: êle — agora já não é menino, mas pelô costume não me ajeito a chamar-lhe doutor — estava tão contente com as suas melhoras quando viemos para aqui, e hoje, pela primeira vez que êle cá vem, encontra a menina desta maneira... Isto não tem jeito... Êle vai ralhar, e faz muito bem.

HELENA

Que quere, ama? Estou debaixo desta impressão... Que infelicidade a minha, amazinha!...

JOANA

É natural que a menina tivesse pena do senhor D. Jorge. Êle era muito bom! lá isso era! Deus lhe fale n'alma e o tenha lá no Reino da Glória! Era muito seu amigo... Mas também a menina é muito nova, e essa tristeza ainda lhe vem a passar... Oh! se vem!... Olhe: quando me morreu o meu Joaquim, eu até quis morrer com êle; mas depois foi-me passando, e quando conheci o meu Manuel, gostei tanto dêle que do Joaquim, coitadinho! por mais que scismasse nem já me lembrava da côr dos olhos. Já lá estão ambos! E quando morreu o Manuel — Deus me perdoe! — já não fiz tanto alarido como do primeiro... Já sabia que com o tempo tudo passa...

HELENA, horrorizada

Cale-se, ama, por Deus! Prometi ao Jorge nunca o esquecer, e não o esquecerei...

JOANA, encolhendo os ombros

Pois sim... A menina ainda há-de ter muito quem a queira e a quem a menina queira também... Verá...

HELENA, terna

Cale-se, ama: já lho pedi.

JOANA, mudando de conversa

Que lindo dia..., mas o sol já aquece... (Vai como para cerrar as janelas. Reparando, exclama com alegria) Olha quem ali vem: o menino Pedro... Êle também [não dormiu a manhã na cama, não senhor...

HELENA, surpreendida, pondo-se de pé com interêsse

O Pedro? Já! Mas então em que combóio veio êle? (Espreita pela vidraça) É êle, é... Julguei que fôsse brincadeira sua... (Disfarçando o entusiasmo) A ama, que embirra tanto com os médicos, do Pedro gosta, não é verdade? (Sai do pé da janela para defronte do toucador).

JOANA, vai indo para a porta

Sempre gostei muito do menino Pedro... Agora, como médico, deve ser tão bom como os mais... (Ouvem-se ao longe passos no corredor. Joana abre a porta, Helena dá um pequeno arranjo ao cabelo e vem sentar-se na *chaise-longue*).

JOANA, falando para fora

Seja muito bem vindo! Que madrugada foi esta? Só o esperávamos ao combóio do meio-dia. Isto é que foi uma surpêsa! Entre!...

PEDRO, fora

O quê, para aí? A Helena já está visível a estas horas? Bravo!... bravo!...

JOANA

Faça favor de entrar, que a menina Helena já está a pé há que tempos.

## SCENA II

PEDRO, entrando

Adeus, ama; como tem passado? (Para Helena) Mas que grande surpêsa para mim vê-la a pé. Faz-lhe muito bem à saúde, sabe? Então como se tem dado cá pela quinta? Está melhorzinha?... E sua mãe?

HELENA

Sinto-me na mesma, aqui como em toda a parte; ou talvez pior aqui... A mãe, essa, coitada, passa sempre mal.

PEDRO

Os ares são muito puros: deve por fôrça fazer-lhe bem..., se tiver juízo, está claro. (Para a ama) Que tal se tem ela portado por cá? A ama é que está esplêndida... Ainda está capaz de enterrar o terceiro... Vale mais que as raparigas.

JOANA, indo buscar a chícara

Não diga isso, menino Pedro... Ai! desculpe! Nunca me lembro que já é senhor doutor!

PEDRO

Mas para si continuo a ser o menino Pedro... (Para Helena) Sabe, Helena, que se não estivesse levantada, não teria tido hoje o prazer de a ver?

HELENA

Então ainda bem que estava. Mas explique-me isso melhor... Não percebo porque me não havia de ver?

PEDRO

Pelo simples motivo de ter de partir daqui a uma hora.

JOANA

O quê? Vai-se embora?

HELENA

Não passa o dia connosco?

PEDRO

O que bastante me contraria, mas não há outro remédio... Tenho de estar de volta no combóio das onze.

HELENA

Ainda não disse porquê.

PEDRO

Uma operação a que não posso faltar.

JOANA

E a tal operação é feita pelo meni... (Corrigindo) Pelo senhor doutor?

PEDRO

Não: eu só ajudo. Por enquanto só tenho cortado nos mortos, que, coitadinhos, se não queixam, nem me tornam responsável pela morte dêles.

HELENA, contrariada

Logo havia de ser hoje essa operação... tudo assim...

PEDRO

Não calcula como fiquei aborrecido; mas é um caso grave, não podia ser adiado.

HELENA

E o Pedro, coitado, ainda se veio maçar até cá! Vai ficar cansadíssimo...

PEDRO

O prazer de a ver compensa bem o caminho ; e, depois, não acho longe. É só hora e meia...

JOANA

O que podia era ter mandado um telegramzinho...

PEDRO

Sim, podia; mas não tinha a certeza de que chegasse aqui antes do meio-dia, e a essa hora chegava o combóio em que eu devia vir. Como tinha tempo, achei muito mais agradável vir eu mesmo...

HELENA

Sempre muita bondade da sua parte...

PEDRO

Oh! Helena, por quem é...!

JOANA

Com que então, nem ao menos fica para almoçar?

PEDRO

Não é possível. Voltarei amanhã ou quando mandarem. Tenho sempre o maior prazer em cá vir.

HELENA

Amanhã e sempre que o Pedro queira... Julgo que não está à espera de convite para vir cá. Sabe bem quanto todos nós somos seus amigos...

PEDRO

Tudo favores que eu não mereço...

JOANA

Está hoje duma modéstia encantadora!...

HELENA

Mas já que não almoça, há-de por força tomar um chocolatezinho. Já lhe fui buscar a chícara...

PEDRO

Não tomo nada, muito obrigado.

HELENA

Toma chocolate para me fazer companhia...

Manda?

PEDRO

Peço...

HELENA

PEDRO, sorrindo

Nesse caso é uma ordem... (Helena serve Pedro)

Bolos?

HELENA, oferecendo bolos

Isso não, muito obrigado.

PEDRO

JOANA, para Helena

Depois venho pela bandeja...

HELENA

Sim, ama. (Joana sai).

### SCENA III

PEDRO

Reparei agora melhor em si, Helena. Acho-a mais abatida... Isso não pode ser...

HELENA

Olhe, para lhe falar com toda a franqueza, sinto-me aqui muito pior. Estou só; tenho mais tempo [para pensar em cousas tristes... Era escusado sair de Lisboa. Há males que se não curam com mudança de ares...

PEDRO

Quere então deixar-me mal da primeira cura que empreendo?

HELENA

O meu mal não é do corpo, e os médicos não têm obrigação de curar o mal que nos mortifica o espírito.

PEDRO

O seu mal, Helena, podia mais depressa ser curado por um rapaz interessante e de espírito do que por mim, apesar de médico...

HELENA

O que quere dizer?... Não compreendo...



PEDRO

É muito simples... Quero dizer que, falto de espírito e de interêsse como sou, sinto-me incapaz de a distrair, e portanto de a curar.

HELENA

Oh! Mas que idea! Se assim fôsse... decerto o Pedro, como ninguêm, já me teria curado.

PEDRO

Não busquei a amabilidade, creia...

HELENA

Tambêm não procurei ser amável; disse o que sinto e o que penso...

PEDRO disfarçando, depois duma pausa

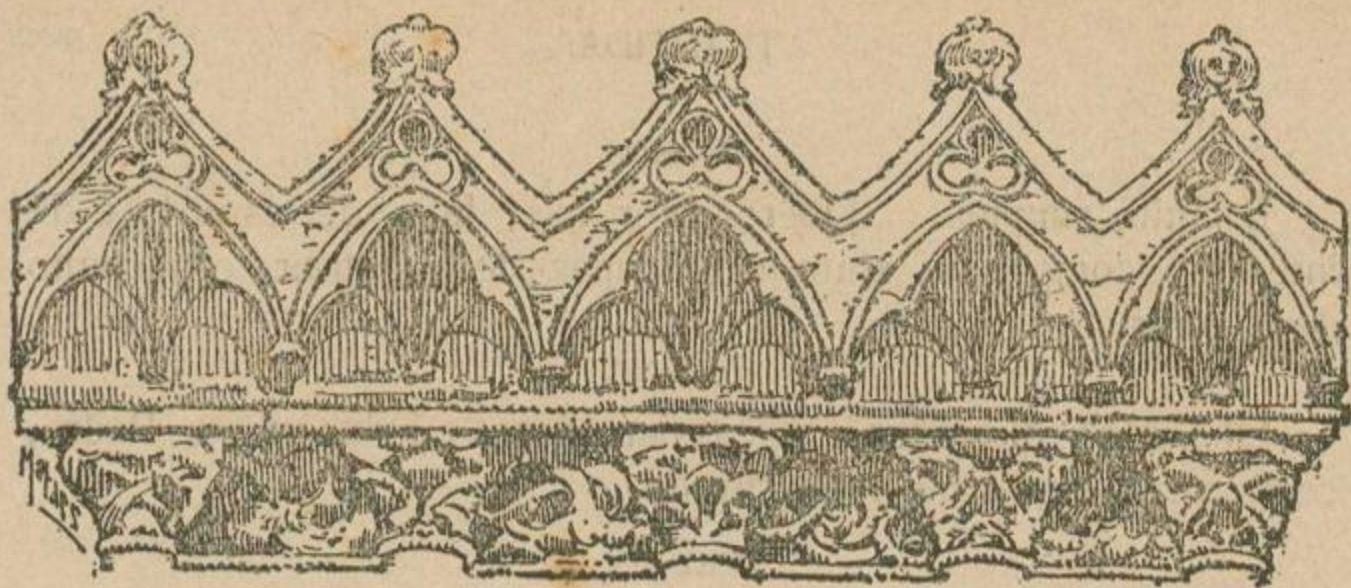
Vamos lá a saber: o que tem feito por cá?

HELENA

Nada, ou quási nada. Passeio, às vezes; mas uns passeios muito pequeninos... Ainda não fui ao fim da quinta, — veja lá! Maça-me andar muito...

(Continua).

MARIA ISABEL DE SOUSA MARTINS.



## «A Via Sinuosa», de Aquilino Ribeiro

DO SEU SIMBOLISMO ; DO SEU REGIONALISMO ; DA SUA EMOÇÃO

Creio poder fixar para agora o momento em que as linhas causais da nossa evolução literária vão realizar uma consequência definida e afirmativa.

Uma das provas que, presentemente, se apresentam à minha dedução crítica, e não das menores, é, em seu conjunto, idea dirigente e factura, *A Via Sinuosa*, de Aquilino Ribeiro.

Seu valor prolonga-se, para mim, em explicação dum passado de que é, em parte, resultante, e dum futuro que acompanha e precede.

Mas o que mais importa, neste momento, à própria fixação das suas qualidades gerais, é o estudo do seu valor e criação individual.

O meio em que uma energia criadora se manifesta, e de que em parte resulta, é, não uma condição absoluta, mas apenas a necessidade de maior ou menor reacção.

E é, ainda mais particularmente, da energia individual do autor a sua consequência materializada no valor do seu livro o que se me impõe dizer à inteligência do público, limitada à emoção isolada e sem associações ideais.

Na moderna visão crítica duma obra terá de partir-se dum ponto de vista absolutamente oposto ao passado.

Constituída a estética colectiva pelas estéticas individuais, a crítica não pode referir a um absoluto a relatividade de realização, estabelecendo um conjunto de regras.

Definitivamente conquistámos para a arte a liberdade individual. Por isso a crítica se modificou a um valor mais inteligente e menos oficial. Ela tem hoje por fim procurar a grande emoção última do livro, e dizer como se realiza, através de que sugestões, e não por que meios e com que processos.

Emoção é o significado da obra de arte: — de ordem sentimental ou intellectual ou até, unicamente, o valor abstracto da sua realização. Para isso a crítica tem de ter uma alta visão que lhe permita sentir a mais íntima vibração da obra de arte, e uma perfeita inteligência que lhe não deixe antepor sua razão criadora.

É por isso o valor ideal, o significado último de *A Via Sinuosa*, o que interessa estabelecer para determinar a emoção última com que ficamos, e porque, para a explicar, iremos dizendo da sua realização.

Para mais sua emoção final, seu significado, é simbólico, o que altamente o intensifica por lhe dar valor representativo maior do que a simples sugestão.

Neste romance *A Via Sinuosa* toda a suposição de simbolismo está no seu título. É a história e o drama dum caminho.

Essa via ideal que Libório vai trilhando, não é, porém, um meio exterior à sua alma, mas a própria expansão da sua vida.

E talvez mesmo pela influência do drama a que o romance se propõe, seu símbolo não nos aparece como valor representativo duma abstracção que a vida do romance explique. Uma outra categoria de símbolo é a sua, mais coadunável com esta forma de arte essencialmente vital.

É o próprio conflito da vida lançado como intensificação, e com a necessária exageração dos caracteres que devem contribuir para fixar a resultante. A psicologia daquela Vida de que resultará o símbolo, de que lhe são meio e modificação, os ideais que por ela passam são as causas que estuda para a sua consequência.

E nisto é o romance de Aquilino Ribeiro altamente inteligente. E é esta sua qualidade, também, que mais o define e lhe estabelece o carácter geral.

Não há na revolta adolescente de Libório Barradas o resgate duma desgraça ou duma escravidão. Sua única desgraça, e a razão de ser do conflito, é a própria revolta.

Não valorizando a idea anterior, meio primeiro do seu conflito, também o não faz para a idea nova, e, assim, põe de parte o conflito de princípios, e sua discussão. Mas o autor vai mais longe na fixação do seu drama e nisso me parece ver toda a sua intenção. Não simplesmente a inteligência que foge ao processo realista acanhado e pouco verdadeiro de discutir princípios, como se em abstracções pudesse haver primazias, mas o não lançar o sofrimento da alma tipo do romance com um ou outro, o que, íntimamente, estaria na razão de arte e de vida que presidiu à criação do romance.

Aquele Libório Barradas, tão hesitante ainda, não podia representar a decisão entre dois valores e seus sofrimentos. E é também pelo carácter, muito definido no romance, de sua hesitação que êle não represente uma revolta contra a sociedade, o seu sofrimento no presente colectivo.

Não há ainda, na evolução da sua tragédia, uma grande alma definida abrindo conflito com determinados princípios. O factor que muda não é o ideal mas sua compreensão perante uma psicologia definida, mas essa psicologia variável caminha para definir-se.

É exactamente a definição dessa alma, a sua hesitação e seu evoluir, o que constitui o drama no romance de Aquilino Ribeiro. Mas, mais que a psicologia duma alma, é a síntese dum período de hesitação social, de caminho para um fim, o que o drama daquele indivíduo representa.

E nisto vai todo o elogio de Aquilino Ribeiro. Duplamente, porque na psicologia do seu indivíduo complexo soube definir um momento de multidão, e porque evitou esta sabendo dá-la perfeitamente naquela figura tipo.

O indivíduo infantil que é em suas acções e reacções mútuas, sempre, a

multidão, apenas poderia definir um momento desse caminho. Em relação à psicologia complexa do indivíduo superior, síntese, interpsicologia dos grupos, apenas nos dá a intensidade e a fixidez dum dos momentos isolados. Um momento do indivíduo superior é todo um longo drama na massa: — drama final para a porção de multidão que o representa e que com êle acaba, para dar lugar a outra multidão também final no momento que vive.

Uma evolução só será por isso estudada com inteligência num indivíduo sucessivamente vibrando com sucessivas multidões. Assim em *A Via Sinuosa*, as almas colectivas sobrepondo-se na condicionação da alma individual do romance.

Mais caracteristicamente o estudo da multidão pseudo-revolucionária que, duas vezes, intensifica o seu momento de hesitação e de indisciplina: — a manifestação ocasional que o leva à cadeia e a reunião republicana de Sr. Bento Chinoca.

Mas não esqueçamos — porque o processo em Aquilino Ribeiro é variado e inteligente — a multidão representada pelo indivíduo simbólico mais definido que é o senhor Padre Ambrósio. E há nisto uma alta inteligência do autor em representar o momento de partida do seu conflito, momento primeiro da psicologia de Libório Barradas, duma maneira mais definida e quasi simbólica.

Porque êle é o ideal de que saíu para a hesitação que o romance não resolve. Tornava-se, pois, necessário fixá-lo com uma psicologia definitiva — que tem até no romance um papel de julgamento — porque é a sua equivalência o desfecho para que idealmente tende o seu conflito.

A individualização de Bento Chinoca é um caso mais de multidão, apenas um eco individualizado. Assim os outros indivíduos que, no romance, representam alguma coisa mais que uma vida em contacto com a vida de Libório: um momento da sua evolução inteligente.

É no personagem principal que devemos ir estudar neste romance todo o seu simbolismo, na evolução da sua psicologia e nos meios que sucessivamente atravessa. Mas notemos desde já uma das grandes qualidades do romance de Aquilino Ribeiro: — nunca a realidade vívida das suas figuras nos aparece prejudicada pelo símbolo a que aspiram. Que êste nasce naturalmente e sóbriamente da vida e parece descrever sem preocupações finais.

Qualquer momento da vida de Libório Barradas tem, porém, um valor imenso de causas a desenvolver-se. A anarquia familiar em que evolui sua falsa disciplina, a anarquia religiosa e moral resultante da opposição de sua vida humana e adolescência amorosa. Meio falso que atravessa a sua necessidade inteligente que não escolhe, e apenas vive, sucessivamente e imperfeitamente, as sugestões que lhe aparecem.

E, mais do que tudo, a expansão daquela vida, a crescente valorização na sua psicologia que, em todo o livro, realiza a função de despertar.

É valorização de vida a impressão macabra da morte que duas vezes lhe aparece com o horror do «não viver».

E é-o também a evolução sensual por que passa seu carácter num acordar de luxúria marcando o compasso do seu acordar de vida.

A frase final do Padre-Mestre se define por completo o dualismo de sua alma e, admiravelmente, o carácter de todo um período em seu falso idealismo

e indisciplina moral, não lhe explica, nem essa era sua função, a causa que é a profusa trama do romance.

Tocar essa razão é tocar todo o seu valor de símbolo.

Não se esqueceu Aquilino Ribeiro de colocar no representante do ideal passado, em palavras de Padre Ambrósio, a própria explicação daquela revolta surda: — a curiosidade vital de seu discípulo: «A inteligência é a potência do mal. A inteligência não se resigna à imobilidade e só o repouso é o estado do bem. A imobilidade seria a felicidade mas seria também a morte».

E nisto está toda a explicação e todo o valor da revolta vital de Libório Barradas.

Primeiro um meio que o autor tornou simbólico de todo o país, apenas um pouco atrasado, e teve o cuidado de marcar intensamente: — aquela cidade «conduzida pelo frenesi da morte» e que Padre Ambrósio, comparando-a com a actividade do estrangeiro, louvava pela sua passada felicidade.

Depois toda a expansão vital do homem e da sua ansiedade intelectual. E o grande valor da sua psicologia foi saber confundir estas duas necessidades primitivas, porque mal definida se apresenta a necessidade intelectual.

Apenas ainda uma manifestação dessa vida a expandir-se. E é a sua vida que o lança em antagonismo com os seus ideais, os passados, únicos que escolheu.

É a tentação sensual que ilumina, diabólicamente, a sua sombra projectada no rasto de Jesus e é a imposição da vida que o conduz à indiferença religiosa e à revolta final.

Intelectualmente também assim se explica sua crise: perante o seu símbolo não têm importância as ideias de que se possui, mas a sua sempre igual força expansiva que as encosta a esmo e as adopta.

Não têm importância os propagandistas, mas as hesitações de Libório. Libório que descobre a vida. E assim à sua sede de vida não corresponde um sentimento normal, mas, destrambelhadamente e ao mesmo tempo, a volúpia da ligação com a fidalga de Santa Maria das Almas e sua paixão por Celidónia. Igualmente, e no mesmo acordar de vida, a hesitação de suas ideias: — «Eu queria viver! queria viver! mas não sentia uma rotura no círculo de fatalidades que me esmagava!...»

A história de sua hesitação e sua fuga duma disciplina moral para uma indeterminação revolucionária, sua expansão de vida, são, plenamente realizado, o alto símbolo da nossa vida social.

Libório Barradas é uma síntese da sua época, crescendo em louvor do romance que nada perde a vida dessa figura em se acrescentar deste pêso simbólico.

Este aparece-nos unicamente explicado pela razão mais funda, a alma dessa vida, que é, também, explicação dos factos e da vida muito real que Libório vive.

E seria um outro ponto a encarar, na crítica completa deste livro, o estudo das acções e reacções da sua vida, sem deliberadamente marcar o que nelas é simbolismo, mas servindo para o explicar.

Note-se porêem que, pela qualidade do símbolo a que aspira e sua perfeita visão, a vida do personagem é a mesma vida do símbolo, apenas em valor mais restrito.

As figuras secundárias do romance — por vezes significativas de momentos psicológicos de Libório — também intensamente sentem e vivem a sua vida.

Figuras sentimentais como a suavíssima Celidónia, êsse símbolo do bem, que no romance tem uma vida toda girando em volta do seu valor apaixonado. E com estas figuras secundárias, até as mais fugitivas, simples problemas propostos à psicologia de Libório, o valor simbólico de Padre Ambrósio. Êle vive intensamente, na mesma vida, tão natural, na saúde da que foi, e até no seu apagar-se vívido na desgraça e no remorso de seu discípulo. Verdade que serve, até, para definir o valor de sua significação: uma disciplina tolerante por incapaz de se impor, abrindo brecha exactamente naquilo que, dando nele a serenidade incapaz de se afirmar profundamente na vida, será em Libório Barradas a própria causa do desequilíbrio e da revolta.

E o dualismo de vida que a disciplina moral não sabe explicar dentro de seu domínio e que, por isso, necessariamente, manifestando-se seria razão do seu fim.

Notando a vida das suas figuras deliberadamente fora do seu símbolo, viemos, sem esforço, a cair na sua explicação.

É que a nossa crise colectiva, que se pretende simbolizar, tem tanto o carácter duma vida e é tanta sua semelhança com a crise moral de Libório — pela inteligente visão e perfeita realização de Aquilino Ribeiro — que uma parece apenas da outra o natural alargamento.

Primeira fase de nossa crise em sua primeira disciplina moral e a expansão de vida reagindo, inconscientemente dirigida, contra êsse marasmo. O autor conseguiu superiormente uma síntese, estudando-lhe e definindo-lhe o carácter e fazendo-o valer, de toda a nossa vida social anterior, fechada em si e de apertada função. E depois, só com a alma de seu tipo-ideal, definiu-lhe o único valor, de expansão vital, determinando a anarquia e a incoerência mas, também, um valor novo, já de progresso, que só uma disciplina moral futura poderá reconhecer.

Da conclusão individual alarga-a à sua época, mas com uma poderosa intuição e uma alta inteligência, porque lhe dá uma vida e uma animação de ser sentimental.

Não é já a compreensão da época, apenas, em seus costumes, como, em geral, no realismo, mas no seu ideal momentâneo, e, dentro dêle, com o valor de lhe ir notando as causas duma futura fixação. Mas o *ideal*, entendamos bem, não é a procura duma justiça social, mas a determinação dum período nacional de expansão, e de hesitação entre a disciplina moral incapaz e as ideas estranhas.

Não procuremos em Libório Barradas um sofrimento moral, mas um estado nacional, em síntese, que sofre e sente uma vida muito própria.

Libório Barradas é uma síntese dum carácter e dum período português, e é mais o caminho para a finalidade que todos nós esperamos. Por êste lado toca profundamente a aspiração da raça, e por êle se alargará um significado mais universalista. Repare-se na sua evolução, desenvolvendo-se, fazendo-o começar num meio limitado, em que há a síntese de todo o passado, e partir a costas voltadas implacavelmente ao que ali ficava. Uma comparação se me oferece a que não fugirei: — o simbolismo de Aquilino Ribeiro e sua representa-

ção do Portugal dum momento levam-me a pensar no suposto simbolismo de Eça de Queiroz. A imperfeita vida simbólica de *A Ilustre Casa de Ramires* e a figura de Gonçalo têm passado, não só por representantes duma época de crise e sua psicologia, o que é pouco verdadeiro, mas até do carácter português, o que é perfeitamente idiota. Quere-me parecer êsse livro feito sem intenção simbólica, apenas com uma frase final, ou de mais limitado simbolismo estragado por essa mesma frase. Eça de Queiroz realizou uma psicologia, produto duma época e dela representativa mas, por limitada, não seu símbolo. Pintou-o, talvez, mas não com a concorrência de valores e a perfeita inteligência com que Aquilino Ribeiro fez de Libório Barradas uma figura símbolo, apesar de muito psicológica, e talvez por isso mesmo, da época da nossa crise

O processo de Eça Queiroz, uma sucessão de nomes e uma reflexão tardia, parecem-me fracos: e eu vejo em Gonçalo Ramires não um símbolo — pelo alargamento da psicologia do herói numa vibração nacional como na *Vida Sinuosa* — mas numa psicologia de época, talvez como o *Jean Servien*, de Anatole France, para o segundo império francês. A intenção de personalizar uma época existe mas imperfeitamente realizada. Quanto à intenção de simbolizar Portugal na inépcia de Gonçalo devemos confessar que não pode ser sua: — dizê-lo é rebaixá-lo ante nossa inteligência por incapaz de sentir nosso alto carácter nacional e função histórica.

Na *Via Sinuosa*, ao contrário, sente-se a intenção determinada e a concordância de todos os factores para um fim: representar na vibração igual da psicologia individual e nacional um símbolo duma época. Como no drama psicológico do romance, exactamente a época real e contra um estado definido e vivo, depois, num período de hesitação, Aquilino Ribeiro soube definir-se e definir a crise: — é a disciplina moral o termo central na vida duma nação.

Progride quando possui uma forte disciplina moral realizada em volta duma idea vital. Deperece quando feita com um elemento atrasado ou quando não existe. Assim temos, ao mesmo tempo, a necessidade de reacção que, mais ou menos depressa, realiza as revoluções e o seu perigo de período socialmente nulo até a formação duma nova disciplina.

Essa fatalidade de reacção, que é o seu bem futuro e o seu mal imediato, é exactamente a vida e o símbolo de Libório Barradas. E pela nota final, em que Aquilino Ribeiro se propõe fazer o lógico seguimento dêste livro, pode ver-se que foi êste conflito que êle quis dar para compreensão do momento em que se movem nossas actividades.

Em sua visão do nosso período revolucionário há uma grande inteligência das causas e dos resultados.

Servir-me hei para comparação com o que já tem realizado dum escritor que versou a sua equivalência na França.

As psicologias preparatórias da revolução e as figuras revolucionárias de Anatole France estão nas mesmas condições nacionais que estas, com mais uma possibilidade de universalismo que é o valor humano da revolução francesa.

Jérôme Coignard e Jacques Tomnebroche, mestre e discípulo como Padre Ambrósio e Libório, são curiosas psicologias pre-revolucionárias.

Todo o período, filosófico da revolução ideal francesa, que precede sna

fase de acção, está nas sentenças de Jérôme Coignard : — êle, o meio em que se preparou a possibilidade revolucionária.

Note-se a diferença dos períodos e sua compreensão : em Jérôme Coignard a criação duma idea capaz de reagir e a preparação do seu momento, em Libório Barradas unicamente a reacção, a vida, que se socorre de princípios exteriores.

Mas quero ser mais justo na minha apreciação : — a *Via Sinuosa* é mais largo e mais intenso que os livros de Anatole France. Vê-lo há apenas, na *Rôtisserie de la reine Pédauque*, a vida destrambelhada dum religioso filósofo e imoral síntese de seu tempo, nas *Opinions de Mr. Jérôme Coignard* suas ideas das cousas criando um novo valor intelectual pronto à aceitação da reacção brusca. E nas suas perfectas psicologias não aparece a vida e a própria alma das cousas, a força que determina êsses momentos psicológicos. Assim também nos aparece a sua figura psicológica da revolução, o idealista jacobino de *Les Dieux ont soif*, ou a permanência do momento anterior naquele bom filósofo que lia Lucrécio e era quasi crítico. No romance de Aquilino Ribeiro, ao contrário, todo o símbolo está na expansão de vida, na própria razão das cousas. Suas psicologias, momentâneas em Libório Barradas definitivas nos que, sucessivamente, lhe servem de meio, são apenas determinações desse movimento que é a real psicologia do romance e seu tipo ideal.

A realização parece-me também mais larga : naqueles as psicologias delimitam-se com a expressão dos seus pensamentos, e o seu conflito pelas situações em que se acham lançadas. São psicologias íntegras que acompanham o desenvolvimento todo o drama do romance — são *psicologias multidão*. O jacobino cego de justiça, de humanidade e de pátria, que era Évariste Gamelin, e as representações do momento anterior têm uma equivalência nas figuras secundárias do romance *A Via Sinuosa* : — o Senhor Padre-Mestre, o tipo caricatural de D. Henriqueta e o Bento Chinoca. Mas Aquilino Ribeiro vai mais longe, e, fixando os momentos da psicologia instável de Libório naqueles tipos íntegros, realiza uma maior verdade naquela elaboração, naquela mudança que é a própria integridade de seu personagem.

Neste ponto há, em Anatole France, não só a vontade duma intenção limitada mas uma falha, pelo menos em relação à verdade : a psicologia do discípulo Jacques Tomnebroche, criado em meio duma sugestão nova e das ideas de seu mestre, aparece mal esboçada : representa até, menos que um momento, uma simples psicologia dum indivíduo em que a sua época influi. Ao contrário, em *A Via Sinuosa* a psicologia do discípulo assume o maior grau de representação, o mais difícil de realizar — o símbolo da causa interior que vai evolucionando de tipo para tipo.

Esta mais alta intenção ou melhor realização de Aquilino Ribeiro o faz definir com mais precisão e verdade a época, em seu conjunto. É a única grande maneira de estudar uma época em sua razão de ser evolutiva e não nos momentos ideais. Nesta visão limitada há ainda um pouco de processo do realismo : apenas a visão dos *costumes ideais*.

A visão de conjunto é a consideração do significado duma época.

Na série simbólica do período francês que vem da sua grande revolução aos nossos dias, Paul Adam também não faz mais do que fixar os seus sucessivos momentos, ou no estudo das multidões momentâneas, ou no valor das



psicologias que as representam. Assim na *Force* aquele momento de expansão post-revolucionário que arrasta num sonho de grandezas o seu lume à morte triunfal em Walgram.

Aquilino Ribeiro inclinou-se sobre a razão mais profunda das cousas. Quis saber, não dos momentos representativos da evolução, mas da sua própria vida que representa a inteligência, a hesitação e o drama de Libório Barradas. Uma comparação ainda se me oferece numa tentativa de história portuguesa contemporânea. Em Malheiro Dias serve de símbolo a um momento, o período do liberalismo. Os *Teles de Albergaria*. E nela não há mais do que a luta das ideas exteriores, a discussão inteligente do que seria melhor para a futura realização. Ora no fazer a psicologia dum momento humano não pode haver discussão, mas apenas a vida lançada em seu múltiplice confito. Aquellas hesitações, as soluções de seus personagens, não devem ser senão resultantes do grande conflito ideal favorecendo-o ou contra êle reagindo.

Aquilino Ribeiro sabe que a vida tem uma explicação mais larga do que as ideas momentâneas e as vagas preocupações dos homens. São as *direcções colossais*, que modificam sem discussão a alma de Libório Barradas, as mesmas que influem na vida colectiva ideal. As teorias têm para êle um sentido de inutilidade ante a grande razão que é a vida.

E, estudando a sua vida, analisa o único meio eterno em que todas as fecundações ideais são possíveis e os conflitos se lançam com uma base de verdade profunda. Neste caso a fecundação social, a evolutiva consciência colectiva. Aquilino Ribeiro dá além dos seus momentos definidos e seus caracteres, além dos ideais momentâneos e seu choque, a grande psicologia do indivíduo social que todas as outras cousas servem para explicar e definir.

A psicologia de Libório Barradas é a psicologia de todo o nosso movimento social; pelo já realizado e pela sua intenção de prosseguimento. É a expansão da nossa vida, quebrando com um ideal passado, e a sua hesitante e anárquica marcha para um ideal novo.

É em *A Via Sinuosa* a reacção duma vida contra uma disciplina, naturalmente, e a marcha sem rumo implacavelmente para a frente. Nos outros, propostos, a sua consequência e a criação dum ideal social, sua disciplina moral. A razão da revolta e a razão da estranha idea imperialista em que acaba. Inteligentemente, como na realidade, a sua necessidade vai sempre buscar uma razão estranha para responder à sua revolta necessária e depois à sua dissolução. Assim no ideal de fôrça conjunta que, como dá a entender, procura fora da nosa alma.

Mas Aquilino Ribeiro saberá compreender que é, por si, naturalmente falhado o ideal que nasce fora de nossas almas. E talvez já em sua última desgraça aponte a lenta formação de valores que eu noto em meu país, apesar de sua ainda dominante miséria social, caminhando para a formação duma idea conjunta, duma disciplina moral, correspondendo ao nosso carácter e ao nosso destino.

Essa disciplina moral portuguesa, que não pode ser uma regressão, e terá de ser profundamente nossa e profundamente nova, parece-me ter em Aquilino Ribeiro um dos seus criadores e o espírito de análise que pressentirá a sua psicologia, lançando-a no último conflito de Libório Barradas, símbolo de sua hesitação criadora.

Parece-me ser esse «Homem do seu tempo» uma das forças destinadas a criar a idea de valor colectivo de Portugal.

Mas não é preciso supor fé do símbolo futuro de Libório Barradas. Muito larga é já sua intenção, sua intensidade de figura viva representando a vida dum completo período social. Para lhe fixar o valor, dissemos, é preciso notar-lhe os valores mínimos de vida e sentir a porção de símbolo que neles existe.

E também, na modificação de sua vida e seu símbolo, os meios donde parte e que sucessivamente atravessa.

Meios modificadores de sua vida e, por seu conflito, causas dum significado, são, já, as psicologias que aparecem em contacto com a sua. Mas há um outro ambiente, de que também Aquilino Ribeiro vê a psicologia mais apagada em suas reacções imediatas de conflito. Há uma psicologia, quasi sómente descrição fixando valores, que caracteriza o meio amorfo em que a alma dolorosa do romance se desenvolve. E consegue-a Aquilino Ribeiro admiravelmente, não só pelo estudo dos meios morais e idéas sucessivas em que se vai afirmando a sua crise, mas, até, nos meios simplesmente vivos que com ela estão em contacto, ou representando o meio donde partiu, ou aqueles cuja vida e sofrimento contribuíram para a sua visão sentimental. Até mais: o próprio meio amorfo das cousas — tão preso por escusos filamentos à alma humana e seu sofrimento. Assim a paisagem assume, no seu livro, um valor duplamente animico: pelo refluir da alma sobre a paisagem e pela condicionação que esta representa dos conflitos e valores psicológicos.

A paisagem toma pois um valor de personagem no romance: as mais das vezes um personagem em diálogo com o desenvolvimento muito isolado de Libório Barradas.

Este sentimento do diálogo íntimo de sua alma e das cousas espalha-se intensamente por todo o livro. Quasi não há uma notação psicológica que não acompanhe a notação da paisagem, ambiente e alma na sua reacção mútua, mais intensamente para celebrar a maior intensidade dum seu momento vivo. É na expansão da sua vida a paisagem de panteísmo, «em que o viandante não escute a voz interior do tirano» e a paisagem de desejo delirante e incendiada. É na notação de sua placidez a paisagem sossegada da cidade; na crise dos elementos de anarquia acumulado em si a paisagem pardacenta, dupla de crime e de fraqueza, mixto de todos os sofrimentos humanos, e da grande piedade que a vida tem para os que erram em seu nome: uma piedade cheia de *tristeza inconsolável*. . . É a intensidade do momento final em que a alma desconsolada do homem é a alma das cousas, e a sua forma parece, apenas, um vago caminhar da noite — mais triste. . .

A marcação dêste valor mais forte da sua paisagem parece-me classificá-la bastante, para que se suponha do seu conjunto. A paisagem tem sempre um valor relativo à alma humana: não se pode observar objectivamente, porque nada se pode observar sem uma relatividade subjectiva, ou seja esta do autor ou da abstracção dos seus personagens.

A maior ou menor aproximação dêsse fixo é o que classifica as suas qualidades. E note-se que não digo a maior ou menor intensidade nessa aproximação o que só importa ao processo!

Assim tocará a paisagem, sómente exterior, a emoção subjectiva em no-

vas visões dos sentidos, ou se resolverá na emoção sentimental, ou mesmo intelectual.

Não se discutem categorias de valores e o artista perfeito sabe lançá-las a todas, mas num drama psicológico como *A Via Sinuosa* a qualidade a notar é a aproximação duma emoção de paisagem nitidamente interiorizada. É isso o que, plenamente, nos aparece realizado neste livro. E a sua inteligência maior é também, neste caso, fazer concorrer os valores parciais para o todo simbólico, sem os prejudicar, e deixando-os viver, isoladamente, uma completa vida.

Se pelo símbolo e valor, que representa, é *A Via Sinuosa* um livro intensamente nacional, também pelos meios de que o faz partir o consegue ser. É a sua paisagem o primeiro meio muito nacional e muito portuguêsmente sentido. Assim também os meios menos próprios, morais, que estuda, vistos em sua estreita modificação, meios apenas esboçados e apenas valorizados um momento.

E, mais intensamente, o meio regional em que todo o romance se desenvolve. Não que no romance de Aquilino Ribeiro haja propriamente regionalismo. Regionalismo — a não falar no pitoresco regional fácil de executar e inútil para a compreensão nacional e humana dos conflitos — é o sentido das relações entre o homem e a terra, o meio primitivo de que o eleva o seu esforço. Neste caso não há propriamente o estado duma psicologia prolongamento imediato desta reacção. Libório Barradas é já um desenraizado, não só pelo próprio drama do romance, que o coloca em reacção e aceitação de estranhas sugestões, mas também, apenas, porque é uma psicologia já elevada do torrão. Toca porê-lo nele porque é o meio de que imediatamente se eleva e de que imensamente participa.

Se não há, por isso, regionalismo na figura de Libório, há no romance uma alta compreensão anterior do regionalismo que permite lançá-lo também como meio em que aquele se desenvolve.

Há uma porção de regionalismo na figura de Libório Barradas em seus primeiros tempos e sempre na de Padre Ambrósio. Mas há mais o estudo dum meio que com êle vive e de que parte. É, não digo em mais perfeita realização, mas em maior contacto, a noite passada em casa dos Violas em que a alma cheia de atavismos rústicos de Libório comunga com a felicidade daquela quietação apenas vivida.

Se considerarmos o regionalismo, porê-lo, não na porção de valor regional que existe nas suas almas sínteses, mas como a caracterização dos tipos que estas tocam, então todo o livro de Aquilino Ribeiro deverá ser considerado um bom e perfeito regionalismo.

Não há nele uma figura que se mova falsamente num meio falso, ou que não apareça nitidamente caracterizada, em sua diferenciação, da equivalência muito natural que em qualquer país lhe possa corresponder. Por seu carácter único bem marcado, ou por diferenciação notável, nenhuma das suas figuras ilude a sua representação do momento e do lugar limitados em que se produzem e vivem.

Figuras de intensidade ou de caricatura: Bento Chinoca, D. Henriqueta, de Lamego; ou a doce figura de Celidónia: *o tenro teixo ruivo*; ou a caracterização do Senhor Padre-Mestre. Assim os pais de Libório; os Violas; o

drama do Rolim, primeira visão da alma criminosa. E ainda as figuras adventícias não menos nítidamente características: — os padres da missão, D. Estefânia Malafaia, com imenso desprêzo por *esta pretalhada de portugueses*, e o político e curiosíssimo Miguel Baila Taralhão. E o processo desta sua caracterização é sempre o mais nítido e verdadeiro, partindo de suas ideas para o exterior, valendo-se simplesmente dêste nas linhas que exprimem sua interioridade. É esta a sua maior qualidade, que os torna sempre representativos duma porção de vida por ínfima que seja sua alma e seu conflito. São valores psicológicos em jôgo com êsse outro, maior, do personagem central do romance.

Drama psicológico, nele, só assim, poderiam ter uma vida real. Mas fixemo-nos ainda, na *Via Sinuosa* — não há sómente um drama psicológico — mas êste como preparação dum fim.

Para o definir joga com as reacções da sua inteligência, e joga com a reacção dos seus sentimentos, como na sugestão tão intensa e tão maravilhosamente descrita de sua perdida felicidade voluptuosa.

É decerto muito psicológico porque é muito interior seu conflito, mas todo êste processo, que é unicamente processo, tende para um fim.

E assim sai êste romance por sua intenção e realização da incompleta forma do romance psicológico puro, simples análise dum momento. Em minha comparação anterior com as sínteses equivalentes dos períodos revolucionários, marquei-lhe bem sua diferença. A própria psicologia muito especial, de movimento, do personagem caminha para uma finalidade.

Mas, há mais, no livro, a intenção muito larga de fazer dessa vida resultar o fim que, por sua vez, será a explicação retrospectiva da vida que para êle caminhou. Essa finalidade simbólica é a emoção última para que tendem todas as suas sugestões.

É sua emoção exactamente o símbolo intelectual que consegue e é-o também o seu sofrimento no conflito que o produz e, a dentro dêle, muito cheio de vida, e, por êsse lado, muito intensamente tocando o símbolo também. Porque não há em *A Via Sinuosa* só os factos do seu conflito e a sua solução. Há, principalmente, o sofrimento dos momentos que atravessa, e da alma definitiva com que o autor o deixou a sofrer. E é, mais, o símbolo e o drama das suas figuras secundárias, e sua paisagem tão cheia de sentimentos, como alma em que a alma de Libório fôsse palpitação mais viva. E são também as compreensões que, nele, têm da vida e dos conflitos os seus personagens, ideas momentâneas do romance.

E, até, fundos menos psicológicos em que suas figuras se movem, simples scenários logo aproveitados em ligação com a alma dos homens, como a emoção dos velhos livros que vai renovando e dando pretextos à volúpia sempre igual de Libório. Esta correspondência com as cousas — como nas madrugadas de seu amor com a fidalga — dá ao romance uma poderosa vida, porque a toma nas cousas mínimas que são a sua mais profunda tessitura.

E é também emoção, como estas, secundária, porque para êle não tende a intenção do livro, mas importante pela alta maneira como a realiza, um dos meios por que a consegue e que, para a nossa organização presente de super-sensíveis, se individualizou.

O seu estilo — qualidades da sua expressão — vale pela maneira como

conduz para um fim emocional e como momentaneamente emociona também. Toma para a primeira função todas as qualidades de dedução psicológica de intensidade vivida e de descrição de que necessitava. E, nessa sugestão de conjunto, para o segundo valor pela sua alta unidade e seqüência e pelas sugestões momentâneas mais intensas. Momentos que isoladamente fez viver de uma vida própria e ficam, para nós, como uma imagem num objecto à parte, muito nitidizado. E isto nas suas qualidades de psicologia, de intensidade vivida, ou de simples descrição: momentos de paisagem e momentos de alma que isoladamente ficam falando para nós. Fique-nos, para mínima sugestão, esta prova da recordação voluptuosa de Libório Barradas: «Eu tinha a impressão de violar um cisne branco sôbre uma eça». E o estilo, que consegue muitas vezes estas sugestões fortes, não falha em ponto nenhum da expressão que é o seu intento final.

Paisagem e psicologia em contacto, simples manifestação de vida, ou descrição apenas, o seu estilo tem uma curiosa maneira para as fazer viver.

Contorna-as até as tornar isolamentos, muito definidos, em seu contacto com o resto da vida, e com uma frase final lhes dá a sua última vibração, a alma dêsse momento. Êste duplô processo, que dá o conjunto das vibrações e a resultante, intensamente, consegue uma completa expressão da vida central do romance, e toda a vida com/ela em contacto, nitidizada ou quási amorfa, dada com uma intensidade que sabe esconder-se quando é necessário.

Não compete ao momento, porque seria uma análise unilateral, dizer por que qualidades especiais, — função inteligente de regionalismo e de modernismo e profundo conhecimento de nossas raízes — e de que maneira, êle consegue moldar à sua necessidade de expressão a língua e suas capacidades. Não é também momento para discutir a sua nota final sôbre a qualidade de acabamento e definitivo que há na língua portuguesa.

Ou porque o seu esforço foi enorme, ou porque a sua afirmação não é absoluta, Aquilino Ribeiro consegue o que, quási, se propõe com sua nota: a unidade, a sobriedade e elegância, acabado do conjunto, e a capacidade expressão das paixões mais baixas, com uma perfeita placidez de estilo que não cai, pelo esforço, no exagêro.

Mas o que podemos achar de definitivo em nosso julgamento é o seu valor nessa evolução da nossa expressão literária. Aquilino Ribeiro é um dos que define e realiza o momento que exige o nosso estilo após a deslocação necessária de Eça de Queiroz: criação dum outro momento de equilíbrio, mais largo e mais capaz de modalidade do que o de Camilo.

E, não discutindo os nomes que têm, para nós, qualquer cousa de sucessão de valor determinante do nosso valor, em sua expressão, cumpre-nos notar mais a sua contribuição para êsse sistema de lógica ideal que requiere uma literatura. Convêm afirmar, desde já, a sua obra, porque importa mais saber como ela contribui para a formação dêsse meio ideal do que dizer a sua medíocre tradição.

O que vimos e o que era absolutamente necessário distinguir-se era como, por suas altas qualidades, é característico da época que entra a definir-se, e como sai para fora das covardias e das inépcias que não sabem ou não podem realizar êste momento com o valor que as causas anteriores determinam.

Por isso realizou Aquilino Ribeiro uma alta criação de valores ideais.

O seu resultado foi um livro que eu não hesito em afirmar em tudo — significado simbólico, poder vital, unidade e correspondência da expressão e da proposição — melhor do que qualquer dos livros de Eça de Queiroz.

Livro que artisticamente comparo aos livros de Anatole France mas em que sinto mais intensidade e uma maior compreensão da vida por a sentir, não só em seu equilíbrio conjunto, em que há sempre uma lógica, mas, até, na estranheza e no exagêro que pode revestir na sua relação com a alma humana.

Estas qualidades de Aquilino Ribeiro o poderão levar a largas concepções em que palpitem grandes humanidades.

Por sua possibilidade futura e sua criação presente, que nos representa a todos na crise moral colectiva, meio condicional de todas as criações religiosas e artísticas, por sua criação na expressão e construção do seu livro, Aquilino Ribeiro — ainda que já consagrado — é reclamado pelo momento novo para ser um valor mais definido de entre os seus valores. Mas, no momento novo, não as suas permanências igualmente inferiores de decadentes e de regionais.

Mas a sua característica profundamente nacional e profundamente universal, que compreende o regionalismo, como o de Aquilino Ribeiro, observado por uma alma superior e não por uma psicologia posta ao nível das psicologias observadas; e é nacional porque sabe que é com a característica portuguesa que, neste momento, melhor realizará êsse universalismo que é a única razão de ser duma literatura.

É característico que a primeira grande visão dêste momento, em sua criação definitiva, seja o estudo simbólico do meio moral em que, precisamente, ela se afirma e de que sairão suas criações.

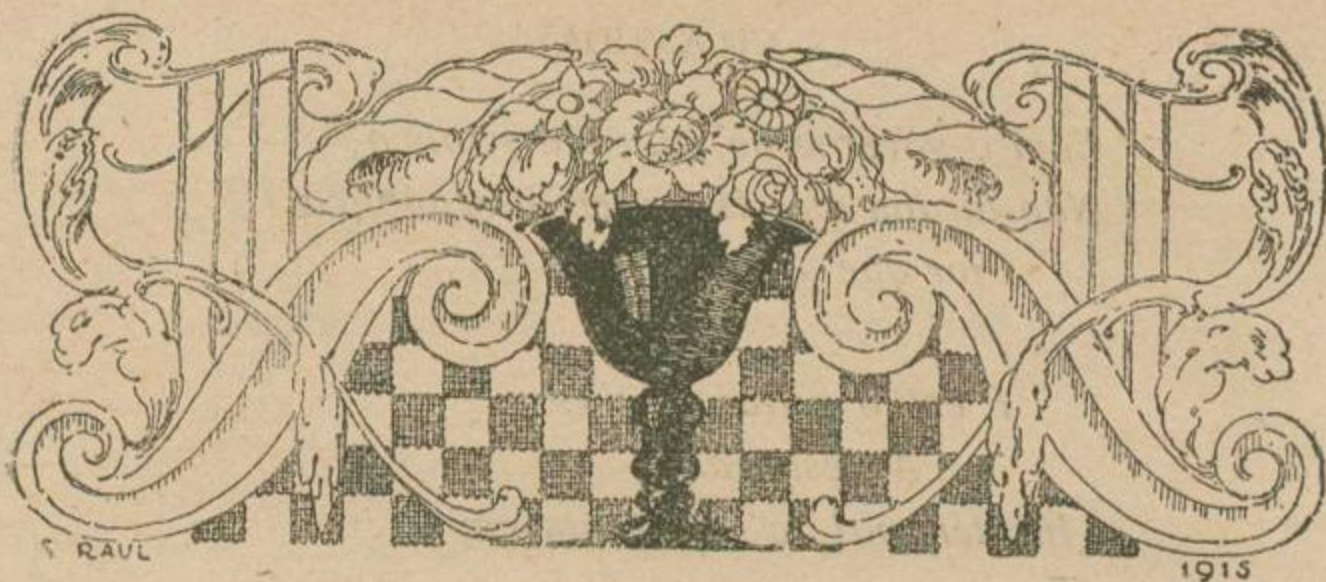
É como que a visão do seu drama preparatório: — outro personagem moral que, apenas, vai mais adiantado em sua crise e entrou em sua fase de imperialismo literário, definitivo, porque em nossa alma nacional tem sua íntima razão de ser.

Esperemos a expansão natural dêsse imperialismo latente.

Saiba Aquilino Ribeiro compreender o momento em que se afirma e perder a sua dúvida para dar, não só o complemento ao seu drama moral, mas toda a sua visão do homem e da vida, que nele sentimos profunda, com a alta realização que consegue para o símbolo presente.

Fevereiro de 1918.

JOÃO DE CASTRO.



## As rãs clamam por um rei

(ADAPTAÇÃO DA FÁBULA DE LA FONTAINE)

*Numa regada extensa, junto às águas  
Dum rio,  
Havia muitas rãs que todo o estio  
Levavam coxando as suas mágoas.*

*Um dia, as rãs  
Quiseram dar-se como irmãs;  
Em plena liberdade  
E igualdade  
Da mais pura e mais sã democracia;*

*Porque o charco — diziam — era um;  
O que êle desse  
E nele houvesse  
Seria para todas em comum.*

*Todavia,  
Como acontece à gente  
Que nunca está contente*

*Com o govêrno da fazenda pública,  
Não tardou que dissessem a república  
Pior que a monarquia.*

*E então gritaram elas  
A's estrêlas:*

*«Júpiter, pai do céu, envia um rei!  
«Envia um rei que nos governe, impondo  
«A ordem, o sossêgo, a tua lei!...*

*E Júpiter que é deus e tudo pode  
(A quem o chama  
Logo acode)*

*Num açoite de vento pela rama  
Arranca e lança do chão com grave estrondo  
Um choupo enorme,  
Hirto, pesado,  
Que caiu e ficou tão sossegado  
Como quem dorme.*

*As rãs fugiram. Era o rei, aquele?!  
Quem se atrevia a encará-lo, a êle?!...*

*Só passado algum tempo, uma  
Mais corajosa que nenhuma  
Quebra o encanto e vai pé ante pé  
Aproximar-se para ver quem é.*

*Chega, vê que não mexe, pouisa...  
As outras fazem logo a mesma cousa.  
Mas a Júpiter dizem  
Que um rei assim não presta;  
Por mais que elas o pisem  
Nada o molesta!*



*Nisto, batendo as asas surge um grou  
Que para immediato desengano,  
Mal pousou,  
Mordeu, matou, feriu como um tirano.*

*«Que horror!  
— Diziam elas  
A's estrêlas —  
«Isto é o luto e a dor!...*

*Mas Júpiter agora, em vez dum rei,  
Mandou ditar-lhes a seguinte lei:  
Atrás do mau virá  
Quem bom o fará.*

PEDRO BARTO.

(Dum livro de *Fábulas para as escolas*, breve a publicar-se).



## A propósito da obra poética da Senhora D. Maria Amalia

(No serão realizado na Sociedade de Belas-Artes aos 16 de Março de 1918)

É com verdadeiro prazer que a *Atlantida* agradece ao ilustre poeta Afonso Lopes Vjeira a escolha que fez das suas páginas para publicar estas belas palavras de homenagem à Senhora D. Maria Amália.

---

MINHAS SENHORAS, MEUS SENHORES :

Venho trazer à consagração da eminente escritora, a Senhora D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, a minha contribuição modesta mas encantada, cedendo por êste modo às instâncias que me foram manifestadas tam gentilmente. Pensei primeiro que a maneira mais amiga de servir que eu poderia ter de colaborar nesta festa do espírito, seria limitar-me a emmoldurar em palavras que fôsem simples rubricas, algumas passagens de *Uma Primavera de Mulher* e algumas poesias das *Vozes do Ermo*; mas desde que eu soube que as recitações seriam feitas por senhoras, imediatamente reconheci que êsses versos ficariam mal na minha voz, e decidi escrever então umas páginas, que devem ocupar um tempo muito breve, a propósito da obra poética da ilustre Senhora cujas bodas de ouro literárias estamos celebrando. — Perante a poesia dêsses versos escritos e publicados por um gentilíssimo espírito de rapariga que desabrochava então para a sua vida literária, começamos por sentir que êles possuem uma qualidade primacial e sedutora: — são versos *de mulher*. Porque a poesia possui

também um sexo, e é assim que a maior de todas as poetisas, é delas a maior simplesmente porque na sua comoção e na sua arte é a mais feminina de todas. Refiro-me a essa dolorosa e genial Desbordes-Valmore, em cujas elegias, em cujos versos todos não existe — permita-se-me a expressão — um verso de homem, — a genial, dolorosa e patética mulher que exprimiu com uma arte tam singular que parece não dar pelo próprio requinte, com um acento de sinceridade que nunca soa falso, com um poder simples e fervente de comunicação que jámais arrefece o nosso encanto, — todos os segredos, todas as dores, todos os anseios duma mulher que ama e que sofre. Ah! sim, a poesia tem um sexo, e o defeito capital de tantas poetisas e, por exemplo, de quási todas as actuais poetisas francesas, é não saberem diferenciar nas suas obras a alma feminina que elas deviam possuir para nos encantar, como o souberam essa admirável poetisa galega Rosalia Castro de Murguia, que bem podemos considerar do nosso sangue, a inglesa Elisabeth Browning, que chamou aos seus sonetos de amor — «Sonetos portuguezes», e, mais que nenhuma, repito, Marceline Desbordes-Valmore, dalguma sorte irmã da Freira portuguesa, porque se na terra existem dois documentos do que seja a alma amorosa feminina, são por certo as cinco Cartas de Sórora Mariana e as poesias da grande romântica francesa. Mas se eu recordo o nome de Marceline Desbordes-Valmore — que é, de resto, uma das minhas ardentes devoções em Poesia — a propósito dos versos portuguezes de que desejo falar um pouco, é apenas para dizer que estes versos possuem esta primeira qualidade — sente-se neles que foram escritos por uma mulher. E, com efeito, só com êste desígnio poderia eu invocar agora o nome da adorável elegíaca que citei, porque o contraste entre as condições morais e sociais das duas autoras é na realidade o mais profundo.

Desbordes-Valmore escreveu os seus versos sem intenção de se ocupar de literatura, mas apenas para confessar e consolar as suas mágoas de mulher desamada ou traída, as suas ansiedades de meiga criatura acossada por tempestades dolorosas, nascidas todas dum amor violento por alguém que de certo o não merecia; e os versos da poetisa portuguesa são um gorgueio matinal, o primeiro vôo espiritual, pleno de sentimentalidade e de graça jovem, que uma nobre menina ensaia ao despontar duma carreira literária cuja esplêndida actividade havia de abranger a crónica, a

novela, o conto, a crítica, a história, — o trabalho de fantasia, o trabalho do moralista, do erudito e do educador.

Essa obra em prosa é vasta e complexa, e nela se contém o melhor do espírito de quem a criou; mas eu creio que há também uma poesia subtil em que recordemos aqueles primeiros passos dados por quem havia de seguir a sua bela jornada, primeiros passos nas letras, os quais, só por si, não dariam talvez a glória à sua autora, mas encerram a palpitação mais sentida da sua mocidade, vivida numa velha casa solarenga, numa solidade propícia aos devaneios, aos pensamentos e às quimeras dum espírito moço e com talento, e ao contacto duma natureza melancólica, cuja impressão e cujo perfume por certo haviam de deixar no espírito de quem a sentiu e amou tanto, a indelével lembrança, a lição amorável, — e a saúde. . .

A Senhora D. Maria Amalia é uma senhora da sociedade que, num país como o nosso, realizou o verdadeiro milagre de viver nobremente pela sua pena; e se a todos os homens de letras honra sobremaneira esta camaradagem finíssima, não é menos certo que à eminente Senhora assiste a glória de nos haver dado um exemplo admirável de trabalho, de fecundo exemplo, de fé activa, de orgulhosa e santa independência, vivendo para as letras e pelas letras, guardando sempre a attitude altiva e doce duma grande Senhora, e servindo também a sua Pátria enviando para além do Atlântico, a êsse moço e enorme Portugal que se chama Brasil, as ideas da nossa tradição e da nossa cultura.

\*  
\*  
\*

Início de carreira literária, a *Primavera de Mulher* appareceu numa época em que uma senhora necessitava de certa coragem para publicar um livro. Nós hoje, nesta Lisboa de 1918, não devemos esquecer o que, para um facto como êsse, seria o meio da Lisboa de 1868, — a Lisboa ainda recolhida nos seus decorosos salões, que apparecia nos grandes bailes mas não passeava na rua, e em que, literariamente, Castilho era o monarca e o deus cuja realza e cujo culto haviam de ser abalados pela moça Escola irreverente de Coimbra, mas na realidade pouco abalados porque a sua côrte e a devoção que êle inspirava mantiveram-se vitoriosamente, assim como continuaram fielmente agrupados em volta dêsse velho encantador os seus discipulos e amigos. Castilho, tam grande artista e amoroso da nossa linguagem como

precursor em esforços de sincero educador, e ao qual a nossa geração dá hoje o altíssimo lugar que lhe compete, foi um dos padrinhos da *Primavera de Mulher*, e o velho bardo sentia orgulho em ter sido êle quem baptizara o poema daquela a quem chamou «a juvenil muza, que nos sahio inesperada como as Dryades, dos troncos da sua florida soledade».

Nessa Lisboa em que, vinte anos antes, Garrett representava uma admirável e perene mocidade de poeta, de dandy e de homem de espírito, e onde, ao tempo, o ingénuo e rude Herculano falava cândidamente de altos problemas de história aos janotas do Chiado que iam subindo com êle essa rua — *levando o Herculano ao peito*, segundo a frase do dandysmo da época — nessa Lisboa e nesse Portugal que aparecem já aos nossos olhos como que revestidos de verdadeiros tons arcaicos, se bem que não muito longe êles vão ainda, — foi realmente belo que uma senhora tam jovem rompesse com os preconceitos da sociedade a que pertencia e elevasse a sua voz ardente e ingénua nesse poema tam feminina e frescamente intitulado.

Por isso nós todos, que amamos a Poesia e consideramos mesmo a tradição lírica nacional como um dos mais belos segredos da resistência heróica da Raça, — porque em Portugal a poesia nunca foi um jôgo do espírito, mas foi sempre e é ainda uma das mais fortes razões da Nacionalidade, — nós todos devemos venerar na Senhora D. Maria Amalia Vaz de Carvalho um encantador e benigno espírito que não receou entoar, antes encantadamente entoou a sua canção vibrante de mocidade sob êste céu adorável de Portugal, — céu tam brando e suave que assume às vezes as proporções duma transcendente ironia, sorrindo às nossas incertezas e às nossas dores, e cobrindo mesmo as nossas agonias com o seu azul de eterna Primavera . . .

Foi Thomaz Ribeiro quem prefaciou a estreia dêsses líricos dezanove anos. Então já em plena glória, porque havia publicado essa já hoje outra vez para nós linda e enternecida novela em verso que se chama *D. Jayme* — e falo assim porque durante um certo tempo o *D. Jayme* sofreu o exílio a que o votaram outras escolas ou concepções de arte — Thomaz Ribeiro, então em plena glória e tendo recebido numa eleição de deputado uma das coroas de triunfo que o Estado em Portugal costumava dispensar aos poetas consagrados durante o período constitucional, — Thomaz Ribeiro conta no prefácio do poema, escrito com uma fami-

liar bonomia que a nós, imbuídos hoje de literatura e de arte, nos sugere desde logo as condições do meio, — como se achou interessado e depois encantado ao conhecer os versos duma *Primavera de Mulher*, de que o pai da jovem poetisa lhe falara uma vez no parlamento, com certo temor da vocação da filha, que ia, com êsse livro, revelar o cândido ardor duma mocidade excepcional. Seis anos depois da publicação dêste poema, publica a poetisa as *Vozes do Ermo*.

Já então a atmosfera literária tinha mudado.

Castilho ouvia ainda, extasiadamente e sorrindo na sua barba branca de homérico rapsodo, cantar aquela dourada cigarra de Anacreonte que vinha pousar na copa da sua olaia; mas o vento de ideas novas que soprara de Coimbra criara novas concepções, engendrara modas diferentes. Entretanto, dois poetas de génio se haviam revelado, — João de Deus e Anthero de Quental, o primeiro compondo algumas das suas líricas maravilhosas em que palpita, geme ou sorri o sentimento ancestral e amoroso da Raça, ao mesmo tempo tam puro e sensual, duma sensualidade tam plena de ternura e adoração extasiada, que por assim dizer ela se espiritualiza; Anthero de Quental tendo dado à luz êsse combate heróico do espírito que se chama *Odes modernas*, e tendo fundido no bronze das suas agonias intellectuais alguns daqueles Sonetos que entraram depois no seu livro definitivo e imortal. De envolta com as ideas fecundas, vieram, como sempre acontece, as ideas sectárias. Começou então a produzir-se aquela horrível prosa a que se chamou *poesia social*, e a ser moda desdenhar dos poetas sentimentais, como se fôsse possível existir um poeta que não fôsse sentimental, como se um grande poeta não tivesse de ser forçosamente um grande sentimental, e como se o problema não estivesse precisamente no modo de exprimir a sentimentalidade que deve animar todo o poeta.

Nesta nossa época tam cheia de dor — da maior dor humana da História — revive nas almas a admiração e a sêde da grande e pura arte do sentimento, — digamos a palavra: da grande arte romântica, não declamatória, mas idealista; e esta sêde é natural após a fadiga dos sistemas positivistas scientificos, desde que a propria sciência adquire cada vez mais a noção do Mistério que tudo envolve, começando, por exemplo, a física e a química a serem a magia e a alquimia. Toda a grande arte é romântica, e sempre de resto o foi, porque já Sthendal dizia, com a singular

finura do seu espírito adivinhador, que Shakespeare era o maior dos românticos.

É por isso que para alguns dêsses poetas, desde os belos rapazes do *Trovador* de Coimbra até o grande elegíaco Soares de Passos, poetas desdenhados pelas gerações positivistas, materialistas, preocupadas com sistemas e receitas da ciência e querendo, por causa da ciência, da política ou da filosofia, impor silêncio aos roussinóis, desdenhando dos temas imortais da mais bela poesia, que foram e hão-de ser sempre os temas do amor e os que o amor sugere, — é por isso que para alguns dêsses poetas se restaura agora a nossa admiração simpática, desde que nós acreditamos que, em poesia, é mil vezes preferível que um homem celebre, mesmo tímidamente, a emoção que lhe dá uma flor em que os dedos da mulher amada tocaram, do que declame, mesmo com eloquência, tiradas sobre um assunto satírico, didáctico ou político. Guerra Junqueiro, que escreveu *Os Simples*, uma das mais belas páginas do nosso lirismo, padecia nesta época dêsse desdém pelos que tinham o gosto e a coragem de colhêr mais comoção numa flor, — por exemplo numa bonina, que é por certo uma linda flor, — do que numa das chagas do D. João ou na psicologia dum dos cónegos da Sé de Leiria. Mas Junqueiro é um espírito tam alto que veio a ser infinitamente sentimental nos *Simples*, do mesmo modo que Eça de Queiroz acabou por fazer nos seus últimos romances uma descoberta na verdade tam interessante e comovedora para êle, que êsses belos livros seus são aqueles que o aparentam com a geração de hoje: — a descoberta de Portugal.

Ao aparecerem as *Vozes do Ermo*, num tempo em que a Senhora D. Maria Amalia usava o pseudónimo de Valentina de Lucena, Guerra Junqueiro publicou uns alexandrinos muito característicos da sua maneira de então, e em que se celebra o talento da jovem poetisa e se emmoldura essa admiração numa sátira dos poetas sentimentais da época, a cuja linhagem ela se aparentava, vinda da tradição antiga e forte de Castilho. Dêsses alexandrinos de Junqueiro, vou dizer a parte lírica em que o poeta conta graciosamente aquela a quem êle chama a «sublime criança», autora das *Vozes do Ermo*:

Ó sublime criança, ó meiga Valentina,  
Quando tu de manhã vês pastar na campina  
Entre o róseo nevoeiro o Pégaso selvagem,  
Atrevida e gentil, como um pequeno pagem,

Corres; sem mêdo algum bates-lhe sobre a anca,  
 Lanças à crina escura a mão nervosa e branca,  
 E rindo, sem fazer o mais pequeno esforço,  
 Dás um salto elegante e poisas-lhe no dorso.  
 E o cavalo, sentindo o pêso encantador  
 Da amazona gentil, — que é o pêso duma flor,  
 Caracola orgulhoso e vai pelos caminhos  
 Cheios de luz, de sons, de frémitos, de ninhos,  
 Pelos ricos vergéis, pelos virentes prados.  
 Obríga-lo a saltar as sebes dos valados,  
 E colhes, quando salta, um pâmpano de vinha . . .

\*  
 \* \*

Falando da eminente escritora, e lembrando que ela foi a mulher de Gonçalves Crespo, seria ocasião de recordar, ainda como um tema poético da sua vida, e até como o mais belo — visto que a mais bela poesia é aquela que se produz na acção e não a que se escreve — seria ensejo de recordar, dizia eu, as condições tam gentilmente romanescas em que estes dois delicados espíritos se descobriram, se conheceram e vieram depois a juntar os seus destinos. Neste momento, e sem indiscreção porque êste episódio pertence já por assim dizer à história literária, — basta que recordemos que Gonçalves Crespo era então estudante em Coimbra — essa Coimbra que, por uma espécie de fatalidade lírica, aparece ligada sempre a todos os factos ou legendas de poesia e de amor. Fazendo parte duma geração donde saíram bastantes homens de talento brilhante, trabalhando nas suas *Miniaturas*, onde há poesias belas, em que a concepção parnasiana vem embrandecida pela graça dum lirismo sentido, Gonçalves Crespo recebeu com os versos da poetisa que de longe cantava o seu hino fervente e ingénuo, a impressão decisiva da sua alma.

E foi de Coimbra que êle escreveu, à que havia depois de ser sua mulher, aquelas cartas que, na obra do poeta, devem ser as páginas mais vividas e formosas, porque foram escritas para a mulher amada, desvendando só para ela a encantação do seu segredo, criando só para ela a mais bela poesia que um verdadeiro poeta pode compor, e é a que é levada por essas andorinhas que cortam ansiosamente o azul saúdoso das distâncias: — as cartas d'amor à mulher amada. — Nesse lar de artistas, o culto da Poesia manteve-se sempre aceso, e ser-nos há grato recordar



a dedicatória dos *Nocturnos*, em que o poeta celebra numa estância enternecida a sua nobre camarada de espírito e a terna companheira do seu lar :

A ti, ó boa e rara e fiel amiga,  
A mais santa e a melhor das companheiras,  
A ti, ó flor mimosa e alma antiga,  
Doce Prémio que ris ao meu cansaço,  
A ti, ó meu Conselho, estas ligeiras  
Fôlhas que ponho a mêdo em teu regaço.

\*  
\* \*

Minhas Senhoras e meus Senhores: Vou terminar a leitura destas páginas, que eu sei bem nada podem acrescentar ao brilho da consagração promovida em honra da Senhora D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, nem muito menos poderão acrescentar uma parte de beleza à glória desta Senhora. Mas, falando de poesia, eu quereria empregar ao menos uma frase que nos encantasse com uma bela intenção poética, para por minha vez a ofertar à Senhora D. Maria Amalia; uma frase cuja alada gentileza pairasse acima daqueles louros que as academias conferem, e fôsse quanto melhor que todas as minhas pobres palavras; emfim, uma frase que contivesse todo o respeito, admiração e carinho pela escritora e pela Senhora ilustre. Buscando essa frase, recordo-me então destas palavras com que espiritualmente a define uma Senhora também muito ilustre, e que é uma das suas melhores amigas: — a *Fada de Santa Catarina*.

AFFONSO LOPES VIEIRA.





## O Brasil e os Professores Portugueses

Um recente telegrama da *Americana* — que tão bons serviços tem prestado à causa da aproximação luso-brasileira — dá-nos a notícia de que o Conselheiro Rodrigues Alves, futuro Presidente da República, se propõe desenvolver largamente a instrução primária e agrícola, tencionando dar aos professores portugueses as mesmas garantias dos seus colegas brasileiros, desde que aqueles se sujeitem a um exame de história e de geografia do Brasil.

A *Atlântida* regista com viva satisfação esta notícia, verdadeiramente sensacional, e que é um admirável sintoma de como e quanto o grande país irmão deseja viver em plena comunhão de espírito e de alma com o povo e a nação portugueses.

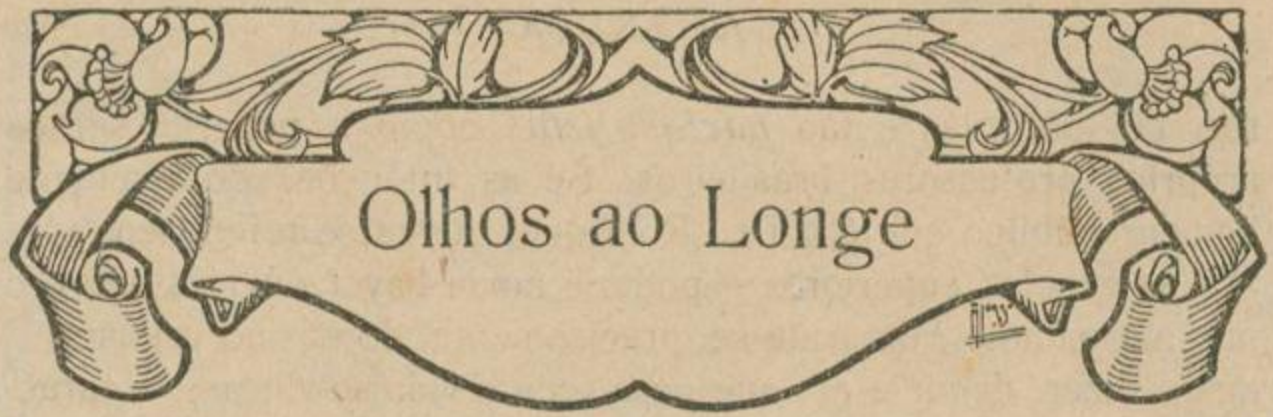
Ninguém desconhece, decerto, que o emigrante português é um óptimo elemento de nacionalização para o Brasil, pois que se adapta como nenhum outro à vida social, ao clima e à natureza transatlânticas, pois que possui no sangue, na raça e na sua psicologia, os motivos essenciais da fácil adaptação. Mas nunca o Brasil — segundo creio — dera até agora uma confirmação, uma sanção oficial ao reconhecimento desta verdade axiomática.

Se ela, porém, tardou um pouco, temos de reconhecer, no entanto, que nenhuma podia ser maior e mais importante. A alma dos povos forma-se, com efeito, pela influência dos seus educadores. E entregar a influência brasileira aos cuidados de professores portugueses, é considerar estes últimos brasileiros na-

tos, tão patriotas e tão *nacionalistas* como o poderão ser os próprios professores brasileiros. Se as intenções do eminente homem público que é o Dr. Rodrigues Alves se referissem apenas às escolas superiores — poderia ainda haver dúvidas sobre o que afirmamos. Mas trata-se, precisamente, do ensino primário — quer dizer, daquele em que para toda a vida se vincam os caracteres, se moldam as inteligências, se orienta a sensibilidade. Eis o que é preciso frisar. O Brasil, praticando êsse acto, reconhecerá, simultâneamente, o nosso direito a ser amados e estimados pelos seus naturais; e Portugal, mostrando-se grato a tão carinhosa iniciativa, deve compreender que, pela primeira vez, o Brasil o coloca na mais bela e na melhor situação entre todos os países que para lá deixam partir os seus emigrantes — pois entrega aos seus pedagogos a mais séria e grave tarefa que um Estado pode entregar a alguém: — a educação das crianças, que serão amanhã os orientadores e os construtores da consciência nacional.

J. DE B.





*Ao grande filósofo português Leonardo Coimbra.*

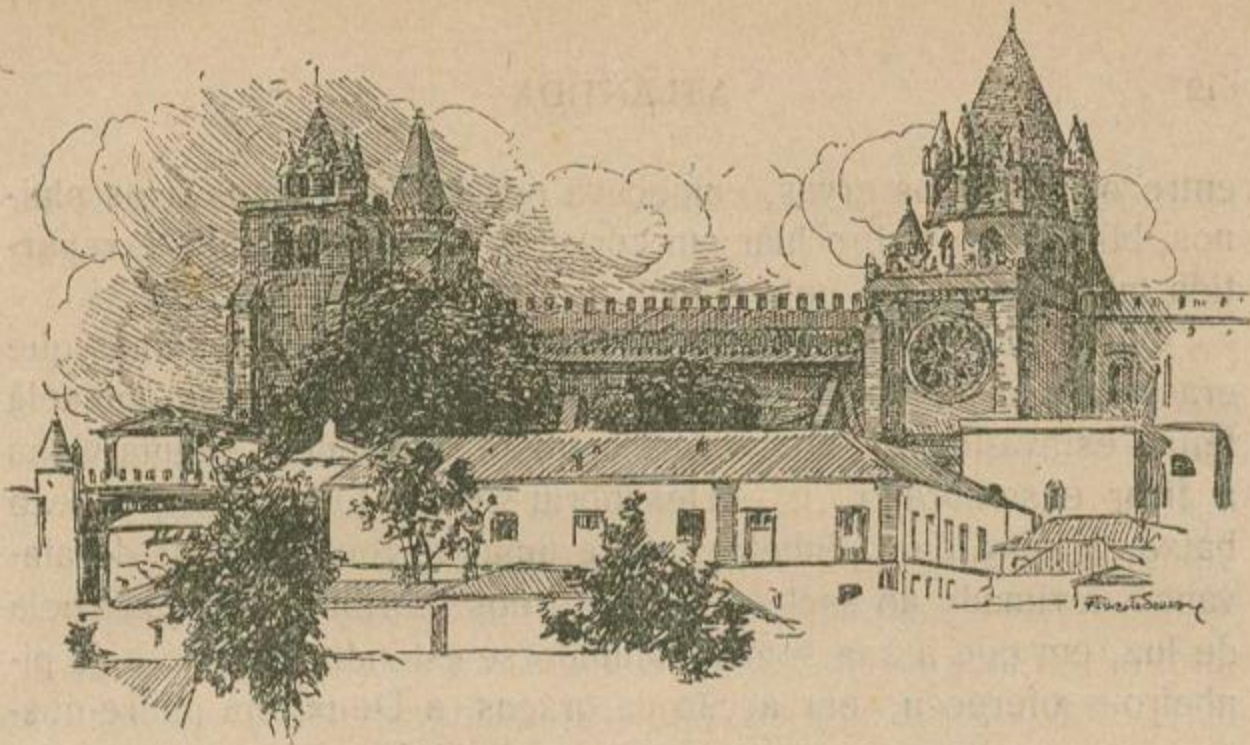
*Velhinhos, mensageiros do Passado,  
Aberto em vossas rugas a viver . . .  
Olhos cheios de Longe a receber  
A memória, o que foi . . . Sol apagado,*

*Crepúsculo de lágrimas molhado  
A Aurora prometendo . . . Eu quero ver  
A saúde que em vós vive a sofrer  
Fazendo-vos o olhar tão afastado . . .*

*Ensinai-me, dizei-me, o que passou,  
O que hei-de ser, o que eu agora sou . . .  
E se podeis falar-me na Outra Vida*

*Que já se vê na luz do vosso olhar  
Para esta amortecido . . . a terminar,  
Velhinhos, ao Passado estátua erguida . . .*

MANUEL SILVA.



## Ao deitar das águas

(EXCERPTO)

*Ao meu Irmão mais velho*

.....  
Quando chegou à Lameira das Moiras, pareceu-lhe dar fé de gente, adentro do pinheiral, ali a dois palmos dêle.

Seria, não seria, meteu ombros ao escuro — e, ao cabo de muitas passadas, no meio do mato, a uma réstea de luar vinda por entre os pinheiros, topou uma ovelha branca, tresmalhada, parida de poucas horas, lambendo ainda o reixelo, muito arrumada a um penedo.

Onde se encontrava, tão fora dos pisos seguidos pela bicharia de inverno, não era fácil que os lóbos viessem acometê-la; o frio, mesmo dobrado, não na faria entanguir-se; o dono, ao ser dia, breve daria com ela. E com isto se tornou à Lameira das Moiras, com o tino nos seus cuidados.

Cancha aqui, cancha além, ora de pé assente, ora em bicos de socos, atolando agora e logo nas luras das cavaterras — correu-a do cimo ao fundo, desde as arreatas e queirozes do pouso do alto até os tojos e panasqueiras brancas que a má limação dos outros anos havia ajuntado no fundal.

Levadas, regueiras, talhadoiros, veios estreitos, que cortavam e recortavam a Lameira em todas as direcções — tudo se achava sem desvio. A água esfervilhava nos merouços, escamugia-se por

entre o mato e as ervas, empoçava nos baixios, alagava os plainos, borbulhava sob o luar em coriscos de micas a bulir — repar-tida tal e qual como pela manhã a deixara.

Quasi não queria crer!... Há mais de cinco semanas que era todas as noites a mesma pouca-vergonha... Mas, daquela feita, estava-lhe a parecer que o traste ruim que o seguia vinha a ficar ensombrado... — Descobriu-se. E, todo negro, cabeça baixa, à beira dum pinheiro, sôbre umas terroeiras sêcas de alavanco, arrimado ao sacho — cercado dos rebrilhos da água cheia de luz, em que a sua sombra bulindo se estendia parelha à do pinheiro — ofereceu, em acção de graças, a Deus, um padre-nosso, — e, no mesmo responso a Santo António, se entregou a si e à ovelha parida.

Ao redor, entre as serranias e cabeços, só as águas se ouviram, marulhando a compasso... Nos amontoados das sombras o luar figurava ribeiros e lagos gelados...

Acabada a oração, com mêdo que de longe lhe divisassem o vulto talhado sôbre a Lameira, apressou-se a esconder-se, como fizera tenção, no meio dos urgueirais, à banda do açude cimeiro. E, amesendado na manta, em riba da caruma caída, ali se deixou, de sacho ao lado, bem encoberto, de orelha apurada e ôlho vivo — à espera...

Nas redondezas das serras ainda poisavam a espaços fiapos de nuvens acinzentados ou brancos, acima dos quais, como a re-bentar do geado azul do céu, se espalhava, faiscando, uma sementeira de estrêlas.

A lua, de largo circuito, sôbre o toitiço cascalhudo da Rapa-dinha, abrilhantava pelas costeiras a fria samarra dos lajedos desgastos pelos manguais.

Dos pinheirais de Monte-meão — que, às suas costas, novos, bastos, derreados pelo pêso das nevadas, subiam para a serra, quási a entestar com os do Corgo Ferreiro — vinha, como dum enxame distante, um zum-zum de ramos que se não viam bulir.

À sua frente, o açude cimeiro, plantado num traço de fraguedo que saía do cabeço, extravasava em cadência, num gru-gru grosso e fundo, pelos bordos e falhas das lanchas, entre chibatadas de vimes e moitas de fieitos e saganhos.

A Lameira das Moiras, coberta de água e luar, em rampa para o ribeiro, aos bocados ensombrada pela escuridão dos pinheirais, relampejava em faíscas seguidas, como um céu de es-

trêlas miúdinhas, empanado de longe em longe por farrapões de nuvens negras.

Ao fundo o rio, farto ainda pelo transbordar dos açudes e pelas escorralhas da Lameira, esgueirando-se pelo meio dos seixos e galgando os calhaus — gorgolejava sem descanso em toda a larga calada da solidão e da noite. Na banda de lá, à testa do pousado do Zé Órfão, a capelinha de S. Vicente, alva e triste como uma campã, branquejava na dianteira dos fechados pinheirais que, à beira dum atalho fragoso, abalam para Vilarinho.

À sua esquerda, nos refegos e luras da Lobagueira, em lombas de cascalho, maninhos sem um sargaço e ronhos de mato bravo — toda a grandura da serra, dobrada em cotovêlo, arrematava o lugar, crescendo para o céu estrelado com muitos vultos de calhaus acaçapados no cimo. Para baixo, à sua direita, a estreiteza da corga abria num boqueirão que cada vez mais se alargava, abrangia soitos, tapadas de centeio, sortes de milho, lenteiros de feno, pastagens, hortas, nabais... até que, abocanhando por último o pequeno outeiro da vila, outra vez se fechava, lá longe, na esvaída representação do alto do Sarzedo e das serranias de ao redor de Contim. E por todos aqueles ermos, alagados pelo luar e trespassados de frio, só a bem dizer a noite se pressentia — agachada nas sombras, cotovelos fincados, cabeça entre os punhos, jeitos de bruxa eterna!... — como que a espreitar o luar e a escutar o silêncio...

Metia respeito aquilo!...

Na negrura engavelada pela noite no interior dos matagais, a cada tôpo se representavam vultos de lobisomens e *más mulheres* tresmalhadas — que avançavam em negra dança até as clareiras geadas, onde o luar e o codo formavam poças luzentes. Os rolos da água vertida dos açudes, mordiscados de coriscos ou todos luzidios e duma côr de azeitona — eram como grados cobrões de pele enfarruscada e nédia, que saíssem da reprêsa a mergulhar e a espojar-se no rio.

O pinheiral do Rouquinho — que partia com a Lameira pelo nascente — de altos pinheiros bem arralados e limpos, parecia uma procissão de frades do outro-mundo, rezando pelas almas, com grandes chapéus de copa muito redonda.

Logo a duas canchas dêle, no chãosecô — do Floriano, um raio duma giesta esparralhada e bassoira, nascida dum calço, à sombra duma carvalheira despida — pondo-se a gente a fitá-la,

ganhava num repente parecenças com um endemoninhado morcego que, de asas abertas, pronto a levantar vôo, fôsse arremeter contra nós.

Os calhaus das cristas e dos tesos, compridos ou bogalhudos, com faíscas de luz nas águas empoçadas, ensalviçavam o pêlo que nem sapos desconchavados ou taludos lôbos à espreita. As serras, acinzentadas ou fuligentas, esvaídas pelo luar ou aumentadas pelo escuro, cheias de querruvinhas e dentuças no bravejar do fraguedo e do mato — cresciam para o céu . . . quási ficavam suspensas, numa negra sisma de desabar sôbre os campos.

O próprio gorgolejar do rio, mesmo a dois passos, não dava a conhecer se caía do luar ou se elevava da terra; e a sua constante toada, logo amortecida no sobressalto da paz e da mudez daqueles ermos, soava pelas chãs e pelas matas do vale, como o eco da toada de outras vozes, que, escondidas na noite, por ali andassem penando.

Em certas terras de grangeio, na chapada da luz, algumas fiadas de pedregulhos, aparecendo à flor do chão, lembravam ossos brancos de esqueletos, que as feras esfaimadas houvessem desenterrado, esgadanhando com fúria. De longe em longe um grito de noitibó, voando da galhadura dos castanheiros, punha numa tremura de mau agoiro toda a largueza da corga. Não corria uma aragem. O siasco que, ao desandar do dia, tinha arrepeado os pinheirais e estortegado os candos secos das macieiras e soitos, fugira ao deus dará, talvez com mêdo da noite. A frialdade do codo, muito serena à claridade da lua, espalhava-se no ar, caía nos alqueives e pastos, como se do alto peneirassem a eito poeiras de diamantes e infinitos milhares de bicos de alfinetes, a luzintir sem descanso. E o silêncio misturado ao luar e ao frio, a roçar muito ao de leve os arvoredos e fragas, — arrepiava como se fôsse o manto que algum fantasma deixasse no ar, ao fugir . . .

Metia respeito aquilo! . . .

E ao cabo de algum tempo, o Faca de Mato, com o corpo inteiriçado e a cabeça zaranza, ergueu-se, farto de esperar.

A névoa que vinha do Tedo, dava volta por Castelo, passava Beira-Valente, já se avistava em baixo, à fôlha da Veiga, entre o negrume dos maninhos da costa e a cardanhada da Vila — subindo . . . esfiapando-se, leve e esbranquiçada, sob as limalhas de luz, que caíam, sem despegar, continuamente do céu.



Rais parta! . . . Um frio de rachar . . . O meliante sem dar motivo . . . O melhor era ir-se . . .

Compunha a manta, bufava às mãos, descorçoado, sem coragem para se decidir por uma cousa ou outra.

Nisto — um ladrar de cães de gado, nas abas do Outeiro, nalguma acurrallada das dianteiras da vila. E no mesmo instante um soco no caminho que êle deixara, tropeando cauteloso na altura das lajes do Tomás.

Num repente de gato bravo, a celha descida, os dentes que nem castanhetas batendo com a fôrça do frio, os sentidos apurados como gumes de gadanhos — acaçapou-se de novo no meio do urgueiral.

Tudo porêem havia recaído no mesmo sossêgo de espera, apenas cortado de quando em quando pelo latido solitário de algum dos cães mais arisco.

Diabo! . . .

Adiante das lajes do Tomás, o João da Viúva costumava estender todos os anos uma comprida estrumeira. Quem quer que fôsse, seguindo sem furtadelas, entestaria com ela; e, mal a trilhasse, caminharia tão subtil como na lâ cordeirinha. Depois tinha que dar motivo, à portaleira do nabal do Namora, no fragedo que sai das fraldas do Tinhoso.

Tirou o chapéu; arrepanhou das orelhas a carapuça; ergueu a cabeça riçada acima das urgueiras, para melhor escutar.

Nada! . . . Só as águas gorgolando a compasso . . . as serras cada vez mais desvanecidas ou negras . . . O zum-zum dos arvo-redos imóveis . . . a lua, de largo circuito, à frente dum frangalho de nuvem toda esbeçada . . . um alma de cão dum frio capaz de gelar água-ardente.

Rais parta! . . .

Custava-lhe a suster-se deitado. O frio enclavinhava-lhe as mãos; esgarçava-lhe a pele dos beiços a cada golpe mais fino; passava-lhe pela soã enosilhada bocados de neve a derreter. Doíam-lhe as jogas das pernas e dos braços como se lhas estivessem britando em turqueses de caramelos; a cabeça boiava-lhe num fogo.

Ergueu-se; arreceu um nada mais para dentro do escuro; coseu o seu vulto ao vulto dum pinheiro.

Na tôrre da igreja, das amplas sineiras, as duas horas largaram . . . vararam a paz da noite com a debilidade de duas coru-

jas muribundas que ainda quisessem voar... A névoa do Tedo continuava a subir... Encieiradas pelo codo, as terras sêcas, ar-revoavam como taboleiros de maça bem tinta... As fôlhas dos chamiços e das ervas, que a água não atenrava, espetavam-se numa tesura de pontas de aço batido... As serras escutavam... E o ribeiro rumorejava mais abafado, com mêdo que o ouvissem...

O soco tramelou de novo; houve mesmo como que o rolar de pedras de parede sôlta sôbre o cascalho caído numa quelha.

Acto contínuo, o Faca de Mato, como se lhe tivessem espetado uma choupa entre os cornos, dobrou pelos joelhos — e outra vez se estirou entre o mato. O coração batucava-lhe com fôrça sob a estôpa da camisa encardida; os olhos, por entre os francelos das orqueiras e os espinhos do tojo, brilhavam-lhe como os dum lôbo.

Mas o frio aumentava. Era como se estivesse nu, deitado entre lençóis de gêlo. E, ainda por cima, um raio dum mocho saído dos pinheiros de Monte-meão, voou-lhe sôbre a cabeça — e foi poisar no toro duma nogueira do chão Floriano, dando os gritos tão doloridos e longos que alevantavam os ecos e estremeciam a noite.

Aquele excomungado vinha fazer pouco dêle... dar-lhe mau ar ao juízo!...

Apanhou umas pedras; ia corrê-lo à fragada, quando, súbito, o Tamanco deu sinal muito perto. Parecia descer pelo pousado do Zé Órfão, ora tramelando no cascalho, ora amortecendo nas carquejas e giestas.

O Faca de Mato ficou suspenso numa ânsia, com um grande mêdo de se enganar. Mas dali a nada, no dito pousado, por detrás da paredita da sorte do Floriano, apresentou-se-lhe um homem, parado, examinando, com um chapéu de aba larga, capote à cavalaria e sacho ao ombro.

Teve um sacão por todo o corpo, como para formar o salto. Conteve-se: atarracou os dentes para não baterem com o frio; deitou as unhas à sachola — e ficou imóvel, a cabeça riçada, os bigodes a roçarem no tojo, os olhos a fagulhar.

Entrementes o outro tinha-se desembaraçado do capote; avançava pelo lenteiro do Floriano, muito de vagar, cauteloso, cabeça para uma banda e outra a querer varar com a vista todos os escondos da noite.

Não no conhecia. O alma dum milhão de diabos pusera a ja-

queta do avesso; um lenço de lã atabafava-lhe os queixos; o chapéu derrubado acabanava-lhe os olhos. Mostrava ser valente, o grande filho dum cor... Alto, encostelado, o andar balanceante. Quando assentava os socos na terra parecia querer demonstrar que, contra a sua vontade, ninguém no arredaria dali.

E o Faca de Mato, cada vez sumido entre as urgueiras, queria ver se lograva descortinar quem era, antes de se virar contra êle.

Tinha chegado ao açude; metia o sacho fundo dentro de água — e dava-lhe todos os jeitos precisos para aluir e arrancar as capas e os rebolos postos ao alto, a represar a levada. A um alancão mais forte tudo se esbarrondou — e, mal se viu sem empecilhos, num repente, de roldão, como canalhada ao sair da escola, a água jorrou, galgou, aos trambolhões pela calhuada do Corgo.

O homem continuava firme, escanchado, os tamancões fincados em penedos redondos, a água a borbulhar-lhe aos pés, o sacho arredando uma pedra e outra — para secar bem a poçada.

Se estendesse a sachola, o Faca de Mato alcançá-lo-ia — e, com umas porretadas a fio, podia esbolhar-lhe os cascos, virá-lo de mergulho para dentro do açude esvaziado — dar-lhe num repente o trôco daquela acção. O melhor, contudo, seria conhecê-lo primeiro. — E, sem tujir, o frio a trespassá-lo com soveladas de gêlo, as repas do corpo erguidas como se visse lobo — continuava a esgrilar.

O fôrro da jaqueta era de baeta vermelha aos quartos pretos. Tinha os socos palmilhados com rodilhos de palha, as calças arregaçadas, um barbelão de prata a bamboar no colete. E nesse instante curvou-se, pôs um joelho em terra, escorou-se nos braços — e começou a beber num rêgo de água estrelada, que corria num caleiro aberto no fraguedo.

Àquela sêde fora de horas de quem na véspera houvesse tornado de feiras ou romagens, o Faca de Mato quási sem querer respostou com um assobio trinado de animar bêstas.

O outro alevantou-se de salto, espavorido, sacho nas unhas, braços em seitoira, pousado nos pedregulhos como um ujo negro do Távora prestes a investir. As ventas batiam-lhe, farava, num estremecimento de cão envenenado, os sítios de perto e as lonjuras.

Os pinheirais de Monte-meão e os urgueirais do açude zumbiam num amontoado de sombras, sem darem a conhecer fôlego

vivo. Na corga erguia-se a toada do ribeiro — e a névoa do Tedo subia... já quasi empanava, como um véu branco, os soitos do Vidual. Da outra banda — cafurnas de treva, charcos de luar, figurações de matas e de calhaus lutando de escantilhão pela rampa da serra acima.

Desconfiado, num arreceio de cair, ser trinçado nos dentes duma ratoeira, com os cabelos em pé, como um urso rosnando, canchou de novo para o chão do Floriano.

O Faca de Mato seguia-lhe os manejos sem quasi pestanejar, os olhos cheios de lume. A retirada alvoroçava-lhe ainda mais o sangue: davam-lhe ganas súbitas de despedir sobre êle, formar-lhe um pulo aos ombros, sacudi-lo nas unhas, esfandangá-lo às dentadas, escadoçar-lhe o corpo, joga a joga. E mal o viu deitar as mãos ao capote disposto a ir-se em paz, tratando-o que nem a um chibo atrevido, mandou-lhe uma fragada a uma perna; deixou o seu escondo; meteu-se à água; azangou para o lenteiro; e, com os dentes atarracados, gritou, direito a êle:

— Assim é que se tornam águas, ó filho duma égua?

Os ecos da Lobagueira, àquele brado de desafio e morte, ergueram-se estremunhados... largaram, num pavor, a berrar pelos outros ecos, como doidos mudos perseguidos... Um arrepio de assombro e susto varava os ermos calados...

O homem virou-se num relance, esquecido da perna combalida. Uma tremura de dor e de raiva sofreadas corria-lhe o corpo todo.

— Deixa ver os focinhos... — Tornou o Faca de Mato chegando-se.

— P'ra trás... — roncou o outro. E, como o Faca de Mato avançava, sorrateiro, disposto a fazer das suas, acrescentou noutro berro:

— Eh! matador das Seixas!

Outra vez os ecos assarapantados se ergueram e tresmalharam, pela escuridão das quebradas, em brados de terror... Uma tremura imitante à que as badaladas a finados costumam deixar nos sinos boiava no silêncio, sacudida brandamente da noite. E os dois inimigos caíram engalfinhados, numa luta de sacholadas e pulos. A cada tôpo a pá dum sacho, escorregando no cabo meio verguio do outro, abria talhadoiros de sangue nas mãos de qualquer dêles. Raras vezes, uma paulada certa pisava-lhe o casco como a uma noz ainda verde. Roncos e pragas abafadas perdiam-se na corga, como saídas de dentro de fundas tocas em que

bêstas-feras bulhassem. Ambos vertiam sangue. Quem visse de longe havia de pensar que eram dois avejões vindos da maior negrura dos montes — que assim batalhavam a tais horas, com as serras e o luar presenciando...

Numa dada altura, o Faca de Mato começou a recuar, a perder terra. O outro seguia sôbre êle, atacando numa fúria. O seu intento era malhar, malhar no inimigo. E vendo-o recuar sempre, quási não pensava já em livrar-se. O Faca de Mato fingia não perceber, aproveitava-se do descuido. E, logo que pôde, puxando uma catanada às mãos ambas, escaqueirou-lhe a cabeça como a uma púcara de barro preto cheia de sarrabulho e coalhada.

Cambaleou como um pinheiro a que cortassem o gavião; uma praga empolou-lhe a espuma ensanguentada que lhe ensaboava a bôca, — e caíu desamparado, aos roncões, sôbre uns poucos de tojos e sanganhos — que, no desespero da morte, torcia e arraigava.

— Aí... , rosou o Faca do Mato, a sacudir o sangue que lhe escorria na resta como um suor vermelho. E, lembrando-se, pôs-lhe um joelho no peito e desamarrou-lhe da cabeça o lenço todo ensopado no sangue que lhe lufava às postas da cabeça e da bôca.

Era o João da Viola — o que casara com a Maria de Alvite, um valentão que há um ror de tempo trazia o fito na Lameira e que arrendara naquele ano um lenteiro de feno logo abaixo.

O luar, cada vez mais claro, dava-lhes em cheio — mostrava na cabeça repuda do João da Viola as grossas beijas da brecha, por onde os miolos ensanguentados saíam — fazia relampejar a lameira e o rio — e aumentava o tamanho do vulto do Penedo da Pena, que se erguia no cume da Pelada, calado e negro, como um bruxo rezando malefícios.

Pela largueza da Corga a névoa do Tedo continuava a alastrar sôbre os soitos, serena e alva que nem um lençol de feiticeiras. E o mocho pousado na cruz da capela de S. Vicente, preto como um ponto de carvão, voltava a soltar, muito espaçados, os gritos doloridos e longos que sobressaltavam os ecos e arrepiavam a noite...

(Do conto dum Livro regionalista).

SEVES DE OLIVEIRA.

Leomil — Beira-Alta.  
ovembro de 1917.



## NOTICIA LITERÁRIA

*CONTOS ESCOLHIDOS*, por JÚLIO BRANDÃO — Lelo & Irmão, Pôrto

Júlio Brandão é dos nossos autores consagrados o de ideação mais romântica, sem deixar de ser, pelo vigor do seu espírito, tão moço como os mais moços do meu tempo. Na sua obra literária vasta e complexa de poeta, contista e investigador há um sentido admirável da bondade na vida, e se a sua arte não cabe nos moldes exactos do naturalismo é só por não extrair da sua própria alma e das demais senão o que em sentimento: — dôr ou alegria — possa ser beleza incontestada.

Júlio Brandão é um cultor da forma clássica que as próprias predilecções do tema literário subordina a uma regra de aprêço e de equilíbrio.

E se como poeta a preocupação da forma perfeita o absorveu sempre, como prosador, do mesmo modo, os segredos do classicismo o reduziram debruçando-o para as verdadeiras e inesgotáveis fontes da nossa melhor arte escrita.

Por isso se explica que alguns mais antigos que êle o repute mestre e como tal o considerem muitos dos que depois dêle chegaram talvez com outras exigências de sensibilidade e novas aspirações de espírito.

*Contos Escolhidos*, melhor do que qualquer dos seus livros em prosa, documentará o meu ponto de vista, porque pelo seu plano de selecção pode dar, aos poucos que conheçam mal a sua obra, a soma de impressões que permitam juízo seguro sôbre a nobre idealidade do escritor e as suas faculdades de expressão.

Acabo de ler os dezanove contos que se contêm no volumezinho precioso da biblioteca *Lusitânia*, dos meus velhos amigos Lelos.

Alguns eram já meus conhecidos, do enlêvo com que folheio sempre as páginas em que se sente um grande coração de poeta ou sôbre que paira uma exquisita alma de artista.

Ora Júlio Brandão tem grande coração de poeta e uma organização de artista superior que bem se sentem nos seus *Contos Escolhidos*, e até mais vivamente talvez do que na sua bela obra restante porque para êste volume trasladou o que a sua preferência distinguiu como mais belo.

E há uma simplicidade de tessitura neste contista que prova não poder êle nunca alhear-se do seu temperamento lírico.

As mulheres portuguesas, sobretudo, devem estar muito agradecidas a Júlio Brandão pelo seu novo volume. É que sob a forma de cartas, memórias e narrativas singelas e dentro do traçado parnasiano dos contos, raras vezes se movem tão doces e brandas figuras como as que pelos meus olhos acabam de passar sorrindo e chorando na prosa clara e luminosa de Júlio Brandão. A pintura dos frades que o escritor faz à maravilha integrando-os com perfeição na calma conventual; a evocação das figuras lendárias de cavaleiros e trovadores; a carinhosa ternura com que reproduz os ambientes familiares, sempre em límpida frase e em desenho moral de virtudes; as qualidades de observador que não se esquece nunca de poetizar figuras e cenários; tudo isto dá aos *Contos Escolhidos* uma superioridade incontestável a que gostosamente presto homenagem, agradecendo a Júlio Brandão o seu volume que acabo de ler deliciado.

*CANCIONEIRO DE COIMBRA*, por AFONSO LOPES VIEIRA

O Sr. Afonso Lopes Vieira, que é um ilustre artista do verso e tem como poucos o amor das cousas de Portugal, colleccionou, com o título de *Cancioneiro de Coimbra*, muitas das poesias, romances e cantigas dos poetas que na velha cidade dos doutores e na formosíssima paisagem de em redor se inspiraram:

Desde Garcia de Resende, Cristóvão Falcão e Camões, até o poeta coordenador dêste *Cancioneiro*, realizou-se uma vasta obra lírica de que muito do melhor aqui se encontra. Sobretudo desde a geração dos mestres do romântico até o Sr. Lopes Vieira muito poema inspirou o Mondego, e poucos dos muitos poetas que nele espaireceram os olhos deixaram de celebrar-lhe o encanto, a beleza dos Campos de Coimbra, a vida da Cidade dos estudantes, os amores vadios das tricanas, tudo o que a quem por lá passa dá sempre um admirável livro de memórias...

Excelente lembrança a do Sr. Afonso Lopes Vieira colleccionando os poemas que na tradição e na história de Coimbra, em honra da linda Inês e de Santa Isabel, se compuseram, e as cantigas tão ricas de sugestão lírica da mocidade estouvada que o povo adoptou com um senso admirável da beleza simples.

Ao lado do *Guia de Coimbra*, de Eugénio de Castro, fica bem êste roteiro poético da cidade doutora.

*ARTE NA ESCOLA: CERAMICA*, por JOSÉ QUEIROZ

O que aí se está fazendo pelo estudo dos artes populares, pela introdução da educação artística na escola, pela propaganda das indústrias de arte regionais, é um sintoma consolador de que enfim os artistas se resolvem a colaborar no rejuvenescimento do país. A obra de Vergílio Correia, Raúl Lino, José Queiroz e outros tem a sua parte especial nesse programa admirável, e agora mesmo, ao acabar de ler as 18 páginas da *plaque* do Sr. José Queiroz, daqui aplaudo quantos com optimismo e tenacidade batalham pela educação do povo.

José Queiroz é um artista e um estudioso e a prová-lo está o entusiasmo com que defende o papel fundamental de arte e de história na educação e com

que estuda a evolução dos moldes de cerâmica e dos seus elementos decorais, destringendo-lhe a sua filiação nas formas romanas e orientais e dissertando com ternura sobre as lindas faianças portuguesas.

*EÇA DE QUEIROZ* (Sua primeira fase literária), por ALFREDO DE CARVALHO. Lisboa

É um estudo de mérito o que o Sr. Alfredo de Carvalho fez nos artigos agora reunidos em volume.

Com os elementos que pôde colher em Leiria, e com o seu ponto de vista admirativo, o Sr. Alfredo de Carvalho presta o seu concurso para a obra de documentação biográfica e crítica que está preocupando, com mais ou menos êxito, de nossos homens de letras, empenhados ultimamente em reconstituir a vida de três das nossas grandes figuras literárias: — Camilo, Eça e Fialho.

Por este lado tem de olhar-se a nobre tentativa do Sr. Alfredo de Carvalho.

A vida e obra dos grandes escritores carecem bem de que as estudem os que os sabem ler e admirar; e embora desses estudos não possa ficar tudo como juízo definitivo, não há dúvida que muito ficará como material em que um apurado espírito crítico haja de desbatar um trabalho perfeito de análise que nos restitua em toda a sua complexidade a figura focada.

No caso de Eça de Queiroz, o volumezinho do Sr. Alfredo de Carvalho fica bem ao lado dos artigos notáveis de João de Meira. Ambos buscaram, na sua maneira pessoal de admirar o grande escritor, trabalhar para a sua glorificação.

O mesmo quis fazer o Sr. Antonio Cabral num volume em que há a agradecer-lhe o ter recolhido magníficos documentos, embora deva alguém de rir-se do pretexto que elle encontrou para publicar no fim desse trabalho o seu modesto retrato.

*POLICHINELO EM LISBOA*, pela Sr.<sup>a</sup> D. EMÍLIA DE SOUSA COSTA

A illustre senhora que escreveu o *Polichinelo em Lisboa* é das poucas organizações de mulher que acreditam na função educacional e nela vem gastando com uma ternura admirável o seu tempo, por ela dando de boa vontade o trabalho da sua inteligência e mais, e sobretudo, a bondade da sua alma. A educação infantil requiere especiais compleições de obreiros.

É à mulher sobretudo, pela excepcional formação do seu espírito, que essa função deve competir. Este livrinho está bem dentro dela, e certo a sua illustre autora não esmorecerá na sua encantadora missão de escrever obras de simplicidade como é natural, mas em todo o caso obras de inteligência, e da mais útil e da mais benéfica, que é a inteligência do coração.

*LIRA DE CIBELE E TRÍPTICO*, de MENDES DE BRITO

Está-se criando em Portugal uma literatura nova, em que há verdadeiras lucilações de talento mas que se prejudica muito pela falta de equilíbrio. Em verdade a entrega inteira do escritor à sensibilidade, abstraindo do trabalho da inteligência, está sendo a orientação mais seguida com desprazer para os que, reconhecendo o valor de sensibilidades apuradíssimas, têm de lastimar no emtanto que a falta de equilíbrio as não deixe completamente afirmar em obras belas.



O Sr. Mendes de Brito revela-se nas suas páginas de perdulário impressionismo um poeta com uma rara vibração emocional, que, não se exprimindo sempre nítidamente, contudo veste as suas imagens com estranha musicalidade, e há-de por certo em futura obra, ganhando em recorte de frase, fazer avultar a riqueza da sua imaginação.

*FASTOS PORTUGUESES*, por JÚLIO DE CASTILHO

Há neste livro de notável um vivo amor da natureza, que em alguns versos atinge um grande enlêvo e uma imprevista frescura da descritiva. É a natureza que o poeta melhor sente e melhor por isso trata nos seus versos brancos, que, se enfraquecem e se banalizam na crónica de certos factos, ganham na celebração da natureza toda a graça dos velhos ritmos clássicos.

De resto, é inútil os poetas quererem pôr em verso certos motivos que, de vulgares, o próprio ritmo poético destroem . . .

*PORTUGAL NA GUERRA E NA PAZ*, pelo Dr. COSTA LOBO — Coimbra

Esta conferência visou a contar o que um professor da Universidade de Coimbra, que é também oficial do exército, pôde ver na sua estada na frente da batalha.

Antes porêem da sua narrativa, julgou interessante o Sr. Dr. Costa Lobo estudar os antecedentes e as causas da guerra. E isso fez especialmente em relação à Alemanha, Inglaterra, França, Rússia, e Portugal analisando as responsabilidades da guerra. A parte mais importante da conferência é, porêem, aquela em que o Sr. Dr. Costa Lobo estudou a situação de Portugal na guerra, o valor da nossa cooperação militar e os problemas que a guerra pôs diante da acção dos homens públicos portugueses.

Trata-se dum longo trabalho em que, a par do conhecimento do assunto, se sente uma alma de verdadeiro português confiado nos destinos de Portugal e no valor dos seus soldados combatentes.

*SENHORA DA RENÚNCIA*, por AMÉRICO CORTÊS PINTO

Está-se em frente dum caso estético muito interessante. Um poeta, e além dum poeta um artista, é o autor dêste pequeno poema em que alguns ritmos de indiscutível beleza e algumas imagens de enleado desenho acusam, no meio da dispersão evocativa de em redor, qualidades superiores de orquestrador e pinturista do verso, não longe por certo de vincar definitivamente o seu modo de ser.

Recebemos também e agradecemos:

*Toadas*, livro de versos do Sr. Eugénio Ribeiro, em que se afirmam algumas faculdades emotivas; *Epifania do Silêncio*, algumas páginas de impressões do Sr. Gastão de Bettencourt; *De Portugal à Flandres*, cinco cartas de guerra do Sr. Mateus Moreno, que conta numa prosa vibrante alguns episódios da sua partida para França e da sua estada na frente de batalha; *Como Deus Castiga e Esparsos*, volume publicado pela casa Ventura Abrantes, em que se reúniram algumas novelas e estudos de Camilo Castelo Branco; *Horas de Silêncio*, versos do conhecido poeta Sr. João Maria Ferreira; *Setembro*, versos do Sr. Manuel do Carmo, que em algumas poesias revela inspiração e em quási todas afirma o seu culto da forma, uma das qualidades dos poetas brasileiros.

NUNO SIMÕES.

MÚSICA

## SOCIEDADE DE CONCERTOS JOAQUIM TURINA

A prestante Sociedade de Concertos, recentemente fundada sob a direcção artística de Viana da Mota, acaba de realizar nos dias 7 e 8 dêste mês, respectivamente, a sua terceira e quarta festa.

Animados com a lembrança das belas noites de arte devidas às excelentes e gentis concertistas do *Trio de Paris*, Mmes Caffaret e Caponsacchi e Mlle Astruc, os ouvintes acudiram, numerosos, a apreciar os apregoados talentos da cantora M<sup>me</sup> Aga Lahovska e do compositor-pianista Sr. Joaquim Turina. Não faltaram aplausos nas duas últimas funções da Sociedade de Concertos, nem pôde o público queixar-se de nelas ter perdido o seu tempo, embora seja um facto averiguado não terem aqueles dois notáveis artistas conseguido, em geral, determinar agrado correspondente ao mérito que indubitavelmente possuem. Tal sucedeu, sobretudo, em relação a Joaquim Turina, jovem e eminente compositor, a cuja actividade aliada à dos «maestros» Manuel de Falla, Courado del Campo, R. de Castera, Oscar Esplá, à da magnífica e laboriosa escola de Barcelona, à dos admiráveis *virtuoses* Ribo, Vinés, Casals, Manén e Quiroga a Hespanha deve o lugar de destaque que ocupa entre as nações musicais da Europa. Educado nos límpidos e seguros princípios da *Schola Cantorum*, o autor do festejado *Quarteto* baseado na canção andaluza, do poema sinfónico *La Procepción del Rocío* e das duas *suites* pianísticas *Sevilla* e *Album de Viaje*, é bem o representante dessa corrente que, em seguida à revelação wagneriana e em consequência das agitações, dúvidas e efervescências por esta suscitadas, encontrou para os músicos curso paralelo aos dos poetas que, após o surgir do fenómeno Víctor Hugo, renunciaram à lira pretensiosa, à tuba tonitroante e retomaram o violino, discreto e íntimo e a flauta amena. Discípulo glorioso da escola de Vincent d'Indy domina-o mui benéficamente a séria influência do autor do *Fervaal* e da trilogia sinfónica *Wallenstein*, o probo e austero compositor justamente considerado como o mais notável mantenedor, em França, do ideal de *purismo* musical devido a Franck. Se a nobreza e o saber são as duas qualidades proeminentes dêsse músico íntegro e elevado, capaz de paixão e de pujança, mas, acima de tudo, enamorado do classicismo, ansioso de arquitectura sonora e de severidade e pureza de estilo, em Turina claramente se patenteiam os traços vincados que tão pronunciadamente o assemelham a seu pai espiritual.

A estes característicos de escola vêm associar-se no autor da *Pantomina Novedad*, acentuando-os fortemente, os sinais distintivos da moderna geração de compositores espanhóis.

A idea que, geralmente, cortia na Europa acêrca da Espanha provinha do modelo único e consagrado fixado por Bizet e Chabrier, espécie de artigo comercial de privilégio competentemente registado e destinado a saciar a curiosidade mundial no tocante a pitoresco ibérico. Espanha da *Carmen*, das castanholas e dos *toreadores*, da *seguidilla* e de M<sup>me</sup> Carolina Otero, da *manzanilla* e do amigo *Lillas Pastia*, eis o aspecto consagrado e único!

Goya era ignorado ou tinha sido esquecido e com êle, como bem observa um notável crítico francês, esquecida estava a Espanha dos mendigos de Ri-

bera, dos Cristos esqueléticos e das virgens exangues de Moralés, dos angustiados monges de Zurbaran, a Espanha severa, árida, orgulhosa e altiva cuja pintura exige incisivos traços e sombrias côres, Espanha de água-forte e não de aguarela austera e impressionante como a nudez pungente de algumas das suas paisagens. É esta a Espanha que réaparece com freqüência nas obras dos seus modernos compositores ao mesmo tempo que uma interessante e nova maneira de ser a estes vai afastando, cada dia mais, do tipo tradicional caracterizado pela exuberância de manifestações emotivas.

Os artistas espanhóis contemporâneos, na verdade, diferem singularmente daqueles seus antepassados, meridionais ferrenhos tão largamente aproveitados em *libretos* de opereta: posta de parte a zombaria e o desdém com que era de uso fustigar o orgulho das nórdicas gentes, os de hoje dir-se há que capricham na execução duma nova fórmula de vingança, consistindo em humilhar aos antigos rivais pelo processo subtil e difícil de lhes roubar as mais raras e exclusivas qualidades.

Assim surgem, como traços dominantes na composição da estrutura anímica desta moderna geração, o pudor da sensibilidade, a completa disciplina técnica, a preocupação da minuciosidade no detalhe, a repugnância pela exteriorização espalhafatosa e indiscreta. Profundamente nacionalista, contudo, palpita nela, vivo e ardente, o amor pelas formas melódicas e rítmicas das canções e danças populares.

Este culto, porém, embora enternecido e fervoroso, é discreto e induz a um sábio e feliz aproveitamento dos elementos do respectivo *folk-lore*.

Da canção popular observam e aproveitam os jovens compositores espanhóis sobretudo o perfume e não os materiais temáticos, cujo emprêgo abusivo e inadequado em construções musicais é defeito de que tantos têm enfermado.

Não é vulgar, na realidade, este ponderado e acertado critério estético opondo-se à moda, tão generalizada, de, como diz Vinllermoz, *cultiver comme bois de charpente de frères arbustes dont il ne faudrait recueillir que les fleurs*.

Quem se encontrar um pouco ao facto das predilecções e tendências do nosso público necessariamente reconhecerá, pelo que fica dito, a manifesta impossibilidade de conseguirem entre nós pronto e unânime agrado produções da índole das de Joaquim Turina.

Apreciou-as, apenas, devidamente a restrita minoria composta daqueles que já tinham travado conhecimento com a *maneira* de seu autor pelas obras pianísticas cuja divulgação principalmente devemos a Rey Colaço; atingiram-lhe os múltiplos encantos os raros a quem uma mais completa educação ou uma mais afinada sensibilidade permitia tão delicado regalo. A restante parte do público, habituada a avaliar do mérito das obras musicais segundo o critério da apreensibilidade e facilidade de retenção de seus motivos, embuziou-se notavelmente, levando à conta de defeitos as admiráveis qualidades das composições de Turina.

E se bem se explica e compreende a insensibilidade verificada, não menos facilmente se entende esta atribuição de faltas, dado que sempre foi costume da humana impotência usar das espertezas de certa raposa da fábula...

Os deliciosos quadros sonoros que Turina nos revelou em suas duas *suites*.— *Sevilla* e *Album de Viaje* — ficarão contudo, no inestimável arquivo das

cousas preciosas, como modelos perfeitos de elegância, como tecido habilíssimo de expressivos e evocadores motivos apresentados e envoltos numa atmosfera *harmónica* de rara originalidade e acentuada poesia.

Painéis formosíssimos em que se patenteia a técnica mais firme e subtil possuem êles vigoroso e intenso colorido. Nascido êste, porê, de sábia e minuciosa gradação de delicados tons e não da aparatosa opposição de garridas e estonteantes côres, aos olhos de muitos a riqueza pictural de Turina é predicado que não existe.

Tambem nas citadas *suites* a variedade prodigiosa de ritmos é outro sinal de opulência e vigor que geralmente escapa aos amantes dum uniformismo que pela insistência os convence e arrebatá.

Tempo virá em que, graças a um desejável progresso do gôsto do público, as produções do interessante *maestro* espanhol hão-de conseguir agrado comparável ao que já entre nós alcançaram alguns números do seu *Poema* composto sôbre versos de Campoamor, recentíssima colecção de sugestivos *lieder* que o piano apresenta num prelúdio delicioso e na qual os *Cantares—Los dos miedos, Locas por amar*—são modelos perfeitíssimos do género, momentos felizes de inspiração que só atingem os privilegiados.

A. J.

### CONCÊRTO VIANA DA MOTA

A *Atlântida*, revista de literatura e de arte que tem sempre procurado manter uma atitude de respeito e de estímulo perante todas as verdadeiras manifestações artísticas do nosso meio, sente com profunda mágoa o facto, já notado em primeiro lugar pela *Capital*, da escassa concorrência ao último concêrto do insigne pianista Viana de Mota. Na verdade essa escassez demonstra bem a incultura do nosso público e quási permite supor que a numerosa sociedade elegante que se acama nos concertos dos domingos, no Teatro República, ali vai apenas num intuito de exhibicionismo fácil e de *flirt* cómodo. Mesmo assim, porê, não se compreende que não haja o decôro indispensável para fingir que, são apenas motivos de ordem estética os que levam o público a essas, aliás admiráveis manifestações do talento de Pedro Blanch e dos seus colaboradores — persistindo em manter igual afluência em manifestações de carácter idêntico e de valor indiscutível. Todos que puderam ouvir Viana da Mota nessa noite de suprema arte, em que M.<sup>me</sup> Viana da Mota cantou com excepcional brilho e o encanto de sempre algumas composições lindíssimas e, cremos, desconhecidas na sua quási totalidade dos *diletanti* portugueses, mais uma vez se extasiaram sôbre a técnica incomparavel do grande Mestre, admirado entusiasticamente em toda a parte onde se faz ouvir. Mas êsses todos eram muito poucos! . . .

Não quer esta simples nota senão lamentar o caso triste, sem de qualquer modo pretender estudar-lhe as causas, certamente vergonhosas para a nossa capacidade de cultura. Simplesmente, bom seria que o *snobismo* da nossa gente se lembrasse de aparentar ao menos maior coherencia, já que talvez lhe seja impossivel tê-la na realidade. . . .

R.

## REVISTA DAS REVISTAS

BOLETIM DA SOCIÉTÉ AMICALE FRANCO-PORTUGAISE : Lial da Câmara na sua bem justificável ansia de aproximar as suas duas pátrias — porque, na verdade, Lial da Câmara é quasi tanto francês como português — pôs-se à frente dêsse movimento e realizou a «Société Amicale Franco-Portugaise». O Boletim que acabamos de receber põe-nos em dia com a intensificação das nossas relações com a boa França, e, entre outros desenhos de valor que o ilustram, destacaremos a reprodução do belo cartaz de António Soares, premiado com cem escudos pela Junta Patriótica do Norte e exposto na *Amicale*, na exposição Arte e Guerra.

LA RESURRECTION D'UNE ARMÉE, pelo *Comandante Willy Breton, do exército belga* : É o décimo primeiro folheto dos *Cahiers Belges*. Através das suas cinquenta páginas, traçadas com sobriedade e com vigor, passa todos os sacrifícios, todos os esforços que representam a intransigência e a energia do bravo exército belga.

BULLETIN DE L'AMÉRIQUE LATINE : Lançado pela União das Universidades e das grandes Escolas da França em relações com a América Latina, êste antigo Boletim da Biblioteca Americana atinge realmente a missão a que se propôs. O número referente a Janeiro e Fevereiro abre com um artigo realmente admirável de exposição e profundidade, intitulado *La Démocratie de Mai*, no qual Henry Goy deixa transparecer um grande estudo sobre a situação económica da República da Argentina.

LA REVISTA : Defende afincadamente toda a pureza do catalão e os interesses da arte, da literatura, etc., da Catalunha. No seu número de Março colaboram, entre outros, Joan Estelrich, R. Rucabodo, J. Ruyra e Clares Riba, devendo-se destacar uma poesia dêste último, intitulada «Perrot de Marasqui».

EL CAMI : A mesma orientação e o mesmo intenso amor pela Catalunha que a anterior, lendo-se no seu número referente ao mês de Janeiro dois interessantes artigos : *Dietari del Mar de Barcelona* e *De la vida del Teatre i de l'optimisme*, relativamente de Josep Pla e Josep A. Vaudellio.

AGROS : É o boletim da Associação dos Estudantes de Agronomia e o periódico de propaganda agrícola. No seu último número, note-se, quis defender todos as bem louváveis tendências do desenvolvimento da acção agrícola do nosso país, escrevendo o Sr. João Borges sobre êste assunto um admirável artigo intitulado «Aspectos Agrícolas do Algarve».

REVISTA DO BRASIL : Recebemos os números referentes aos meses de Janeiro e de Fevereiro desta curiosa *Magazine* literária. De toda a sua colaboração, escolhida com requintada selecção, devemos mencionar quatro admiráveis trechos literários, que são : *O Mata-Pau* (por Monteiro Lobato); *Vida Ociosa* (por Godofredo Rangel); *Professor de Mombaça* (por Alberto de Oliveira); e *A nossa doença* (por Monteiro Lobato).

A GUERRA ILUSTRADA : A casa Gardenley está espalhando com pro-

fusão numerosas ilustrações e álbuns de fotografias em que se regista todo o momento dos últimos meses da guerra. As fotografias de extraordinário relêvo que a ilustram são conseguidas com artísticos aspectos. São verdadeiros documentos que muito servirão aos historiadores de amanhã — e que muito interessam aos homens de hoje.

REVISTA AMERICANA (Rio de Janeiro, Novembro de 1918): Orientada no mais moderno sentido da *Magazine* literária, científica e artística, e possuindo a colaboração preciosa dos intelectuais em maior evidência, tais como Nelson de Sena, João Pereira Barreto, Alípio Machado, Basílio de Magalhães, Jorge Jofim, Evaristo de Moraes e outros, a *Revista Americana* honra o Brasil. No número que temos presente evidencia-se um admirável artigo de política internacional: «As relações entre os Estados Unidos e o Brasil», devido a pena de Hélio Lôbo.

PANÓPLIA: Entrou já no seu segundo ano *A Panóplia*. Quem, como nós tiver seguido, número a número, os progressos artísticos desta interessantíssima revista brasileira, não terá de se admirar do extraordinário ambiente de simpatia que ela conseguiu conquistar entre o público. Dirigido pelo distinto homem de letras que é Homero Prates e englobando nos seus sumários nomes como os de Guilherme de Almeida, João Pinto da Silva e António Mota, o seu número de Janeiro é sem dúvida muito apreciável. Há, sobretudo, um soneto de Guilherme de Almeida, «Tristeza», e um desenho impressionista «Ofélia», de Di Cavalcanti, que nos suggestionaram numa impressão profunda de arte e de beleza.

---



---

## Notícias e comentários

### O EXEMPLO DO BRASIL

Quando o Brasil rompeu as suas relações diplomáticas com a Alemanha, desafiando assim uma nação que se dispunha a conquistar o mundo, deu provas duma coragem admirável. Essa longínqua terra do hemisfério meridional compreendeu que, no dia em que a Alemanha conseguisse aniquilar a resistência da Europa, ela se veria à mercê do alemão, vítima de ultrajes e de roubos como têm sido quantos ousaram estorvar a sua marcha conquistadora.

Expunha-se não só a uma vingança pavorosa e devastadora, mas também à revolta da grande população alemã que vive debaixo da sua égide. Aceitou o Brasil, intrépido e desinteressado, êsses perigos e tomou o seu lugar ao lado das Nações Aliadas, as quais oferecem tudo quanto possuem para alcançar a paz e a felicidade futura do mundo.

Entre as Nações Aliadas nunca houve esperança que a lialdade do Brasil pudesse resultar em auxílio material para a luta gigantesca; tinha-se a sua adesão à causa dos Aliados como mera expressão de simpatia e não de participação efectiva. Porém, sem alarde, vai o Brasil provando aos Aliados a sua

constância e a resolução não só de partilhar nos sacrifícios, mas de prestar maior auxílio do que se julgava compatível com a sua situação geográfica tão afastada do drama mundial.

Antes da guerra o progresso e a prosperidade dum país dependiam unicamente do seu comércio de além-mar. A Alemanha era um dos maiores compradores dos produtos do Brasil; importava café, borracha, tabaco e muitos outros artigos. (Emquanto ao tabaco, quão poucos brasileiros sonhavam sequer que os preciosos «charutos de Havana» não passavam de tabaco brasileiro preparado dum modo especial e envolto numa fôlha do verdadeiro tabaco de Havana; as caixas, os enfeites e os dizeres eram de fabrico alemão).

Quando por um impulso generoso um país sacrifica o seu comércio, o sentimento que promove êsse acto deve ser realmente profundo e verdadeiro. Rompendo com a Alemanha, o Brasil sacrificou muito. Bem o conhecia, porém não hesitou perante o sacrifício quando lho pediu a sua dignidade nacional; para manter essa dignidade teve a ousadia precisa: estendeu a mão aos Aliados e aventurou-se com êles na luta pela Causa Sagrada.

Ao tomar essa deliberação arriscou, talvez para sempre, o comércio lucrativo com a Alemanha, e além disso prontificou-se a sacrificar grande parte do seu comércio interno.

Para os que nunca tiveram a sorte de visitar a República do Brasil será caso de surpresa saber que a Alemanha, procurando estabelecer a sua supremacia comercial no mundo, fez ao Brasil a honra de empregar nesse país a enorme quantia de 50.000:000 de libras. Um capital estrangeiro de tal ordem traria para o Brasil resultados económicos e comerciais extraordinários, se, contudo, as negociações fôsem levadas a efeito sôbre bases comerciais honradas. No emprêgo dêstes fundos, porém, seria vantajoso ao Brasil tirar para si o maior proveito possível, estabelecendo por meio da sua própria actividade comercial uma barreira contra o perigo de ver germanizar todo o seu comércio. Fôsem quais fôsem, todavia, os benefícios alcançados, ao pôr-se tão resolutamente ao lado dos Aliados, o Brasil pôs de parte tais considerações. Além disso vai liquidando dum modo rápido e metódico todos os negócios bancários, industriais e comerciais do inimigo estabelecidos na República; e para tornar mais prática essa repudiação, todas as emprêsas que tenham directa ou indirectamente carácter alemão estão sendo rigorosamente sujeitas ao *boycot*.

Êsses mesmos que não conhecem o Brasil podem compreender por estes dados qual a sua resolução de lutar na causa da paz futura.

Porêm a nobreza natural dos seus sentimentos conseguiu um triunfo ainda maior — um triunfo que trará ao seu nome glória e immortalidade quando se escrever a história desta grande guerra. Avançou e feriu o inimigo com um golpe atordoador por via do seu comércio; porém não tardará a tomar parte no combate corpo a corpo nesta luta de vida e de morte. Os seus filhos nas universidades e nas escolas ofereceram-se à instrução militar para formar um contingente que irá tomar o seu lugar no *front* de batalha em França.

BEBAM AGUA DO ALARDO

Com tais actos de abnegação o Brasil dá o que tem de melhor : a vida dos seus filhos, as lágrimas das suas filhas e os frutos do seu solo.

Os brasileiros são uma raça reservada, cheia de confiança, sem ostentação — qualidades que se tornam ainda mais notáveis num povo do Novo Mundo — e despreza tudo quanto seja mesquinho ou aviltante. Em todas as suas relações com os outros povos tem mantido sempre estes seus característicos naturais. Não pode, portanto, causar surpresa que os brasileiros dessem provas tão convincentes da sua simpatia pela Causa Aliada.

As nações devem-se julgar pelos seus actos ; êste grande drama da guerra vai patenteando os característicos próprios dos seus povos — seja para bem, seja para mal.

Possa a mesma Causa Gloriosa inspirar nas Repúblicas Irmãs da América do Sul o ardente desejo de seguir o exemplo desinteressado do Brasil.

### UMA INICIATIVA OPORTUNA

FUNDA-SE EM LISBOA A SOCIEDADE DE SEGUROS «GLÓRIA PORTUGUESA»  
CUJO CAPITAL É DE DOIS MILHÕES E QUINHENTOS MIL ESCUDOS

O ambiente de expectativa, de curiosidade, de interêsse, e, sobretudo, de confiança, que se está formando em redor da Sociedade de Seguros «Garantia Portuguesa», ou antes, da «Gloria Portuguesa», como os seus fundadores resolveram últimamente intitulá-la, é realmente bem justificável. Sabemos que nos últimos tempos têm surgido em Portugal numerosas companhias seguradoras ; que a indústria de seguros atinge no nosso país proporções extraordinárias ; que ela se está desenvolvendo prodigiosamente ; que algumas dessas empresas se tornaram já verdadeiros potentados.

«— Mas então — perguntar-se há com natural espanto — porque é essa curiosidade, êsse interêsse, êsse sentimento de confiança que os nossos comerciantes, que os nossos industriais exteriorizam ante a formação duma nova sociedade seguradora ?»

«— Simplesmente por uma questão de capital — pela eloquência das cifras . . . — responderemos nós».

Sim — é essa a razão. Num meio estrangulado como o nosso, cuja existência sofreu durante muitos anos as asfixias de todas as crises, em que a iniciativa é uma palavra vã e em que o arrôjo dos capitalistas era, até há pouco, uma cousa que não existia — o arrôjo e a iniciativa dos fundadores da «Glória Portuguesa» são, de facto, dignos de especial referência.

O capital da «Glória Portuguesa» compõe-se, nada menos, de dois milhões e quinhentos mil escudos. Os senhores estão calculando, não é verdade ? o que representam estas cifras para o nosso país, no momento actual . . . A ocasião que se estava oferecendo ao nosso comércio e à nossa indústria para nos vincarmos internacionalmente por uma forma valorosa e profunda não tornaria tão cedo a bafejar-nos se não a aproveitássemos convenientemente. Jamais esteve tanto em jôgo o futuro económico de Portugal. Jamais a atenção do estrangeiro se debruçou tanto sôbre nós. Jamais os outros governos, os outros comércios, as outras indústrias se mostraram com esta vontade de intensificarem as suas relações connosco. Mas para que nos servissem todas essas vantagens, todas essas boas vontades, se os perigos que a guerra estabeleceu



em volta de cada iniciativa, unindo-se àqueles que a fatalidade já semeara sobre a terra, apavoravam e faziam recuar os mais destemidos, os mais arrojadados empreendedores?

É precisamente por isso que a «Glória Portuguesa» apareceu na maior das oportunidades. O momento é este — e não se repetirá. A «Glória Portuguesa» trazendo consigo os nomes desses admiráveis técnicos de seguros que são, sem dúvida, os Srs. Francisco Alves e João S. Monteiro, e dispondo do capital fabuloso que dispõe, vai pôr de pé, vai erguer até a realização absoluta muitas empresas que hesitavam, cheias de receio pelo insucesso, pela derrota. Agora não. Na facilidade de se fazerem escudar por uma admirável companhia de seguros, em que um capital de dois milhões e quinhentos mil escudos e a probidade incontestável dos seus dirigentes garantem a mais fiel prontidão, o mais seguro cumprimento e a mais rápida liquidação de todos os contratos, as iniciativas, mesmo as que demandem colossal arrôjo, começarão a surgir imediatamente. A fatalidade fica esmagada; regula-se o destino; e os empreendedores poderão finalmente entregarem-se descansados e tranquilos, à realização das suas obras, porque estão certos de que, se a desgraça bruscamente inutilizar o seu esforço, uma empresa seguradora existe que os indemnizará facilmente, sem demoras longas, sem hesitações, visto que possui um capital que pode sujeitar-se às provas mais violentas do destino.

A «Glória Portuguesa» tem já montado o seu serviço de propaganda. Nos seus escritórios, estabelecidos no Chiado, 80, trabalha-se rijamente para que em todo o país se saiba da sua fundação e para que se possa ver nela o «Templo de Providência» que representa. E bem em breve se verá que a nova Sociedade de Seguros é bem merecidamente uma «Glória Portuguesa».

.....  
E eis porque é que em redor da Sociedade de Seguros «Glória Portuguesa» se está formando um ambiente de expectativa, de curiosidade, de interesse e, sobretudo, de confiança...

### UMA CONFERÊNCIA SOBRE PORTUGAL

A *Atlântida* publicará no próximo número a admirável conferência do Secretário da Legação Portuguesa em Londres, o nosso amigo J. A. de Bianchi, realizada no *King's College*, e que tão lisonjeiras referências mereceu da imprensa inglesa.

### HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA

Por lapso, não saíu entre os nomes dos convivas que assistiram ao banquete oferecido ao nosso director o nome ilustre de Henrique Lopes de Mendonça, um dos que decerto mais contribuiu para dar tanto brilho a essa festa de homenagem. Ao nosso eminente amigo e colaborador pede a *Atlântida* perdão por essa involuntária falta.

### A ATLANTIDA

As últimas greves atrasaram enormemente a publicação do último número da *Atlântida*, o que nos força a fazer sair os n.º 29 e 30 no mesmo fascí-

culo. Do atraso pedimos desculpa aos nossos assinantes, que de qualquer maneira tentamos compensar com a reprodução a côres dum quadro do illustre pintor brasileiro Navarro da Costa. De hoje para o futuro, de resto, a *Atlantida* trará sempre na capa reproduções a côres de quadros notáveis.

Por falta do papel em que habitualmente se imprimia a revista, fomos forçados também a mudar-lhe um pouco o formato; e, por motivo do acréscimo de preços da composição e da impressão, a aumentar o preço da *Atlantida*.

Todo o público, que decerto conhece as dificuldades, quási insuperáveis, em que se debatem agora as emprêsas editoras, perdoará sem dúvida essas pequenas diferenças no aspecto e no preço da revista, que só por grande amor às letras luso-brasileiras sustentamos, e mantemos neste período tão árduo para todas as publicações.

\*\*\*

A *Atlântida* publica hoje a reprodução a côres dum quadro de Navarro da Costa — o delicioso pintor marinhista brasileiro que há dois anos vive em Portugal trabalhando afanosamente para a aproximação artística de Portugal e Brasil. Artista de talento superior, consciente, probo, seguro e inconfundível, Navarro da Costa apenas chegado entre nós para logo se destacou pela excelência dos seus trabalhos dum mérito incontestado, e que de justo lhe valeram em 1916 a medalha de ouro, honra que até hoje nenhum artista estrangeiro havia alcançado. Realizando várias exposições aqui em Lisboa e no Pôrto em todas foi bem sucedido, sendo apreciado como de justiça merece, colocando trabalhos seus tanto no nosso Museu de Arte Contemporânea como no Museu Municipal do Pôrto. Modesto e trabalhador, amando esta terra portuguesa com um amor verdadeiramente filial, Navarro da Costa goza hoje em Portugal das gerais simpatias, tanto dos seus colegas artistas como de todas as pessoas com quem convive. A *Atlântida*, publicando hoje a côres um trabalho seu, apenas tem em vista prestar ao artista insigne e ao ardoroso paladino da aproximação artística dos dois países irmãos uma humilde homenagem de sincero agradecimento por tão útil como vantajosa idea, hoje completamente conquistada.

### AS NOVAS EDIÇÕES DA «ATLANTIDA»

No próximo mês de Maio serão postas à venda as novas edições da *Atlantida*.

PEDRO, O CRUEL — por ANTÓNIO PATRÍCIO.

CAMINHO DA ATLANTIDA (uma campanha luso-brasileira) — por JOÃO DE BARROS.

AMOR (poema lírico) — por JOÃO GABRIEL DA GANDARA.

